

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO ACADÊMICO**

**AS REPRESENTAÇÕES VISUAIS DE GETÚLIO
VARGAS NAS PÁGINAS DA *REVISTA DO GLOBO*
(1929-1937): DE GAÚCHO A CHEFE DA NAÇÃO**

Eduardo Barreto de Araújo

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO ACADÊMICO**

**AS REPRESENTAÇÕES VISUAIS DE GETÚLIO VARGAS NAS
PÁGINAS DA *REVISTA DO GLOBO* (1929-1937): DE GAÚCHO A
CHEFE DA NAÇÃO**

elaborada por
Eduardo Barreto de Araújo

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em História

COMISSÃO EXAMINADORA

Cássio dos Santos Tomaim, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Carlos Henrique Armani, Dr. (UFSM)

Cláudio de Sá Machado Júnior, Dr. (UFPR)

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, Dr. (UFSM)
(suplente)

Santa Maria, 15 de janeiro de 2015

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao professor Cássio dos Santos Tomaim pela orientação, pela paciência eu ouvir e compreender as ânsias e angústias de um mestrando, pelas famosas “correções” dos capítulos desta dissertação. Gostaria de agradecer por ter contribuído para o meu amadurecimento intelectual e crescimento como pesquisador. Um agradecimento também ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria pela oportunidade concedida e pela aposta em minha pessoa. Aos meus colegas um grande e forte abraço.

Também um agradecimento aos meus pais Araújo e Cristine, que desde que *“quando um certo alguém cruzou o teu caminho e te mudou a direção”* me concedem apoio, carinho e amor. Um beijo carinhoso ao meu tio “Duda”, pela coragem.

Não poderia faltar um agradecimento especial para as duas mulheres da minha vida. Helena e Roberta, vocês concedem graça, beleza e amor à minha vida. Sem as madrugadas regadas a chocolate e desenhos a minha vida não seria a mesma. Qual o homem que tem o privilégio de estar acompanhado por pessoas tão especiais?

RESUMO

Defesa de Dissertação
Programa de Pós-Graduação em História
Universidade Federal de Santa Maria

AS REPRESENTAÇÕES DE GETÚLIO VARGAS NAS PÁGINAS DA *REVISTA DO GLOBO* (1929-1937): DE GAÚCHO A CHEFE DA NAÇÃO

AUTOR: Eduardo Barreto de Araújo
ORIENTADOR: Cássio dos Santos Tomaim
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 15 de janeiro de 2015.

Este trabalho está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria e inserida dentro da Linha de Pesquisa Integração, Política e Fronteira. Buscamos apresentar e analisar as representações de Getúlio Vargas nas páginas do periódico *Revista do Globo* entre os anos de 1929 até 1937, bem como apresentar a revista como o maior veículo de informação do Estado do Rio Grande do Sul dentro de seu estilo. Buscamos também apresentar uma análise da imagem de Getúlio Vargas desvinculada à primazia dada ao Departamento de Imprensa e Propaganda e apresentar a utilização de sua imagem em um período anterior ao que tradicionalmente a historiografia elege. Para tanto, elegemos em termos metodológicos a imagem como fonte para o historiador, reconhecendo-a como portadora de memória, bem como de representar o passado.

Palavras-chave: Getúlio Vargas, representações, *Revista do Globo*, imagem.

ABSTRACT

Dissertation Defence
History Postgraduation Program
Federal University of Santa Maria

VISUALS REPRESENTATIONS OF GETÚLIO VARGAS IN THE PAGES OF MAGAZINE *REVISTA DO GLOBO* (1929-1937): OF GAÚCHO TO NATION CHIEF

AUTHOR: Eduardo Barreto de Araújo
ORIENTATION: Cássio dos Santos Tomaim
Date and place of defense: January 15, 2015, Santa Maria.

This work is linked to the Graduate Program in History at the Federal University of Santa Maria and inserted into the Research Line Integration, Politics and Frontier. We present and analyze the representations of Getúlio Vargas in the pages of the magazine *Revista do Globo* between the years 1929 until 1937, and to present the magazine as the largest vehicle of Rio Grande do Sul state information within your style. We also tried to present an analysis of the image of Getulio Vargas unrelated to the primacy given to the Departamento de Imprensa e Propaganda and present the use of his image in a period prior to that traditionally elects historiography. Therefore, we elected methodologically the image as a source for the historian, recognizing it as a bearer of memory, as well as to represent the past.

Palavras-chave: Getúlio Vargas, representations, *Revista do Globo*, image.

4. LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Revista do Globo, 1929, nº 14.....	36
Figura 2. Revista do Globo, 1934, nº 150, p. 26.....	42
Figura 3. Revista do Globo, 1935, nº 169, p. 97.....	43
Figura 4. Revista do Globo, 1930, nº 48, p. 40.....	47
Figura 5. Revista do Globo, 1930, nº 28, p. 1.....	48
Figura 6. Revista do Globo, 1929, nº 7, p. 2.....	49
Figura 7. Revista do Globo, 1930, nº 45, p. 8.....	50
Figura 8 – Revista do Globo, 1930, nº 41, p. 5.....	50
Figura 9 - Revista do Globo, 1929, nº 7, p. 82.....	51
Figura 10 - Revista do Globo, 1929, nº 7, p. 54.....	52
Figura 11 - Revista do Globo, 1931, nº 64, capa.....	58
Figura 12 - Revista do Globo, 1933, nº 123, p. 9.....	66
Figura 13 - Revista do Globo, 1929, nº 5, p. 14.....	70
Figura 14 - Revista do Globo, 1930, nº 43, capa.....	71
Figura 15 - Revista do Globo, 1929, nº 17, p. 25.....	74
Figura 16 - Revista do Globo, 1929, nº 18, p. 28-29.....	76
Figura 17 - Revista do Globo, 1930, nº 25, p. 42-43.....	79
Figura 18 - Revista do Globo, 1930, nº 45, p. 32.....	83
Figura 19 - Revista do Globo, 1930, nº 46, p. 36.....	84
Figura 20 - Revista do Globo, 1930, nº 46, capa.....	86
Figura 21 - Revista do Globo, 1930, nº 47, p. 29.....	87
Figura 22 - Revista do Globo, 1931, nº 61, capa.....	90
Figura 23 - Revista do Globo, 1931, nº 64, p. 27.....	91
Figura 24 - Revista do Globo, 1931, nº 64, p. 30.....	94

Figura 25 - Revista do Globo, 1931, nº 64, p. 291.....	95
Figura 26 - Revista do Globo, 1931, nº 64, p. 292.....	96
Figura 27 - Revista do Globo, 1934, nº 150, p. 8.....	98
Figura 28 - Revista do Globo, 1934, nº 150, capa.....	100
Figura 29 - Revista do Globo, 1934, nº 50, p. 9.....	101
Figura 30 - Revista do Globo, 1935, nº 163, p. 5.....	103
Figura 31 - Revista do Globo, 1935, nº 170, p. 25.....	104
Figura 32 - Revista do Globo, 1935, nº 170, p. 35.....	105
Figura 33 - Revista do Globo, 1929, nº 2, p. 21.....	105
Figura 34 - Revista do Globo, 1929, nº 6, p. 39.....	107
Figura 35 - Revista do Globo, 1929, nº 3, p. 27.....	107
Figura 36 - Revista do Globo, 1929, nº 10, p. 25.....	109
Figura 37 - Revista do Globo, 1929, nº 10, p. 20.....	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 - O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO.....	12
1.1 - O debate pelo conceito no campo da História.....	13
1.2 – Representação e fronteira no sul do Brasil.....	16
1.3 - O lugar da fotografia na pesquisa histórica.....	20
2 - TRAJETÓRIA POLÍTICA DE GETÚLIO VARGAS.....	30
2.1 - Getúlio Vargas: o homem político.....	31
2.2 - O mito político.....	36
2.3 - Da Carta de 1934 ao Estado Novo: as bases da ditadura de Vargas.....	40
3 - A REVISTA DO GLOBO: ESPAÇO DE REPRESENTAÇÕES.....	45
3.1 – A <i>Revista do Globo</i> e a renovação da imprensa do Rio Grande do Sul.....	52
3.2 - Imagens no periódico do Globo: o caso de Getúlio Vargas.....	54
4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	56
4.1 - Imagens e textos: proposta de análise.....	64
5 - DE GAÚCHO A CHEFE DA NAÇÃO: AS BASES PARA A CONSTRUÇÃO DO MITO POLÍTICO DE GETÚLIO VARGAS.....	68
5.1 - Sorriso, carisma e poder.....	72
5.2 - A <i>Fotografia</i> como “documento para a História”: a imagem de Getúlio Vargas no especial da <i>Revista do Globo</i>	88
5.3 - Mesmo personagem, uma nova abordagem: a representação do líder nacionalista.....	97
5.4 - Aspectos da vida social.....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado incentivada através de bolsa CAPES/FAPERGS tem como objeto de estudo a construção das representações visuais de Getúlio Vargas a partir das páginas da *Revista do Globo* entre os anos de 1929 a 1937. Baseando-nos na ideia de que os usos dos meios de comunicação ocultam relações de poder e que, por sua vez, colaboram na afirmação dos projetos políticos, torna-se importante um estudo que pretenda investigar o funcionamento dos mecanismos da imprensa do Rio Grande do Sul, no caso específico da *Revista do Globo*.

O estudo deste periódico contribui para melhor compreendermos o significado e o alcance da atuação de Getúlio Vargas no processo histórico de formação e diferenciação da política gaúcha e nacional, bem como a utilização de sua figura como símbolo de uma ideia e uma ideologia política sendo construída na década de 1930.

Cabe ressaltar que a *Revista do Globo* atingiu grande importância como veículo formador de opinião em uma fase do jornalismo brasileiro conhecido como “informativa moderna”, caracterizada pelo afastamento da imprensa das ligações político-partidárias orgânicas, pela busca da sustentabilidade via consumidores e publicidade e pela modernização técnica e administrativa da empresa jornalística (RÜDIGER, 1993, p.50).

Apesar de abdicar do jornalismo político-partidário que caracterizou a imprensa brasileira até o final do século XIX, a *Revista do Globo* manteve simpatias e adesões a projetos e campanhas políticas, entre eles, o de Getúlio Vargas.

Assim, acreditamos que estudar os usos da imprensa – através das representações por ela veiculadas – colabora para compreender um conjunto de mecanismos que, muitas vezes, passam por naturais e característicos da normalidade política, mas sustentam a lógica da criação/manutenção de verdadeiras figuras míticas nesse espaço de atuação pública.

Para tanto, a análise de casos particulares – como o de Getúlio Vargas – ajuda no entendimento dos usos políticos da imprensa moderna na sociedade como um todo, tornando possível revelar o uso dos periódicos que acabam colaborando para a consolidação de posições políticas, além de serem veículos formadores de opinião e espaços de divulgações ideológicas. Pode-se, ao analisarmos o caso específico da *Revista do Globo*, identificar e analisar os possíveis padrões de desigualdade/participação política entre indivíduos de uma mesma sociedade, em que tais padrões não se estabelecem por leis

naturais, conseguindo assim examinarmos como se dá a construção dos mitos políticos pessoais a partir de processos históricos dinâmicos.

Muito hábil em utilizar sua imagem, Getúlio Vargas passou à História como o “pai dos pobres”, sendo que a partir da sua morte em 1954 foi aclamado e reverenciado como verdadeiro líder nacional e uma figura importantíssima para a grande parcela da população brasileira, vide o tamanho da mobilização popular em seu funeral, bem como os eventos de protestos que se seguiram à sua morte.

Na historiografia consagrada a respeito da imagem de Vargas e seus usos como instrumento de propaganda política, costuma-se ter o Estado Novo como marco inicial da utilização da propaganda da figura política de Getúlio Vargas. Porém, pretende-se com este trabalho demonstrar como este processo de utilização da imagem de Vargas teve início muito antes, de forma localizada e específica, mas que mantém traços de aproximação com as técnicas utilizadas durante o Estado Novo, em que Vargas figura como o líder máximo e carismático da Nação em livros didáticos, programas de rádio, cinejornais, revistas ilustradas e livretos de propaganda do governo.

Dentre os nossos objetivos específicos estão: 1) mapear as diferentes representações de Getúlio Vargas veiculadas na *Revista do Globo* durante o período estudado; 2) identificar as diferentes tipologias de imagens e discursos acerca de Getúlio Vargas; 3) identificar a construção ideológica e o discurso produzido a respeito da criação de Vargas como mito político; 4) por fim, estabelecer diálogos e contrapontos com a produção historiográfica acerca da construção do mito político de Vargas em geral e as suas representações nas páginas da *Revista do Globo*.

Após o estabelecimento dos objetivos, é preciso localizar e problematizar o conceito de “representação” dentro de um plano mais amplo de discussão, ainda em desenvolvimento dentro do campo da História. Para tanto, é necessário uma breve contextualização do percurso da História Cultural, bem como a contribuição decisiva que a chamada “Escola dos *Annales*” trouxe para a mudança de paradigmas da produção historiográfica, ampliando o campo de atuação do historiador e ampliando também as possibilidades de narrativas e fontes.

Ao historiador foi exigida a busca por diálogos interdisciplinares, a fim de estabelecer um campo próprio para sua atuação, sem abandonar suas bases históricas, mas ampliando seu aporte teórico com novas ferramentas de análise. A História Cultural, onde

se encontram os estudos acerca do Imaginário, é resultado desta caminhada que se deu ao longo do século XX e amplia-se durante as primeiras décadas do XXI. Esta dissertação encontra-se como resultado deste percurso e do diálogo com autores que sustentam e baseiam os estudos envolvendo o Imaginário individual e coletivo a cerca da figura de Getúlio Vargas na *Revista do Globo*.

CAPÍTULO 1 - O CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO

A chamada “Escola dos *Annales*” abriu caminho para os mais diversos campos da História, criando perspectivas novas de pesquisa e, principalmente, utilizando novas abordagens e novas fontes para a pesquisa histórica. Não que esta façanha seja exclusiva dos historiadores franceses vinculados ao grupo dos “*Annales*”, visto que uma série de historiadores de diversas correntes historiográficas também contribuíram para, ao longo do século XX, iniciarem uma verdadeira revolução no modo de pensar a História. Como exemplo podemos citar os historiadores ingleses como Eric Hobsbawn e E. P. Thompson e os intelectuais da “*Escola de Frankfurt*”.

Um destes campos “abertos”, por assim dizer, pelos historiadores da terceira geração dos “*Annales*”, após as décadas de 1970/80, foi o da imagem como possibilidade e alternativa de fonte histórica, para além das fontes escritas. Através de conceitos, teorias e metodologias oriundas do diálogo com diversos campos como a arte, a semiótica e a fotografia, historiadores debruçaram-se sobre este novo objeto, criando novos campos e novos paradigmas, estabelecendo novos diálogos e possibilidades para além do arquivo e da concepção tradicional de fonte, que outrora dominou o campo de pesquisa da História privilegiando apenas as fontes escritas.

Localizado dentro da História Cultural, o campo da História do Imaginário e os debates que emergem das obras e dos historiadores que atuam nele irão subsidiar nosso trabalho, que tem como base a análise das imagens como elementos representativos. Não se trata de pensar a imagem somente como um elemento iconográfico, mas compreender as imagens como geradoras de discursos e práticas individuais e coletivas, como protagonistas em dimensões micro e macro do passado histórico.

Distanciamo-nos um pouco da História das Mentalidades para seguirmos em um campo diferenciado como o do Imaginário, não perdendo de vista o diálogo entre os dois. Levando em conta que uma História das Mentalidades visaria muito mais o alcance macro das imagens e discursos, procuramos aqui explorar o imaginário, localizando esta diferença entre estes dois campos da História. Para José D’Assunção Barros, a diferença entre os dois campos está no fato da História das Mentalidades buscar uma compreensão coletiva dos modos de sentir, enquanto que a História do Imaginário:

[...] volta-se para objetos mais definidos: um certo padrão de representações, um repertório de símbolos e imagens com a sua correspondente interação na vida social e política, o papel político ou social de certas cerimônias ou rituais, a recorrência de determinadas temáticas na literatura, a incorporação de hierarquias e interditos sociais nos modos de vestir, a teatralização do poder (BARROS, 2012, p. 346).

Além desta busca por objetos mais definidos, o autor esclarece que a noção de imaginário conserva interface com a noção de “representação” e, em algumas situações, os campos originados por esses dois conceitos se invadem reciprocamente (BARROS, 2012, p.342).

O conceito de “representação” é polissêmico e em pleno século XXI emanam debates e disputas em torno de sua definição, disputas estas que ocorrem dentro das mais diversas áreas da chamada Ciências Humanas. Na historiografia brasileira, grande parte dos pesquisadores da imagem estabelece um diálogo com a produção francesa, e dentre os autores mais proeminentes e os mais lidos no Brasil está Roger Chartier, um dos representantes da terceira geração dos *Annales*. Para fins de esclarecimento, vale também ressaltar as contribuições de Carlo Ginzburg para o debate em torno das possibilidades acerca do conceito de representação para a História e, principalmente, do poder das imagens em seu clássico *Mitos, emblemas e sinais* (1989), obra que não será aqui trabalhada, mas que possui uma contribuição enorme para o debate acerca do conceito de “representação”.

1.1 - O debate pelo conceito no campo da História

Em seu livro *A beira da falésia: a História entre incertezas e inquietudes*, Roger Chartier (2002) amplia sua análise do conceito de representação para além do campo da História das Mentalidades, flertando com o conceito de imaginário ao dialogar com autores como Louis Marin, Max Weber e Pierre Bourdieu.

Chartier nos brinda com amplas visões e diversificadas aplicações deste termo dentro das pesquisas nas Ciências Humanas ao longo do tempo. Como coluna vertebral desta análise, o autor demonstra a polissemia do termo e como, de acordo com o objeto e o contexto, muda-se o significado do mesmo. Chartier (2002) fala sobre uma das possíveis definições levantadas por Louis Marin em suas obras e apresenta o sentido eucarístico do

termo, onde as sociedades do Antigo Regime davam sentido às suas existências através do termo “representação”. Sobre esta passagem Chartier informa que:

Além desse primeiro uso, historicamente localizado, a noção de representação carregou-se de uma pertinência mais ampla, designando o conjunto das formas teatralizadas e “estilizadas” (segundo a expressão de Max Weber) graças às quais os indivíduos, os grupos, os poderes constroem e propõem uma imagem de si mesmos. Como escreve Pierre Bourdieu, “a representação que os indivíduos e os grupos fornecem inevitavelmente através de suas práticas e de suas propriedades faz parte integrante de sua realidade social. Uma classe é definida tanto por seu *ser-percebido* quanto por seu *ser*, por seu consumo – que não precisa ser *ostentador* para ser simbólico – quanto por sua posição nas relações de produção (mesmo que seja verdade que esta comanda aquela)” (CHARTIER, 2002, p. 177).

É interessante percebermos que tal crítica promoveu uma reviravolta dentro da concepção de pesquisa e teoria do campo historiográfico, sendo que as possibilidades surgidas com esta “crise” da História deveriam derrubá-la de seu posto de destaque. Entretanto, acabou por fazer o contrário e fortaleceu a metodologia da pesquisa, ampliando os campos de atuação da História e do historiador.

Rompe-se assim com os modelos tradicionais e inaugura-se um novo modelo de interpretação, uma nova busca por fontes que antes eram marginalizadas dentro do campo de trabalho do historiador e promove-se uma re-significação da disciplina, abandonando os antigos modelos históricos de explicações macro-estruturais, além de dar voz aos que permaneceram por muito tempo calados. Uma “nova” História passa a dar maior ênfase aos aspectos individuais do homem. Sobre este rompimento e esta renovação na teoria e metodologia da História, Chartier nos faz uma crítica dizendo que:

Trabalhando sobre as lutas de representações, cujo objetivo é a ordenação da própria estrutura social, a história cultural afasta-se sem dúvida de uma dependência demasiado estrita em relação a uma história social fadada apenas o estudo das lutas econômicas, mas também faz retorno útil sobre o social, já que dedica atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um “ser-percebido” constitutivo de sua identidade (CHARTIER, 2002, p. 73).

Mas antes de avançarmos sobre este aspecto, devemos esclarecer alguns pontos sobre a disputa que se instaurou no campo da História em torno do conceito de “representação”. Segundo Dominique Vieira Coelho dos Santos (2011), há uma clara evidência de que as pesquisas no Brasil acabam dando crédito a dois autores quando o seu fio teórico condutor trata-se do conceito de representação. São eles: Roger Chartier e Carlo Ginzburg. Santos, revela que demais autores seriam assim suprimidos do debate em torno

do conceito, visto que dificilmente são citados em tais pesquisas. Sobre este problema encontrado nas pesquisas a autora conclui que:

A maioria das vezes que o termo aparece nos textos escritos no Brasil ele se encontra vinculado às obras de Carlo Ginzburg e Roger Chartier, quando muito, relacionam-se à obra de Serge Moscovici e Denise Jodelet, articuladores do conceito de *representações sociais*. A impressão que se tem é de que estes autores são os expositores máximos desta problemática e único caminho possível para o diálogo, quando na verdade, estão inseridos em uma ampla tradição de reflexão para a qual é importante a idéia da *representação* e, tendo em vista a história deste conceito, a partir dos mesmos, desenvolve-se apenas algumas contribuições acerca de aspectos específicos. (SOUZA, 2011, p. 27).

Continuando, Santos também traz um pequeno debate acerca do significado do termo *representação*, em que aponta para a polissemia do termo e para os muitos sentidos deste. Trata-se de uma palavra de origem latina, oriunda do vocábulo *repraesentare* que significa “tornar presente” ou “apresentar de novo”. Realizando uma contraposição aos significados levantados por Chartier (2002), mas também dialogando com o mesmo, Santos acaba indo por caminhos diferentes mesmo chegando a uma conclusão aproximada do termo *representação* sugerido pelo autor francês. Santos também utiliza ao final de sua exposição as proposições dos dois autores citados anteriormente, Chartier e Ginzburg, esclarecendo que:

Carlo Ginzburg, seguindo Roger Chartier, destaca a ambigüidade do termo “*representação*”, que ora “faz as vezes da realidade representada”, evocando a ausência; ora a torna visível, sugerindo sua presença. Esta oscilação entre substituição e evocação mimética já está registrada no verbete “*representation*” desde 1690 no *Dictionnaire universel* de Furetière. (SOUZA, 2011, p. 30).

Uma atenção maior a estes dois autores torna-se necessário, pois o debate acadêmico gira em torno de obras destes autores, pois como levantado anteriormente, a academia brasileira ainda mantém um diálogo muito aproximado com a historiografia francesa, no caso de Chartier, e no caso do italiano Ginzburg, este mesmo com inúmeras passagens pelo Brasil e com muitas obras traduzidas que influenciaram os Estudos Culturais, principalmente a vertente na História que trabalha com a questão simbólica e de *representação*, percorrendo o caminho da micro-história deste autor, e presente também na crítica de Chartier aos modelos de explicação macro.

Visto esta amplitude de significados do termo *representação*, cabe ao historiador ficar atento e determinar qual o caminho correto para sua pesquisa, sem cair num determinismo conceitual e sem criar novos dogmas em torno dos Estudos Culturais. Cabe

ao historiador que trabalha com imagens determinar em que medida quando fala em representações as mesmas influem nas fontes analisadas, necessitando de iniciar um diálogo mais amplo dentro do campo metodológico e, principalmente, ampliar o diálogo que estas fontes (imagens, filmes, etc) mantém com o campo das representações dentro desta Nova História Cultural.

As proposições a seguir visam dar conta de parte deste imenso campo de atuação do historiador, discutindo alguns clássicos e apontando a contribuição de novos pesquisadores para pensarmos a articulação entre o campo das imagens, já que o nosso objeto de pesquisa são as fotografias publicadas na *Revista do Globo*, tendo em vista o nosso interesse em compreender que tipos de representações estas imagens constroem da figura do líder político Getúlio Vargas.

1.2 – Representação e fronteira no sul do Brasil

“Cumpre que irradiemos para além das próprias fronteiras as nossas idéas [sic]”. Assim estabelece o editorial de abertura da *Revista do Globo* em seu primeiro número, em 1929. Um texto direto e determinado, em conteúdo e simbologia. Para os desavisados e desatentos, o editorial segue da seguinte maneira:

Cumpre que nos demos a conhecer melhor. Cumpre fazermos circular, a par dos outros, lá fora, os nossos legítimos valores espirituas. Cumpre que saibamos o que se faz, o que se diz, o que se pensa, o que se inova e se renova, longe de nós e em torno de nós. Cumpre contribuirmos com o nosso capital de saúde e juventude, de idealismo e de optimismo [sic] para a formação e o soergimento da mentalidade nacional. Cumpre, em suma, que os afirmemos (REVISTA DO GLOBO, 1929, p. 9).

Irradiando, desde o primeiro número, um discurso mitológico e regionalista acerca do *ethos* do povo sul-rio-grandense, o periódico faz uso de adjetivos valorativos e conceitos determinantes acerca da personalidade social do gaúcho. Vale notar também que a ideia de uma “mentalidade nacional” já é algo que se encontra em perfeita sintonia com os discursos veiculados pela revista, quando o assunto é o cenário político do Rio Grande do Sul e o nacional.

A questão da fronteira sempre esteve presente no discurso que se construiu sobre a formação geográfica e política do Rio Grande do Sul. Por sua posição estratégica e devido

aos conflitos que ocorreram na região, criou-se um misticismo em torno destas questões, mas, fundamentalmente, criou-se um mito: o gaúcho.

Uma obra que trabalha a mudança pela qual passa a palavra “gaúcho” e seu processo de valoração dentro da literatura do Rio Grande do Sul, é *De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso: um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)*”, de Carla Renata Antunes de Souza Gomes, publicado em 2009 em Porto Alegre pelas Editoras Associadas. Este livro faz um percurso interessante ao analisar a produção literária gaúcha e como a figura do “gaúcho” passa de sinônimo de ladrão e arruaceiro para tornar-se um símbolo que traduza o povo do Rio Grande do Sul, uma espécie de síntese de sua cultura, criando uma identidade comum e ancestral para a história gaúcha.

Não se trata aqui de discutir a criação ou o valor de tal figura, o gaúcho aqui será visto como produto acabado deste discurso sobre o Rio Grande do Sul que na primeira metade do século XX será lapidado e elevado ao *status* de cartão de visita do povo sulino.¹ A figura do gaúcho torna-se a síntese do povo sul-rio-grandense e, de alguma forma, Getúlio Vargas, ao longo dos anos, torna-se a síntese deste gaúcho, sua figura representava a reunião de todas as características do “monarca das coxilhas”. Sua pessoa seria a única capaz de realizar, no plano prático, como dito no editorial de abertura da *Revista do Globo*, a “mentalidade nacional.”

Tendo em vista tais questões sobre a figura de Vargas, vale lembrar que um dos discursos mais veiculados pela *Revista do Globo* em seus primeiros anos trata-se da questão da fronteira em associação ao povo que habita o Estado do Rio Grande do Sul. Por conseqüência, o periódico apresenta este povo como herdeiro de toda uma tradição guerreira e honrada. A fronteira é sempre utilizada como meio diferenciador do homem nascido no Rio Grande do Sul.

A fronteira pode ser física ou imaginária, pode morar nas cartas cartográficas ou no imaginário coletivo de uma sociedade. Pode ser fruto de guerra ou disputas ideológicas. Pode existir ou pode ser inventada, ou ainda, em alguns casos, como no Rio Grande do Sul, pode ser constantemente reinventada e ressignificada.

¹Ruben George Oliven em seu livro “A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação”, publicado pela editora Vozes em 1992, faz um balanço dessa identidade cultural e o discurso em torno da figura do gaúcho, e da mitificação pela qual este personagem passa, bem como o reforço deste discurso através das práticas do Movimento Tradicionalista Gaúcho, e como tais práticas se enraizaram em grande parte no discurso da população do Estado do Rio Grande do Sul.

Em seu artigo clássico “A invenção da sociedade gaúcha” publicado em 1993, Sandra Jatahy Pesavento já trabalha com a ideia de que a fronteira é construída no Rio Grande do Sul não somente com espaços físicos, mas também com discursos, imagens, ideologias políticas e práticas sociais. Salienta a autora que:

No caso da sociedade gaúcha, a origem confunde-se com a formação da fronteira sul do País, num período de lutas e “entreveros”, de atos heróicos e homens rudes e bravos. Ora, a fronteira, muito mais do que um ato jurídico de divisão político-administrativa, é um produto histórico, resultante de forças em conflito. Por si só, a origem militar-fronteiriça da sociedade gaúcha dá-lhe, desde logo, um atributo fundamental a região muito cedo se definiu em termos de opção da nacionalidade. Ou seja, os gaúchos tornaram-se “brasileiros” porque quiseram, porque outra poderia ter sido a sua escolha. Mais do que isso: os agentes desse processo remoto foram artífices da nacionalidade, construtores da fronteira, defensores da terra. (PESAVENTO, 1993, p. 386).

Ora, será justamente este imaginário que será evocado nos editoriais e nos artigos dos intelectuais que escrevem para a *Revista do Globo*, utilizando todos estes elementos citados, como o pertencimento, a bravura e o fato de serem possivelmente mais brasileiros que o próprio restante do Brasil.

Para Pesavento (1993, p. 383), “O imaginário é sempre representação, ou seja, é a tradução, em imagens e discursos, daquilo a que se chama de real”. E no processo de consolidação do imaginário acerca de algo, ou alguém, imagens e discursos são partes integrantes e fundamentais deste jogo. Seguindo em sua análise sobre a constituição do imaginário, Pesavento nos lembra que:

Há que se ter em vista que as representações do mundo social — ou as traduções imaginárias da sociedade — são também partes constituintes do real. Em outras palavras, não há uma oposição entre as condições concretas da existência (ou o “real”) e as representações coletivas da mesma. Tanto o imaginário se constitui, em parte, na dependência do concreto e do racional, quanto discursos e imagens são, por sua vez, geradores de práticas sociais. Complementando, pode-se ainda afirmar que a história do imaginário se constrói a partir das relações entre a “realidade social” e o sistema de representação que ela se atribui. (PESAVENTO, 1993, p.383).

Cabe aqui neste trabalho analisar a fronteira como elemento discursivo e de representação do real ou do imaginado como real. Leva-se em conta que as representações de Vargas na *Revista do Globo*, ou seja, as imagens, bem como os textos que se referem à sua figura política, fazem uso do discurso de fronteira e em muitos momentos relacionam a sua imagem ao do gaúcho mítico, aquele homem guerreiro, bravo e heróico formador da fronteira do Sul do Brasil.

O espaço que a *Revista do Globo* concede aos intelectuais como Erico Verissimo, Augusto Meyer, Paulo Arinos, Mansueto Bernardi, Assis Chateaubriand, João Pinto da Silva, entre outros, privilegia um discurso de enaltecimento da fronteira gaúcha como espaço de formação do genuíno homem do Rio Grande do Sul. O texto “À Margem do Regionalismo” de João Pinto da Silva é um bom exemplo desse discurso que enaltece a fronteira e identifica no gaúcho a síntese de todas as qualidades do homem formado neste espaço fronteiriço. Com um espaço privilegiado na página 32 da primeira edição de 1929 do periódico, o autor discorre sobre quais seriam estas qualidades. Nas palavras de João Pinto da Silva:

Vestido à européa, a pé ou a Cavallo: derrubando touros ou extendendo aramados ouvindo as operas do Colon, deBuenos Aires, por intermédio do radio, em vez da ancestral cordiona, o que dá physionomia histórica ao gaúcho, o seu vinco de diferenciação, em summa, é a franqueza, nas attitudes e nas palavras; o narcisismo a bravura quichotesca; a instantaneidade impulsiva das resoluções; a vehemente vocação cívica; a altaneria; o bom humour, mesclado a irreprimíveis explosões sentimentaes e fatalistas. [sic]. (REVISTA DO GLOBO, 1929, p. 32).

Aqui já aparece o “gaúcho” como a palavra de ordem para definir este sujeito portador de todas estas qualidades, e como se não bastasse, o autor termina lembrando que “Esses defeitos e virtudes identificam, soldam, espiritualmente através do tempo, o gaúcho de ontem ao de hoje” (REVISTA DO GLOBO, 1929, nº 1, p. 32).

Não se trata de uma novidade a figura do gaúcho romantizada, visto que este processo começa com a literatura gaúcha do século XIX e se espalha através dos discursos e das práticas culturais que se utilizam deste aporte. Mas é importante perceber como este discurso resistiu ao tempo e encontra terreno fértil entre os intelectuais que escrevem para a *Revista do Globo*, como é o caso do jornalista Assis Chateaubriand, natural da Paraíba, que na década de 1920 já era um dos principais empresários da comunicação no Brasil. O texto de Chateaubriand intitulado “O Gaúcho em marcha”, publicado na edição de número 5 do ano de 1929, embora traga um tom mais “polido” às qualidades do gaúcho e sua ligação com a fronteira, não deixa de lembrar que Getúlio Vargas “É o símbolo da própria alma cavalheiresca, sonhadora do homem a quem a vida autônoma do pampa esmaltou das virtudes heróicas do soldado e do santo” (REVISTA DO GLOBO, 1929, nº 5, p. 14).

A fronteira aqui toma contornos de discurso, um discurso formador de opiniões e semeador de práticas sociais. A fronteira povoa o imaginário, seus limites estão nas práticas discursivas, estão na simbologia do discurso político que a revista adota, tendo o gaúcho como seu símbolo máximo.

O editorial da edição de número 29 do ano de 1930 traz em seu conteúdo este discurso envolvendo a formação da fronteira e a mentalidade guerreira do Rio Grande do Sul. Logo em seu início o texto aponta para:

Uma tradição, que se alimenta em raízes seculares, fizera do Rio Grande do Sul a imagem viva da Guerra. Povo cavalheiresco, que delimitára as fronteiras geográficas através de um ciclo de epopéias, éramos vistos como um activo acampamento de guerreiros. De guerreiros que, até no amanho da terra e nas fainas pastoris, empunhando a rabiça ou correndo atrás do touro bravo, não perdiam o marcial aprumo, não desmanchavam as linhas de escultura épica. Com essa tradição, entramos para o novo regime. E a República, que apesar dos seus quatro decênios de experiência ainda não se familiarizou com a sabedoria do seu destino, continuou a focar-nos debaixo do velho ângulo da bellicosidade de uma estirpe adestrada no meneio da lança [sic] (REVISTA DO GLOBO, 1930, p. 05).

A guerra, a luta e a bravura se tornam elementos essenciais para a definição do Estado do Rio Grande do Sul que, encarado aqui como uma qualidade única e diferenciada, segue sendo um exemplo a ser seguido pela nova República que encontra na imagem de Getúlio Vargas o possível Chefe da Nação. Imagem que será explorada de forma intensa pela *Revista do Globo* desde a sua primeira edição em 1929 até meados de 1937, antecedendo a propaganda política em torno da figura de Vargas a partir da consolidação do Estado Novo.

Sendo um dos instrumentos mais utilizados no século XX, a fotografia deixa de ser um auxílio, um complemento para o texto jornalístico, para se tornar protagonista do jornalismo diário. Por outro lado, a fotografia também se firma como fonte para o historiador, rivalizando assim com as tradicionais fontes escritas.

1.3 - O lugar da fotografia na pesquisa histórica

Falar em fotografia é necessariamente falar em imagem. Refletir sobre estes dois termos é necessariamente debruçar-se sobre as problemáticas do real, da memória e da narrativa, só para elencarmos algumas. Trazendo tudo isso para dentro do campo da História, recorreremos a autores como Roger Chartier, François Soulanges, Ana Maria Mauad, Boris Kossoy, Sandra Jatahy Pesavento e Martine Joly.

Dentro de sua obra “À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes”, Chartier (2002) faz referência quanto ao promissor campo que os estudos com imagens

proporcionam na renovação do quadro teórico do campo historiográfico. Lembrando mais uma vez Louis Marin, Chartier (2002) discute o significado e o poder de representação das imagens:

A primeira proposição que ele estabelece é esta: “Poder da imagem? De Efeito-representação no duplo sentido que dissemos, de presentificação do ausente – ou do morto – e de auto-representação instituindo o tema de olhar no afeto e no sentido, a imagem é simultaneamente a instrumentalização da força, o meio da potência e sua fundação em poder”. Um duplo sentido, uma dupla função é deste modo atribuída à representação: tornar presente uma ausência, mas também exibir sua própria presença enquanto imagem e, assim, constituir aquele que a olha como sujeito que olha (CHARTIER, 2002, p. 165).

Chartier estabelece aqui uma das funções da imagem como representação de poder, de discurso, de presença daquilo que encontra ausente. Uma espécie de diálogo entre o sujeito e a imagem, um contrato de significação em que o sujeito se constitui dentro da própria significação, apropriando-se dos significados das representações da imagem que ele contempla.

Dentro dos objetivos do poder da representação, o autor levanta mais uma vez a importância do receptor. Lembrando que as representações são vistas como um dos mecanismos que os grupos dominantes se fazem úteis na propagação de suas ideias. Trata-se de um dos campos possíveis de análise do conceito, em que o poder de um grupo social pode se verificar no alcance que as suas representações oferecem significados e sentidos aos demais grupos destinatários. Nas palavras de Chartier:

Assim entendido, o conceito de representação leva a pensar o mundo social ou o exercício do poder de acordo com um modelo racional. As modalidades de apresentação de si são, certamente, comandadas pelas propriedades sociais do grupo ou pelos recursos próprios de um poder. No entanto, elas não são uma expressão imediata, objetiva, do estatuto de um ou do poder do outro. Sua eficácia depende da percepção e do julgamento de seus destinatários, da adesão ou da distância ante mecanismos de apresentação e de persuasão postos em ação. (CHARTIER, 2002, p. 177-178).

As possibilidades de pesquisa dentro do campo das imagens e das representações vão ao encontro com a crítica que perpassa toda a obra deste autor, em que se busca os motivos e as contradições das crises da História, aludindo para a ampliação das fontes, mas principalmente tecendo uma crítica ao engessamento do campo da História das Mentalidades e da Semiótica no que concerne as imagens como objeto de pesquisa. Tentando explicar sua posição, e a busca de uma maneira diferente de compreender o funcionamento das representações, Chartier amplia a crítica e defende que:

Essa maneira de compreender o funcionamento do dispositivo representativo foi uma forte inspiração para todos os historiadores preocupados em resistir às seduções formalistas de uma semiótica estrutural sem historicidade e desejosos de se liberar da inércia ou da univocidade das noções clássicas da história das mentalidades (CHARTIER, 2002, p. 167).

O autor situa o conceito de representação dentro de uma espécie de renovação das possibilidades de pesquisa que a Nova História Cultural abre aos pesquisadores, variando ora uma crítica aos modelos formalistas e ora uma crítica às possibilidades de utilização das representações na busca por uma nova modalidade de compreender as relações sociais e as relações que o indivíduo faz, de forma singular, com os elementos simbólicos que sustentam e dão significados ao grupo social do qual faz parte.

Outro autor que traz a discussão do conceito de representação para dentro do contexto das imagens, e faz uma abordagem específica em relação à fotografia, é Boris Kossoy. O autor nos ensina que temos que tratar da questão da intencionalidade no ato fotográfico ao pensarmos as suas problemáticas a respeito da narrativa histórica. Que significados as imagens carregam consigo? O que representam para seus destinatários? São perguntas que nos ajudam a lançar caminhos teóricos e metodológicos. Sobre a relação entre representação fotográfica e representação e verdade histórica em fotografia, Kossoy nos aponta que:

A imagem fotográfica é antes de tudo uma *representação a partir do real* segundo o olhar e a ideologia de seu autor. Entretanto, em função da materialidade do registro, no qual se tem gravado o vestígio/aparência de algo que se passou na realidade concreta, em dado espaço e tempo, nós a tomamos, também, como um *documento do real*, uma fonte histórica (KOSSOY, 2009, p. 30-31).

Como se pode notar, o autor nos apresenta mais uma variante, a de que, além dos jogos e disputas na trama fotográfica, há também a questão da intencionalidade e a discussão sobre a construção da realidade. Trabalhar com fotografia também é levantar a discussão acerca destes elementos, intencionalidade e construção da realidade, pois as fotografias da *Revista do Globo*, que servem como fonte para esta pesquisa, são aqui interpretadas como signos em que a ideologia política de certo grupo dominante está implícita e explícita no jogo da representação; são imagens que recorrem a certos apelos emocionais e simbólicos para representar a figura de Getúlio Vargas. O que se vê nas páginas da *Revista do Globo* entre os anos de 1929 a 1937 é Getúlio Vargas sendo

traduzido como um líder cuja figura é “recheada” de significações acerca de elementos da fronteira e de regionalismos políticos, como procuraremos demonstrar mais adiante.

Lembramos ainda que esta fonte, este documento, no caso da fotografia, é fruto da criação de um autor, e que não pode ser percebido fora da realidade em que foi criado. Toda fotografia deve ser analisada dentro de um contexto muito mais amplo do que simplesmente os elementos técnicos e físicos que a constituem. Segundo Kossoy:

Devemos perceber a ambigüidade dessa relação: o documento fotográfico não pode ser compreendido independentemente do *processo da representação* em que se originou. A materialização da imagem ocorre enquanto etapa final e produto de um complexo *processo de criação* técnico, estético, cultural elaborado pelo fotógrafo. Temos na imagem fotográfica um documento criado, construído, razão por que a relação *documento/representação* é indissociável. Ao observarmos as fontes fotográficas temos que ter em mente a construção que as mesmas trazem embutidas em si. A imagem fotográfica seja ela analógica ou digital é sempre um *documento/representação* (KOSSOY, 2009, p. 31).

A fotografia serve como um indício, como um paradigma indiciário como diria Ginzburg (2002) em relação ao passado. A fotografia serve como uma base para a reconstituição do passado, campo fértil do historiador; serve como uma indicação de certo imaginário da época, de certos conceitos dominantes de um grupo, ou de grupos políticos, cabendo assim ao historiador traçar, a partir da fotografia, este contexto em que se inserem os elementos e símbolos contidos na imagem. Para Kossoy (2009), este indício de passado e a ideia de uma reconstituição do mesmo por meio da fotografia devem ser pensados de forma ampla e cuidadosa, pois:

A reconstituição através da fotografia não se esgota na competente análise iconográfica. Esta é apenas a tarefa primeira do historiador que se utiliza das fontes plásticas. A reconstituição de um tema determinado do passado, através da fotografia ou de um conjunto de fotografias, requer uma sucessão de construções imaginárias. O contexto particular que resultou na materialização da fotografia, a história do momento daquelas personagens que vemos representadas, o pensamento embutido em cada um dos fragmentos fotográficos, a vida enfim do modelo referente – usa *realidade interior* – é, todavia, invisível ao sistema óptico da câmara. Não deixa marcas no dispositivo fotossensível, não pode ser revelada pela química fotográfica, nem tampouco mostrada pelos recursos eletrônicos. Apenas imaginada (KOSSOY, 2009, p. 133).

Fazendo assim, um retorno às questões de imaginário e representação, o autor nos alerta para a difícil tarefa do historiador ao lidar com as imagens, com a fotografia, compreendo-a como documento que precisa ser desvendado, trabalhado da forma mais aproximada possível, realizando uma análise minuciosa e problemática em que a imagem

(ou a fotografia) é um ponto de partida que pode indicar elementos que outras fontes não consideram ou não podem alcançar. Boris Kossoy nos lembra da importância de encarar as fotografias como “portadoras de significados e construtoras das verdades”, em que cabe atentar para as suas possíveis realidades. Uma “primeira realidade”, onde o contexto da fotografia se analisa e se apresenta o momento que levou ao registro, e uma “segunda realidade”, onde se encontra o assunto registrado, onde se localiza a interpretação da fotografia, onde se encontra a possibilidade de encarar a fotografia como fonte para o historiador (KOSSOY, 2001, p.99).

Já Ana Maria Mauad (1996) questiona a relação entre história e fotografia lançando uma proposição interessante: *será a história puramente a duração e a fotografia seu registro?*

A autora também nos mostra a sua concepção acerca dos mesmos elementos levantados por Boris Kossoy (2009) a respeito da realidade e da construção de sentido da imagem fotográfica. Segundo ela:

No entanto, entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver. A fotografia - para além da sua gênese automática, ultrapassando a idéia de *analogon* da realidade - é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica (MAUAD, 1996, p. 3).

Então, para a autora a fotografia registra a história do mundo através de sua linguagem específica, a das imagens. Uma maneira de apresentar os mais variados personagens, desde personalidades conhecidas até o homem comum, desde eventos específicos ou simplesmente o dia-a-dia (MAUAD, 1996). Lembrando que a fotografia registra em imagens o que a história registra em palavras, revelando assim um novo campo de atuação para o historiador e uma nova proposta de olhar para os símbolos de determinada sociedade ou de determinados grupos sociais, Mauad não deixa de apontar para o aspecto dos usos e abusos que as ideologias oficiais fazem das imagens, convertendo-as em emblema e porta-voz de sentidos e significados políticos através dos tempos.

Então, nada mais promissor e instigante que se debruçar sobre as problemáticas da pesquisa com imagens, campo dos Estudos Culturais que se encontra com fôlego renovado nos últimos dez anos a partir de pesquisas que vem aprofundando as possibilidades e ampliando as colaborações interdisciplinares para o campo da História. Dentre as recentes

contribuições, podemos citar os artigos reunidos sob a organização de Charles Monteiro (2012) sob o título de *Fotografia, História e Cultura Visual: Pesquisas Recentes*.

O título é sugestivo, revela a atualidade das questões propostas nesta revisão bibliográfica e, principalmente, a atualidade dos usos das imagens como fonte de pesquisa para o historiador.² Para finalizar é importante darmos atenção ao fator simbólico das imagens, pois como enfatiza Sandra Jatahy Pesavento as imagens são portadoras de simbologias:

E, nessa medida, as imagens partilham com as outras formas de linguagem a condição de serem simbólicas. Isto é, são portadoras de significados para além daquilo que é mostrado. (PESAVENTO, 2008, p. 99).

Isto nos remete à noção de construção da verdade que está implícita na simbologia das imagens, trazendo ao debate em torno do conceito de “representação” o aspecto de construção do real contido nas imagens, como já sugerido por Kossoy e outros autores trabalhados aqui. Toda imagem leva para o seu destinatário uma representação do real, daquilo que já foi e daquilo que se pretende ser. Ou seja, estar diante de uma imagem não é o mesmo que estar ou ter acesso ao real, mas sim ao seu constructo, uma “segunda realidade” que, por sua vez, é caracterizada no seu interior por produzir uma polissemia de significados. Por isto, Pesavento nos faz o seguinte alerta:

Porém, mesmo que o aspecto mimético seja assim tão perfeito, tornando-se capaz de enganar os sentidos, ou mesmo de assumir um “efeito de real” que se coloca, para todos os fins, como uma “verdade”, a imagem é sempre uma construção, uma interpretação, uma recriação do real. Ela traduz uma experiência do vivido e uma sensibilidade, vivenciada por aquele que a produziu ou correspondente a um gosto, a um sentimento, a uma lógica e a um valor presente em uma época, captado e interpretado por aquele que construiu essa imagem. (PESAVENTO, 2008, p. 103-104).

E quanto ao fato da capacidade das imagens de representarem algo, e a articulação desta ideia com as práticas culturais que se utilizam das imagens, bem como o fato de serem as imagens portadoras de inúmeros significados e por natureza, polissêmicas em seus sentidos, Pesavento esclarece que:

² Obra que reúne nomes importantes da pesquisa com imagens, como por exemplo: Charles Monteiro e Carolina Etcheverry. Publicada em 2012 pela EDIPUCRS, este trabalho demonstra o fôlego jovial que a pesquisa com imagens apresenta. Trabalhando com temas teóricos e metodológicos esta reunião de artigos apresenta o quão é importante esta interdisciplinaridade dentro da pesquisa com imagens.

As imagens, como representação, partilham dessa condição de ambivalência, de ser e não ser a coisa representada, portando, em si mesmas, o fato de serem *mimesis* – o que permite a identificação –, e o de serem *fictio*, constituindo um significado revelador de uma interpretação do mundo. Assim, em virtude da ambivalência que faz da imagem uma espécie de oximoro, figura portadora de contrários, ela é, também, ambígua. A imagem *é e não é*, ao mesmo tempo, o real representado, mas traz a presença de um *plus*, de um outro sentido que se insinua, mostrando a essência do fenômeno da representação (PESAVENTO, 2008, p. 104).

Ambígua e de natureza polissêmica, a imagem fornece um caminho teórico rico para os historiadores, e avança dentro deste campo do saber a passos largos, firmando seu lugar entre as fontes para a pesquisa histórica. Aos poucos vai vencendo a desconfiança que ainda mostra-se presente, muito pelo fato de ainda existir um discurso engessado acerca do que se considera fonte para a pesquisa histórica e, principalmente, do relacionamento do historiador com os arquivos, pois alguns tipos de fontes gozam de um lugar hegemônico dentro do discurso historiográfico, como é o caso da escrita.

Ampliado assim as possibilidades metodológicas para o campo da História, renovando o seu diálogo, e procurando em novas temáticas e fontes o “gás” necessário para seguir adiante, a História Cultural tece redes de cooperação com outras áreas do conhecimento e produz um vasto campo de possibilidades para a pesquisa histórica. Mas para isto é preciso que o historiador esteja disposto a romper com a ideia tradicionalista de que os documentos históricos são necessariamente aqueles documentos oficiais, e principalmente os escritos, para reconhecer que a imagem proporciona uma nova linguagem para a História, em que:

Igualmente, esse olhar criador da imagem fotográfica faz dela um texto ou narrativa, pois carrega consigo avaliações, julgamentos, emoções, reflexões (PESAVENTO, 2008, p. 111).

Então, é na História Cultural, tendo as imagens como fonte, que se encontra esta pesquisa. Porém, é preciso ressaltar que, ao reconhecermos as possibilidades que a imagem, e no caso particular, a fotografia traz para a pesquisa no campo da História, não a analisamos apenas como símbolo, ícones ou índice, signos propriamente ditos. Em termos metodológicos, esta pesquisa não é puramente um trabalho semiótico, apesar de que não descartamos as contribuições deste campo de estudo, mas preferimos encarar as fotografias impressas nas páginas da *Revista do Globo* como narrativas que implicam em uma temporalidade histórica, ou seja, estamos diante de imagens que devem ser analisadas sob uma perspectiva contextual, inseridas dentro de um contexto social, político e cultural,

além de considerarmos que estas são frutos de intencionalidades, para realizar o que Martine Joly propõe quando diz que:

Demonstrar que a imagem é de fato uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea; que, nessa qualidade, distingue-se do mundo real e que, por meio de signos particulares dele, propõe uma representação escolhida e necessariamente orientada; distinguir as principais ferramentas dessa linguagem e o que sua ausência ou sua presença significam; relativizar sua própria interpretação, ao mesmo tempo que se compreendem seus fundamentos: todas garantias de liberdade intelectual que a análise pedagógica da imagem pode proporcionar (JOLY, 2009, p. 48).

A partir destas afirmações e das proposições ao entrarmos na análise do material selecionado da *Revista do Globo*, levaremos em conta a distinção entre iconografia e iconologia discutida por Kossoy (2001). Lembrando que o diálogo entre iconografia e iconologia é necessário, onde as duas abordagens permitem uma análise mais completa das imagens. Sendo assim, a descrição dos aspectos físicos da fotografia, ou seja, a “descrição do visível” é importante, mas também nos dedicaremos a uma descrição do contexto da mesma e seus aspectos de representação, levando em consideração a sua capacidade de transmitir ideologias e construir significados.

Através de uma intensa pesquisa documental e análise das imagens e representações, ficou evidente uma trajetória que se divide em três momentos. Na primeira, temos a representação de Getúlio Vargas como um homem regional, um político e líder gaúcho em ascensão. Nesta fase predomina a “ideia-imagem” do “Gaúcho”, atribuída à figura de Vargas. No segundo momento, Getúlio Vargas encontra-se em sua trajetória nacional e internacional, um homem que se tornará mais tarde o “pai dos pobres”, logo acompanhamos pelas páginas da revista um mito em construção, em que predomina a “ideia-imagem” de “Chefe da Nação”. Outro aspecto interessante será a identificação de uma terceira “ideia-imagem” que encontra farta distribuição pelas páginas do periódico. Trata-se do “Homem do povo”, referência à vida social de Getúlio Vargas, tornando-o assim um homem palpável e passível de identificação com as mais diversas camadas sociais.

Por outro lado, estas imagens mais cotidianas do homem público revelam uma preocupação do periódico em manter vivo alguns elementos da “ideia-imagem” do “Gaúcho”, a qual era associada a figura de Vargas anteriormente, na tentativa de reforçar a identificação do povo gaúcho com este político.

Mas antes de aprofundarmos as características que compõem estas “ideias-imagens” de Getúlio Vargas e como estas foram instrumentalizadas nas páginas da *Revista do Globo*, é preciso primeiro estabelecer este contexto político do Rio Grande do Sul, onde Getúlio Vargas surge de forma promissora, bem como sua trajetória política. Há a necessidade de localizar este percurso do mito político e desnudar seu simbolismo, identificar os aspectos e fatos que contribuem para a construção mítica de sua figura.

É necessário também abordar uma discussão acerca das possibilidades e desafios do uso das imagens como fonte para a pesquisa. Se neste capítulo introdutório se tentou estabelecer as bases teóricas que darão sustentação ao trabalho de pesquisa, o **capítulo 2** de forma breve abordará a vida política de Getúlio Vargas, tentando apresentar a construção de sua carreira política, bem como o homem que existe por trás do mito.

O **capítulo 3** irá explorar a criação da *Revista do Globo* e o momento em que se insere quando de sua criação dentro da História da imprensa do Rio Grande do Sul. Serão apresentados alguns dos aspectos mais importantes do periódico, bem como um breve histórico de sua existência. Algumas reportagens e seções mais importantes serão exploradas, bem como a amizade dos proprietários e dos editores da revista com Getúlio Vargas.

O **capítulo 4** demonstrará o processo metodológico que norteou a indexação e o estabelecimento dos eixos temáticos, bem como a caracterização das ideias-imagens que resultam de uma análise do material distribuído nestes eixos temáticos identificados nas edições da *Revista do Globo* entre os anos de 1929 e 1937.

Em nosso **capítulo 5** será apresentado a análise dos editoriais, artigos e fotografias selecionados em um total de 157 imagens e 80 páginas de textos diversos que fazem referência à figura de Getúlio Vargas no periódico. O elemento constante para a seleção deste material foi a presença de Getúlio Vargas. Os textos são os mais variados possíveis, desde artigos assinados por intelectuais que publicam na *Revista do Globo* até os assinados pelo próprio Vargas. Por sua vez, foram selecionadas as imagens têm a presença de Getúlio Vargas como ponto principal da representação, e são as mais variadas possíveis, não constituindo apenas fotografias de fato, mas também ilustrações, muito comuns na época e utilizadas pelos periódicos em todo o Brasil.

É preciso ressaltar que não seria possível e não haveria tempo hábil para a análise de todo o material indexado, por isto preferimos selecionar as imagens e textos que nos

ajudam a demonstrar o caminho percorrido pela figura de Getúlio Vargas nas páginas da *Revista do Globo*, construindo a transição de uma imagem do político regional – o “Gaúcho” – ao líder nacional – o “Chefe da Nação”.

Em nossa pesquisa, a imagem é vista antes de tudo como uma “mídia de memória”, que aprisiona o tempo e representa uma época. Levando em consideração o que Jay Winter (2006) problematiza quanto à memória, os jogos e representações que os mesmos revelam ou simbolizam para seu público, tentou-se demonstrar como a fotografia surge dentro deste contexto, constituindo-se como um espaço das mais diversas representações da figura de Getúlio Vargas, contribuindo para a construção do mito político.

CAPÍTULO 2 – TRAJETÓRIA POLÍTICA DE GETÚLIO VARGAS

É sabido que os mitos habitam a História dos homens desde o estabelecimento das primeiras sociedades organizadas. Tem como funções a organização da vida social, servem como exemplo e como discurso para diversas finalidades. Nas palavras de Maria Celina D'Araujo:

Os mitos são tão antigos quanto as sociedades humanas e costumam aparecer com mais intensidade em momentos de mudanças ou de ruptura social. Eles nos remetem ao mundo da criação, da fertilidade, do cosmo, do amor, da sabedoria. É sempre difícil de identificar suas origens, contudo não são pura mentira, invencionice e não surgem do nada. São produto de uma circunstância histórica e acabam atuando sobre os destinos da sociedade que os criou. (ARAUJO, 1997, p. 91).

Getúlio Vargas é um exemplo de mito nacional que representa muito bem esta influência que a figura mítica tem sobre os destinos da sociedade. Para o bem e para o mal, Vargas foi o criador da moderna nação brasileira. Autor do projeto de Brasil moderno e responsável por inovações nas mais diversas áreas como educação, militarismo, justiça, sindicatos, e, criador de um estilo que seria copiado por todos os políticos que viriam a seguir de 1954. A personalidade da política nacional e a identificação paternalista dos eleitores brasileiros com seus representantes é legado de Vargas.

O tumultuado século XX viu nascer nas mais diversas localizações do globo terrestre os mitos políticos. Figuras que por motivos diversos e caminhos diferentes marcaram a história de seus países. Figuras políticas que se tornaram símbolos de regimes, símbolos populares, ícones que permanecem na memória coletiva das sociedades onde se desenvolveram. Sobre os mitos nascidos no século XX, Ernst Cassirer nos aponta um caminho sobre suas origens quando diz que:

O mito foi sempre descrito como o resultado de uma atividade inconsciente e como um produto livre da imaginação. Mas aqui encontramos o mito feito de acordo com um plano. Os novos mitos políticos não crescem livremente; não são frutos bravios de uma imaginação exuberante. São coisas artificiais fabricadas por artesãos hábeis e matreiros. Estava reservado ao século XX, à grande era da técnica, desenvolver uma nova técnica de mito. A partir de agora os mitos podem ser fabricados no mesmo sentido e de acordo com os mesmos métodos utilizados no fabrico das outras armas – as metralhadoras e os aviões. Este é um novo fato – e um fato de crucial importância. Alterou toda a forma da nossa vida social. (CASSIRER, 2003, p.327).

A América do Sul, terra fértil para o surgimento de mitos políticos, viu surgir no Brasil um dos mais emblemáticos e carismáticos líderes. Nascido na fronteira do Brasil

com a Argentina, em São Borja, Getúlio Vargas entrou para a História do Brasil como o grande mito político. Capaz de absorver os mais antagônicos grupos políticos e de mobilizar as massas, Vargas foi produto cultural do positivismo praticado no Rio Grande do Sul pelo PRR (Partido Republicano Riograndense), mas também foi produto de si próprio, adaptando-se ao longo dos anos em que esteve no poder da nação brasileira.

De trajetória meteórica na política regional e nacional, Getúlio Vargas foi o presidente que mais tempo ficou no poder. Foram 15 anos ininterruptos desde os episódios da “Revolução de 1930” até sua deposição em 1945 por militares que o apoiaram contra Washington Luís quinze anos antes.

2.1 - Getúlio Vargas: o homem político

Em 1903 Getúlio Vargas entrou para a Faculdade de Direito de Porto Alegre e fez amizade com algumas personalidades que mais tarde fariam parte de seu governo e o acompanhariam para o bem e para o mal até o final de sua trajetória política. Em 1907 formou-se em Bacharel em Direito.

Aprofundou seus conhecimentos na doutrina positivista, que em solo gaúcho criou escola e tornou-se ideologia política vigente e propagada pelos políticos do PRR (Partido Republicano Riograndense). Figuras como Júlio de Castilhos, fundador e líder máximo do partido até sua morte, e de Borges de Medeiros, sucessor de Castilhos e mentor político de Getúlio Vargas, foram figuras importantes na formação política do futuro líder nacional.

Getúlio Vargas faz parte de uma geração de jovens políticos que a partir de 1907 ascendeu politicamente no Estado do Rio Grande do Sul através de intensa e progressiva participação nas ações do PRR. Naquilo que Joseph Love (1975) determinou como a “geração de 1907”. Segundo este autor, Getúlio seria o mais notável entre estes jovens. Em seu livro *“Getúlio Vargas: A Construção de um Mito (1928-30)”*, publicado em 1996, Luciano Aronne de Abreu indica que os nomes que mais tarde iriam figurar na política regional e nacional, ao longo das décadas seguintes, encontravam-se nas “fileiras” deste grupo de jovens. Personalidades como Getúlio Vargas, João Neves da Fontoura, Lindolfo Collor, Oswaldo Aranha (outra personalidade política de extrema importância para a ascensão de Vargas), Flores da Cunha, entre outros mais.

Quando jovem Vargas fez parte do “Bloco Acadêmico Castilhistas”, onde pôde aprofundar seus estudos filosóficos em torno da doutrina positivista, bem como seus estudos em Darwin e Spencer, autores que atraíam sua atenção muito mais do que Augusto Comte. A partir destes espaços, Getúlio tornar-se-ia o herdeiro da política de Júlio de Castilhos e de Borges de Medeiros, mas não do modo autoritário de governar de seus antecessores. Ao longo dos anos Getúlio Vargas iria desenvolver uma habilidade mais conciliadora e aberta ao diálogo, mesmo que o objetivo final fosse o poder e a autoridade absoluta.

A campanha eleitoral de 1907 para a Presidência³ do Estado do Rio Grande do Sul demonstraria o quão importante seriam estes jovens políticos, e marca de certa maneira o início da atuação política de Getúlio Vargas, bem como de sua atuação dentro do PRR. Naquele ano, Carlos Barbosa e Fernando Abott disputaram o governo do Estado, com resultado vitorioso para o primeiro candidato, que representava o PRR. Durante este processo de participação dos jovens da geração de 1907 chega-se a fundar o jornal *O Debate*, em que Getúlio Vargas já atuava como colaborador, publicando artigos, logo, demonstrando uma habilidade para as letras, o que mais tarde viria a ser um dos pontos altos e uma de suas qualidades, traduzidas em seus discursos à população.

Esse tempo passado nos bastidores do PRR e bem como a participação na campanha eleitoral contribuíram para o amadurecimento destes jovens, dentre eles Getúlio Vargas. Nas palavras de Luciano Aronne de Abreu:

Durante o processo eleitoral, os membros da geração de 1907 tiveram a oportunidade de percorrer o Estado, em campanha, de entrar em contato com as lideranças republicanas locais e de, assim, inserirem-se politicamente no PRR. A partir da campanha eleitoral, os membros da geração de 1907 ganharam experiência política, além da confiança da cúpula dirigente do Partido Republicano Riograndense, o que levou alguns dos membros dessa geração a iniciar precocemente sua vida político-partidária. (ABREU, 1996, p. 29).

Em 1909 é eleito Deputado Estadual pela primeira vez, exercendo o cargo juntamente com a profissão de advogado em sua cidade natal, São Borja. Em 1913 é reeleito Deputado Estadual, mas devido a disputas e divergências com o então Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, Getúlio Vargas renuncia ao cargo. Voltaria a ser eleito Deputado Estadual em 1917 pelo PRR, exercendo a função até o final do mandato. No ano de 1921 foi reeleito no Rio Grande do Sul.

³ Termo utilizado para designar os governadores estaduais no início do século XX.

O ano de 1923 marcou sua indicação como Deputado Federal e a entrada no plano da política nacional. Haveria Getúlio Vargas de completar o mandato de outro deputado que havia falecido. Neste ano ocorre o mais um dos tantos conflitos que marcaram o Estado do Rio Grande do Sul entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX: a continuidade de Borges de Medeiros no poder estadual após as eleições de 1923. É em meio a esta crise política que Vargas desenvolve uma habilidade para a conciliação e o apaziguamento, que irá caracterizá-lo anos mais tarde como líder nacional.

O chamado “Pacto de Pedras Altas”, de dezembro de 1923, marcou o fim dos conflitos em solo gaúcho, como decretou o fim à possibilidade de reeleição de Borges de Medeiros no Rio Grande do Sul, sendo um dos mais importantes itens do acordo. O pacto também selou a criação de uma oposição articulada em torno da liderança de Assis Brasil sob a bandeira da Aliança Libertadora (D’ARAÚJO, 2011, p. 24).

Este mesmo Assis Brasil que iria juntamente com outras figuras da oposição lançar-se mais tarde em apoio à candidatura de Getúlio Vargas para a presidência do Brasil nas eleições de 1930, e que apareceria nas páginas da *Revista do Globo* em fotografias lado a lado do mesmo Borges de Medeiros ao qual havia combatido. Demonstrando mais uma vez o desprovemento de neutralidade do periódico quando o assunto tratava-se de política.

O ano seguinte, 1924, também foi tenso em nível nacional, pois foi marcado por revoltas tenentistas em diversos pontos do Brasil. No Rio Grande do Sul, o jovem Luís Carlos Prestes preparava-se para liderar uma marcha que entraria para a História como uma das mais longas e impressionantes investidas de guerrilha. Em 1926, Getúlio Vargas iniciou sua caminhada no plano nacional por meio do convite de Washington Luís, então presidente do Brasil, para ocupar o cargo de Ministro da Fazenda. Muitas críticas viriam ao encontro de sua indicação, pelo fato de Vargas não possuir experiência para tal função. Seu tempo como Ministro durou pouco e enquanto esteve exercendo o cargo nada de anormal de sua parte ocorrera, e nenhuma atividade grandiosa ou digna de nota passou por seu crivo. O que realmente importou foi o fato de estando junto ao centro de poder poder observar todos os caminhos e segredos que cercam o procedimento burocrático e político do Rio de Janeiro, capital do Brasil à época (D’ARAÚJO, 2011, p. 27-28).

Seria a partir de 1927 que sua carreira política começaria a ganhar destaque nacional. Neste ano foi indicado por Borges de Medeiros ao cargo de Presidente do Estado do Rio Grande do Sul. Em 1928 seria eleito para o mandato, onde desenvolveria suas

habilidades mais notáveis como político: articulação e pacificação. Sua habilidade de pacificação fica demonstrada quando aos poucos concede solicitações e se aproxima dos líderes do Partido Libertador que havia substituído a antiga Aliança Libertadora, sob chefia de Assis Brasil. O denominado “Congresso das Municipalidades”, ocorrido em 1929 demonstra muito bem a capacidade de Getúlio Vargas em conseguir reunir sob sua chefia diversos elementos divergentes da política regional. Um congresso onde se discutiu diversos assuntos como: educação, higiene, segurança pública, financiamentos para projetos, projetos políticos de longo prazo, entre outros tantos assuntos. O editorial do número 14 da *Revista do Globo*, de 1929, nos dá uma noção da importância deste evento:

O recente Congresso das Municipalidades, reunido nesta capital, teve o raro privilegio de operar um verdadeiro milagre: a fusão dos desejos, dos anseios, das aspirações, das vontades de todos os riograndenses, num desejo, num anseio, numa aspiração, numa vontade commum, que é a de elevar o sr. Getulio Vargas á presidencia da Republica. [sic]. (REVISTA DO GLOBO, n. 14, 1929, p. 5).

Nota-se que neste período o apaziguamento das diferenças políticas no Rio Grande do Sul estava associado diretamente à figura de Getúlio Vargas, ou melhor, de fazer este político “gaúcho” um líder nacional, reforçando aquilo que aqui defendemos, de que a *Revista do Globo* desempenhou um papel junto ao seu público consumidor na divulgação e no reforço da figura política de Getúlio Vargas, colaborando para a construção de uma imagem política de Chefe da Nação.

Neste mesmo editorial se pode perceber o discurso envolvendo a fronteira e seu significado para o povo gaúcho. Discurso que seria explorado de diversas maneiras e por diversos intelectuais ao longo dos primeiros anos do periódico.

O Congresso Communal recém-encerrado caracterizou-se principalmente pelo fecundo espirito de unidade, que o orientou. Os trabalhos e esforços dos representantes dos municipios riograndenses tenderam todos para a unificação. Unificação dos methodos de ensino. Unificação dos serviços de higiene e de policiamento. Unificação dos meios de transporte. Unificação das leis e dos regulamentos locais. Unificação, em summa, do vasto labor colectivo esparso. E para coroar tudo isto, a resplandecente cupola de ouro da unificação moral. A extincção das fronteiras municipais e partidarias. O Rio Grande do Sul em peso, acampado em torno do seu jovem e notavel presidente, prompto para o bom combate em prol do saneamento material e espiritual da nação. [sic]. (REVISTA DO GLOBO, n. 14, 1929, p. 5).

Um grande evento como este ajudaria a espalhar a ideia de conciliador e de grande líder que se atribuía a figura de Getúlio Vargas. A partir deste evento abriu-se a

possibilidade de uma união política no Rio Grande do Sul, que culminaria com a indicação de Getúlio para concorrer à presidência do Brasil em 1929. Luciano Aronne de Abreu nos indica também esta possibilidade de união e aponta que:

A realização do Congresso das Municipalidades foi, pode-se dizer um, primeiro passo no sentido da formação da Frente Única Gaúcha (FUG). A partir do evento, as relações entre Libertadores e Republicanos passaram a ser mais amistosas e tolerantes, embora ainda houvesse divergências políticas significativas entre os dois grupos. (ABREU, 1996, p. 89).

A *Revista do Globo* acompanhou e realizou cobertura dos eventos que cercaram o congresso, publicando os discursos e realizando ampla cobertura fotográfica, com destaque para Getúlio Vargas, como bem demonstra a fotografia em destaque do discurso inaugural realizado pelo então presidente do Estado para a platéia atenta às suas palavras. (ver **Figura 1**).

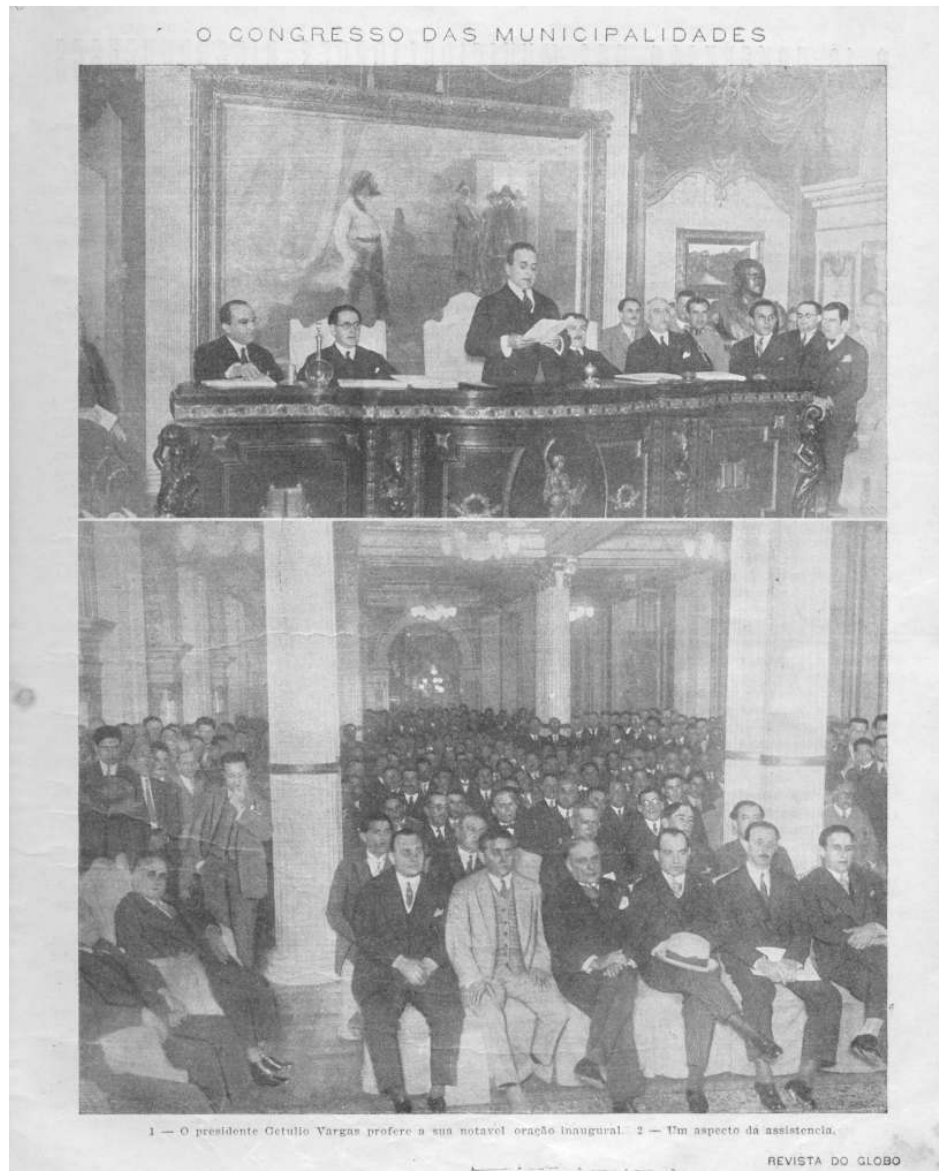


Figura 1- Getúlio Vargas e seu discurso de abertura.

2.2 – O mito político

A partir de 1929 inicia-se a campanha de sucessão presidencial de Washington Luís. As primeiras décadas do século XX marcaram aquilo que ficou conhecido como “República Velha”, onde acordos entre as oligarquias paulista e mineira buscavam um revezamento no poder nacional, ora indicando candidatos que representavam os interesses de São Paulo, ora os interesses de Minas Gerais.

Como de costume, ao findar o mandato de Washington Luís e, conseqüentemente, o período paulista no poder nacional, Minas Gerais esperava a indicação de um candidato mineiro que representasse a continuação da política de acordos entre os dois Estados. De

forma a desagradar mineiros, os paulistas indicaram outro representante de São Paulo para concorrer à vaga de Washington Luís, o nome indicado foi o de Júlio Prestes, iniciando assim uma desavença entre os dois Estados que outrora governaram em sistema de revezamento o Brasil. Era o fim da República Velha, que teria seu momento culminante em 1930 quando da “Revolução de 1930”.

Buscando apoio em outro Estado que pudesse representar frente ao governo paulista, os mineiros liderados por Antônio Carlos enxergaram no Rio Grande do Sul e na figura de Getúlio Vargas o nome certo para a eleição. Político de carreira ascendente, Vargas representava o homem certo no momento exato. Neste sentido, Luciano Aronne Abreu aponta que:

Getúlio Vargas, em termos regionais, como temos visto, era tido como um político conciliador e empreendedor. Ele havia sido capaz de reunir, em um mesmo Congresso, governistas e oposicionistas. Várias conquistas haviam sido obtidas em seu curto mandato presidencial, o que lhe conferia legitimidade junto à sociedade gaúcha. Em termos nacionais, o nome de Vargas conquistara o respeito de importantes políticos, inclusive do próprio Presidente da República, quando de sua passagem pela Câmara Federal e pelo Ministério da Fazenda. (ABREU, 1996, p. 92).

Confirmando que sua carreira iniciada de forma acadêmica e colaborativa, juntamente com seus colegas e companheiros em 1907, estaria entrando em uma nova fase. Getúlio Vargas começaria a alçar vôos mais altos, começaria uma caminhada rumo ao poder nacional, onde além de suas habilidades políticas, sua imagem seria imortalizada junto ao povo.

Importante cobertura para o processo eleitoral e para a campanha que levou Getúlio Vargas como candidato a presidência da República do Brasil, tendo João Pessôa como seu vice, foi realizada pela *Revista do Globo*. Em suas páginas, durante toda a campanha, foi destinado amplo espaço, entre artigos, reportagens e principalmente fotografias do candidato e de seus aliados políticos. As imagens assumiram a forma de mediadoras entre o político e os seus eleitores.

Se o Século XX acabou por consolidar a imagem como linguagem e como portadora de significações, foi na política que ela obteve as maiores performances e pode se desenvolver como uma linguagem à parte, capaz de obter resultados impressionantes, como bem lembrou René Rémond em seu “Por uma História Política” de 1996.

A capacidade da imagem em transformar o candidato político em uma imagem familiar, que possa ser compartilhada e identificada pelo eleitor é apontada por Roland Barthes:

Naturalmente, o uso da fotografia eleitoral supõe uma cumplicidade: a foto é um espelho; ela oferece o familiar, o conhecido, propõe ao eleitor a sua própria efigie, clarificada, magnificada, imponentemente elevada à condição de tipo. É, aliás, essa ampliação em termos de valores que define exatamente a fotogenia: ela exprime o eleitor e, simultaneamente, transforma-o num herói; ele é convidado a eleger-se a si próprio, incumbindo o mandato que vai dar de uma verdadeira transferência física: delega de algum modo a sua raça. (BARTHES, 2009, p. 163).

A identificação já presente entre os eleitores gaúchos e Getúlio Vargas, particularmente os de Porto Alegre, local de maior circulação da *Revista do Globo* em seus primeiros anos seria reforçada e ampliada com a cobertura desta candidatura para a presidência da república. Sua imagem seria constante difundida no periódico e confirmaria o que aqui defendemos, de que se tem início uma “ideia-imagem” de “gaúcho”, representada nas páginas da *Revista do Globo*, que ao findar do processo eleitoral e posteriormente dos eventos do processo revolucionário que culminaria com a deposição por armas de Washington Luís, elevaria Getúlio Vargas a um novo patamar, passando a ser representado como um “Líder nacionalista”, o que aqui denominamos com o eixo temático “Chefe da nação”. Estes elementos que aqui abordamos de forma sucinta serão explorados no capítulo 4 desta pesquisa, ao dedicarmos à análise das imagens de Vargas no periódico.

A fotografia será aliada dos políticos ao longo do século XX, como uma espécie de colaboradora traria uma autoridade de instantâneo e de veracidade existentes somente dentro do mundo da fotografia. Sobre esta relação entre fotografia e homem político, Roland Barthes lembra que:

Par a começar, a efigie do candidato estabelece um elo pessoal entre ele e os seus eleitores; o candidato não propõe apenas um programa, mas também um clima físico, um conjunto de opções cotidianas expressas numa morfologia, num modo de se vestir, numa pose. A fotografia tende, assim, a restabelecer o fundo paternalista das eleições, a sua natureza "representativa", desvirtuada pelo voto proporcional e pelo reino dos partidos (a direita parece utilizá-la mais do que a esquerda). (BARTHES, 2009, p. 162).

A fotografia (ou a imagem) não só registra, documenta, mas reforça uma relação existente entre o candidato e o eleitor, aproxima a figura do político do cotidiano do eleitor e leitor do periódico, no caso da *Revista do Globo*. Uma enorme campanha liderada por

Getúlio Vargas teve início pelo Brasil, inclusive no reduto de Washington Luís, na capital federal, em pleno Rio de Janeiro. Mesmo que em promessa ao próprio Washington, então presidente, Vargas tenha reforçado que não iria realizar campanha além das fronteiras do Rio Grande do Sul. Promessa esta que ele não cumpriu. Estes discursos e tais incursões por “território inimigo” foram acompanhados de perto pela *Revista do Globo* e publicados. Mais adiante iremos apresentar as fotografias e as coberturas que Vargas recebera quando destes momentos. Por ora nos limitamos a dizer que o material é vasto e rico em informações, e representa um Vargas líder e ovacionado pela população atenta às suas palavras.

As eleições de 1930 vieram, e como de costume o resultado confirmou aquilo que era temido e denunciado na imprensa da época: a vitória do candidato paulista, Júlio Prestes, apoiado por Washington Luís e continuador da política de dominação de São Paulo. Obviamente que denúncias da parte da chapa que apoiara a candidatura de Getúlio Vargas seriam externadas. Compra de votos, alterações de atas eleitorais e manipulação da população eleitoral seriam apenas alguns dos elementos determinantes para a vitória da situação.

Até aí nada de novidade no processo eleitoral, visto que a marca mais característica da política nacional nas primeiras décadas do século XX eram mesmo tais práticas. O próprio Getúlio Vargas em solo gaúcho já participara de tais práticas, falsificando atas eleitorais e contribuindo para o coronelismo e para a máquina que sustentava a política do “café-com-leite”, como bem lembrou Maria Celina D’Araújo em seu trabalho sobre o perfil biográfico de Getúlio Vargas organizado pela Câmara dos Deputados e publicado em 2011.

Antes mesmo do resultado das eleições, os membros mais radicais e enérgicos da Aliança Liberal já levantavam a possibilidade de uma revolução armada em solo brasileiro. O próprio Getúlio Vargas ainda acenava com a possibilidade de uma aproximação com o governo de Washington Luís e seu sucessor Júlio Prestes, numa tentativa de conciliação entre o governo Federal e do Rio Grande do Sul.

Todas estas possibilidades sofreriam um revés diante de um elemento catalisador: o assassinato de João Pessoa. Seria este uma espécie de pretexto e motivo para que as forças que apoiavam Vargas então pudessem colocar seu plano em ação. Os motivos pelos quais os episódios que envolveram Getúlio e seus aliados já foram alvo de uma extensa produção

historiográfica, autores como Thomas E. Skidmore, Maria Celina D'Araujo, Joseph L. Love, Pedro Paulo Zahluth Bastos, Pedro Cezar Dutra Fonseca, Luciano Aronne Abreu e Boris Fausto já trabalharam em suas obras tais motivos. Não cabe aqui entrar nos pormenores dos fatos. Apenas limitamo-nos a expressar que fora organizada uma junta militar, tendo Getúlio Vargas no comando. Os acontecimentos haviam alçado este político a nível nacional definitivamente. Entre os anos de 1930 até 1934, Getúlio Vargas fez parte do chamado governo provisório, liderando a presidência do Brasil e utilizando sua habilidade de pacificador e de conciliador. As pressões eram as mais variadas possíveis, sendo que a principal reivindicação vinha dos paulistas em prol de uma definição em relação ao governo central e na elaboração de uma Constituição Federal para o Brasil, algo prometido pelos “revolucionários” de 1930.

Em 1932 teria início uma revolta em São Paulo, devido também às tensões que, mesmo administradas por Getúlio Vargas, eram permanentes e haviam chegado ao seu limite, culminando em conflito armado que durara três meses. Este acontecimento também fora alvo de uma breve reportagem da *Revista do Globo* em sua edição de número 95.

Vencida a revolta armada em São Paulo, era hora de juntar as forças e o que restava do Governo Provisório e ir em busca de uma solução. Em 1933 Getúlio Vargas convocaria uma Assembléia Nacional Constituinte e ordenaria a elaboração de uma Constituição para o Brasil. Em 1934 a Carta constitucional saiu do papel, e logo em seguida Getúlio Vargas foi eleito de forma indireta para a presidência da República do Brasil.

2.3 – Da Carta de 1934 ao Estado Novo: as bases da ditadura de Vargas

Em 1934, a *Revista do Globo* sob direção de Érico Veríssimo, em sua edição de número 150, já trazia no seu editorial uma homenagem a Getúlio Vargas, que era tratado agora pelo periódico como “S. Excia. O Presidente”. De fato o espaço entre os anos de 1934 até 1937 seriam decisivos para a manutenção de seu poder e para o estabelecimento das bases que dariam sustentação ao Estado Novo.

Esta mesma edição traria uma reportagem especial sobre o retorno de Getúlio Vargas ao Rio Grande do Sul após quatro anos afastado, desde que os episódios de 1930 levaram-no ao poder. Em uma das fotomontagens reproduzidas nas páginas desta edição, Vargas aparece sendo recebido com um abraço pelo General Flores da Cunha, um abraço

caloroso, simbólico e que ficou registrado pelas lentes do fotógrafo. O título da fotomontagem “Velhos Amigos” traria uma ideia diferente daquela que ficaria para a História quando da quebra desta amizade e do afastamento entre ambos, os velhos amigos morreriam como inimigos íntimos. (ver **Figura 2**).

Em 1935, seria deflagrada em solo brasileiro uma tentativa de golpe comunista. Liderado por Luís Carlos Prestes. Outrora tenente revolucionário foi líder de uma das mais impressionantes marchas militares já registradas, a “Coluna Prestes” percorrendo 25 mil quilômetros e por sua companheira Olga Benário Prestes, que seria deportada para a Alemanha nazista e morreria no campo de extermínio de Bernburg em 1942. Prestes também fora sondado por Getúlio Vargas para compor as lideranças militares quando da “Revolução de 1930”,

Os episódios ocorridos em 1935 dariam a Vargas o aval para que o mesmo difundisse a imagem do comunismo como algo monstruoso e problemático para o Brasil, como uma praga que deveria ser combatida. O medo e o pavor cresceram, e com o apoio da imprensa Vargas pode lançar as bases que sustentariam a “paranóia comunista” que se alastraria em solo brasileiro. Agora Vargas tinha um novo inimigo a combater, o comunismo, e isto abriria espaço para que sua atuação política se mantivesse fora das críticas tão presentes nos primeiros anos de governo nacional.



Figura 2 - Os “Velhos Amigos”, Getúlio Vargas e Flores da Cunha.

Os anos de 1935, 1936 e 1937 foram de estabelecimento das bases da ditadura varguista que viria em 1937 com o Estado Novo. Antes disto, em 1937 através do “Plano Cohen”, que mais tarde ficaria marcado por ser uma montagem do próprio Vargas, daria o aval para a inicialização e a implantação do regime de exceção no Brasil.

A partir de 1937, teve início o Estado Novo que duraria até 1945, período em que a exploração da imagem de Vargas seria mais intensa. Se por um lado sua imagem já era conhecida pelo povo brasileiro, a partir do Estado Novo Vargas seria idolatrado.

As bases do culto de sua imagem estavam presentes, e agora entrariam em cena com o estabelecimento do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) a partir de 1939. Efetivamente sua imagem junto à população seria lapidada e trabalhada no sentido de

apresentar um personagem que reunia todos os aspectos que viriam a caracterizar os grandes líderes políticos do século XX, carisma, liderança, coragem e habilidade política.

A partir de 1937, o Estado Novo abriria espaço para a reverência à sua imagem. Getúlio Vargas transformaria o povo em seu maior aliado. Até 1945, ano de sua deposição por militares que antes o apoiaram desde sua candidatura em 1929, Vargas crescera no conceito popular a tal ponto que seria impossível desvencilhar sua imagem junto ao povo brasileiro. (ver **Figura 3**).



Figura 3 - Viagem de Vargas do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul.

Nota-se na imagem, que não se trata mas de um simples representante regional, um homem do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas e o cuidado com que é recebido ao sair do avião representam a importância e a amplitude que alcançara agora o representante do Brasil em crescimento, do Brasil moderno.

3. A REVISTA DO GLOBO: ESPAÇO DE REPRESENTAÇÕES

Criada a partir da livraria de mesmo nome, a *Revista do Globo* surge em 1929 na esteira da ideia de modernização pela qual passa a imprensa no Rio Grande do Sul⁴. Espaço amplo de divulgação das artes gaúchas, nacionais e internacionais, o periódico quinzenal trazia reportagens, resenhas e lançamentos de livros. Dentre todos estes assuntos veiculados pela revista, a política era um dos assuntos que mais teve espaço em suas páginas nos anos iniciais.

Marcada por capas em que a figura feminina ocupa maior destaque e torna-se uma espécie de marca registrada do periódico, belíssimas fotos e desenhos dos mais variados artistas ilustraram suas edições. Um estudo apenas das respectivas capas da *Revista do Globo* já seria atraente e promissor. Material vasto e impressionante que marcou época e gerações.

O periódico se assume como um veículo das artes, um “quinzenario de cultura e vida social [sic]”, que, por sua vez, cobre uma lacuna existente no jornalismo do Rio Grande do Sul das décadas de 1920 a 1960 em relação a empreendimentos do tipo, levando ao público uma variedade de assuntos, além de marcar época como um dos principais veículos de opinião do Estado e uma das principais publicações do estilo Magazine no Brasil.

Espaço onde assuntos dos mais variados como esporte, literatura, moda, política, tecnologias e comportamento faziam parte de suas páginas, inundando de quinze em quinze dias seus números com representações e imagens da sociedade gaúcha, bem como reportagens de cunho internacional. As mais diversas representações estiveram presentes em suas páginas. Desde a moda feminina e o comportamento voltado ao lar, que com o tempo destina-se a uma modernização do espaço social feminino, até mesmo as representações da sociedade de Porto Alegre (ver **Figura 4**), grande alvo das reportagens sobre a vida social dos gaúchos (MACHADO JÚNIOR, 2009).

Novamente nestas seções acerca da sociedade gaúcha, o perfil feminino domina o cenário e as fotografias em sua maioria são de “moças da sociedade”. Em poses de estúdio ou ao ar livre, as fotografias nos revelam também informações sobre os padrões estéticos e culturais em voga nas primeiras décadas do século XX. Suas seções temáticas de música,

⁴ Para maiores informações sobre a imprensa no Rio Grande do Sul ver RÜDIGER, Francisco. *Tendências do Jornalismo*. 3ª edição Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

teatro e cinema mantiveram seus leitores atentos e em contato com tudo o que era lançado de mais novo e profícuo nestas áreas. Com análises de profissionais destes setores, suas reportagens enchem as páginas do periódico com um material rico e extremamente bem elaborado. Foram 38 anos de cobertura dos mais diversos assuntos, das mais diversas tendências literárias e comportamentais, bem como de conflitos, como a grande cobertura sobre a ascensão do nazismo e a eclosão da Segunda Guerra Mundial⁵.

Sua seção de literatura foi provavelmente a mais charmosa e rica em reportagens. Com análises pontuais e precisas, os mais diversos críticos de literatura e escritores dos mais variados gêneros inundam suas páginas com um material rico para consultas e que espera ansiosamente por pesquisas mais atentas e completas, visto que a pesquisa que aqui se apresenta não teve tempo hábil para explorar mais estes elementos.

O periódico torna-se a partir de 1929 o principal produto da Editora e Livraria do Globo, empresa que também pertencia à família Barcellos. Com uma ação mais moderna, vendendo espaço publicitário, inicia uma prática que antes não se encontrava nos periódicos até então existentes no Estado do Rio Grande do Sul. A pesquisadora Elisabeth Rochadel Torresini (1999) aponta que, além da visão de negócios da família Barcellos, a direção inicial da *Revista do Globo* ficou a cargo de Mansueto Bernardi, homem de negócios habilidoso e inteligente, e que desta maneira sua gestão colaborou para o crescimento do periódico, bem como sua aceitação e consumo entre os leitores de Porto Alegre.

Torresini atenta ainda para o fato de que a “habilidade em dar espaço a autores gaúchos ajuda a consolidar um espaço cativo entre leitores da capital gaúcha. Muitos autores como Augusto Meyer, Vargas Netto, Ruy Cirne Lima, Dyonélio Machado e Paulo Gouvêa encontram na *Livraria do Globo* uma oportunidade para editarem e publicarem suas obras, criando assim laços entre os intelectuais sul-rio-grandenses do Grupo do Café Colombo e a livraria” (TORRESINI, 1999, p. 56-57).

⁵ O livro “A imagem do Terceiro Reich na Revista do globo (1933-1945)” de Mateus Dalmáz, publicado em 2002 pela editora EDIPUCRS, demonstra muito bem a construção do imaginário a respeito do regime nazista e como as imagens veiculadas pela *Revista do Globo* são determinantes na formação da opinião dos leitores, bem como a utilização das imagens como veículo formador de opiniões.



Figura 4 - Representações da sociedade gaúcha.

Cria-se assim uma identificação que será transmitida para a *Revista do Globo*, construindo fortes laços entre o periódico e a população urbana de Porto Alegre, antes de conquistar espaço nos demais municípios do Rio Grande do Sul, se consolidando como o maior periódico a circular no Estado entre os anos em que esteve ativa.

A respeito dos espaços publicitários e de anúncios diversos, grandes empresas da época como a *Goodyear* e a cervejaria *Continental* utilizaram muitas páginas para anunciar seus produtos (ver **Figura 5 e 6**).



Figura 5 - Saltos de borracha Goodyear.



Figura 6 - Cervejaria Continental.

Eletrodomésticos da *General Electric* e carros da *Ford* figuraram entre os produtos que ilustraram as páginas da *Revista do Globo* (ver **Figuras 7 e 8**). Cria-se aos poucos um grande corpo de assinantes e o periódico inicia uma relação com os leitores que se mostraria duradoura até 1967, quando a *Revista do Globo* tem suas atividades encerradas.



Figura 7- Propaganda da *General Electric*.



Figura 8 – Propaganda de carros da *Ford*.

Destaque também para o concurso de mais bela gaúcha de 1930. Reportagens recheadas com as candidatas e seus locais de origem, bem como entrevistas a respeito das preferências das candidatas demonstram e nos trazem informações acerca dos padrões de beleza dos charmosos anos 30 do século XX.

Procuramos aqui fazer uma homenagem às candidatas das cidades de Santa Maria e de Santa Cruz do Sul (ver **Figura 9 e 10**). Quatro mulheres que representam as medidas estéticas, a moda e as particularidades femininas da época. Importantíssimas fotografias que revelam acessórios e detalhes que poderiam servir de base para uma análise mais profunda sobre os concursos de beleza do Rio Grande do Sul e do Brasil.



Figura 9 – Concurso de Mais Bela do Rio Grande do Sul.



Figura 10 – Candidatas do Concurso Mais Bela do Rio Grande do Sul.

Com um visual moderno e diferente, a *Revista do Globo* tornar-se-ia um verdadeiro marco na história não só da imprensa do Rio Grande do Sul, bem como um marco visual e estético, uma grande fonte de beleza e harmonia que ficariam imortalizadas em suas páginas nos 38 anos em que estivera nas bancas e nos lares dos leitores gaúchos.

3.1– A *Revista do Globo* e a renovação da imprensa do Rio Grande do Sul

A *Revista do Globo* faz parte do processo de modernização pelo qual passa a imprensa gaúcha das primeiras décadas do século XX, mudança esta que diz respeito a muitos dos aspectos que sustentaram a produção dos jornais do século XIX. O jornalismo do século XIX ficou marcado por estar intensamente atrelado a partidos políticos, dependente muitas vezes das verbas oriundas dos mesmos. Com uma tiragem não muito expressiva, as empresas detentoras das principais folhas gaúchas tinham um público enxuto e uma visão muitas vezes partidária e sem ambições empresariais.

Mas a fase do “jornalismo informativo moderno” inaugura um tempo diferente para o jornalismo gaúcho. Inspirado nos moldes empresariais, algumas folhas se modernizam, contratam pessoal especializado, incrementam seu maquinário e adotam novas abordagens, inaugurando uma nova fase na história do jornalismo do Rio Grande do Sul (RÜDIGER, 2003).

O final do século XIX trouxe um dos conflitos mais sangrentos da História do Brasil, a chamada Revolução Federalista, que durou de 1893 até 1895 no Rio Grande do Sul e marcou de forma negativa a disputa entre partidos políticos, notadamente republicanos e federalistas. Então, o início do século XX abriu espaço para um discurso diferente, em que os jornais buscavam uma postura não comprometida com partidos políticos de qualquer espécie.

Caldas Júnior⁶ com uma visão diferenciada do jornalismo que se praticava na época deu um passo inicial para uma nova fase do jornalismo gaúcho ao fundar o seu o *Correio do Povo*. Jornal que trouxe uma nova abordagem, mais moderna, mais direcionada ao público leitor. Matérias e reportagens assinadas e com opiniões. Com pesados investimentos na área administrativa, redução de custos e um aumento de produtividade, o *Correio do Povo* foi o primeiro a montar a primeira impressora rotativa no Estado do Rio Grande do Sul, sem contar que mais adiante também começou a utilizar linotipos⁷ em sua produção. Este primeiro passo acabou influenciando outros jornais, como o *Diário de Notícias*, que também circulou com considerável tiragem pelo Estado, rivalizando durante a década de 1920 com o *Correio do Povo*. Em virtude destas inovações tecnológicas e das novas abordagens empresariais, estes dois jornais “definiram assim um novo regime jornalístico, cuja chave do fortalecimento foi a organização empresarial, como demonstra também o caso da famosa *Revista do Globo* (RÜDIGER, 2003, p. 80-81).

Prova disso é que os editores da *Revista do Globo* assimilam o discurso e as práticas adquiridas na observação destes empreendimentos jornalísticos que a antecedem. Já em sua edição de abertura o periódico se apresenta como acima e longe de qualquer ideologia política, que caracterizava este jornalismo empresarial do início do século XX no Brasil. Atitudes e práticas que segundo Nelson Werneck Sodré dizem respeito à transição

⁶ Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior foi jornalista do jornal *d'A Reforma* e fundador do *O Correio do Povo*. Também colaborou na fundação da Academia Rio-Grandense de Letras em 1901.

⁷ O Linotipo é uma máquina, que foi inventada por Ottmar Mergenthaler em 1886, na Alemanha, tendo um teclado e utilizada como máquina de escrever.

da pequena à grande imprensa no Brasil:

Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício da função. Se é assim afetado o plano da produção, o da circulação também o é, alternando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores (SODRÉ, 1999, p. 275).

Então, o jornalismo deixa de ser uma aventura e os periódicos enfrentam o desafio da transição de um empreendimento simples para tornarem-se verdadeiras empresas, nos moldes capitalistas, com um diálogo mais amplo com anunciantes, uma abordagem inovadora e definitivamente moderna em termos de administração.

A *Revista do Globo* nasce no bojo deste novo contexto do jornalismo brasileiro que abandona as disputas políticas partidárias, concentrando seu foco no capital, o que leva os periódicos a dialogarem com as mais diversas instâncias do poder, do jogo político, o que explica o predomínio ou quase exclusividade da figura política de Getúlio Vargas nas páginas deste periódico gaúcho, pelo menos até meados de 1937.

Não era hora de estimular disputas, rivalidades políticas e ideológicas, mas de unir o Estado do Rio Grande do Sul em torno de uma imagem: a de Getúlio Vargas, o gaúcho que se tornara o Chefe da Nação.

3.2 - Imagens no periódico do Globo: o caso de Getúlio Vargas

A utilização de imagens é um dos grandes fatores e um dos elementos determinantes para que a *Revista do Globo* encontre um espaço que antes não pertencia a nenhuma publicação do gênero no Rio Grande do Sul. A fotografia como representação do real e como elemento de construção de significados encontra neste periódico um amplo espaço de circulação. Trata-se de um novo período nas publicações, em que o fotojornalismo entra em definitivo na história da imprensa brasileira e encontra no Rio Grande do Sul um de seus mais valorosos exemplos. Tais imagens são alvos deste trabalho, particularmente a imagem de Getúlio Vargas e a forma como foi representada nas páginas da revista. Visamos compreender como se deu a utilização de sua imagem como homem capaz de portar diversos significados. Fato que antecede em alguns anos o período que tradicionalmente se atribui à propaganda política da figura de Getúlio Vargas.

Foi durante o Estado Novo, particularmente com a criação em 1939 do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e a divulgação maciça da imagem do Chefe da Nação junto à população brasileira por meio da propaganda no rádio, nos jornais, no cinema, em publicação de livros didáticos e com os discursos voltados aos trabalhadores nas festividades de Primeiro de Maio, que presenciemos um maior interesse do Estado brasileiro com a questão da propaganda política, garantindo a amplificação da imagem de Getúlio Vargas como um líder onisciente e onipresente, preocupado com os rumos da Nação. Imagem que mais tarde o irá imortalizar como o “pai dos pobres”.

O DIP cuidou da imagem de Getúlio Vargas, propaganda a imagem de um Chefe da Nação capaz de reunir todas as qualidades esperadas de um líder. Seu carisma e seu sorriso foram explorados intensamente. Vasto material didático foi impresso com sua imagem, sua vida política e pessoal também foi explorada por este órgão no sentido de aproximá-lo do povo, dos “trabalhadores do Brasil”.

Tendo isto em vista, esta pesquisa procura demonstrar como o caso específico da *Revista do Globo* contribui para entendermos como a exploração da imagem de Getúlio Vargas como instrumento político se deu anterior ao Estado Novo, contrapondo-se à visão que tradicionalmente consagra a historiografia brasileira de que esta tarefa teria sido exclusividade do DIP, somente em 1939. Mesmo sendo um caso específico e isolado, dentro do Estado do Rio Grande do Sul, e muito ainda no espaço de Porto Alegre, a *Revista do Globo* também explora a imagem de Getúlio Vargas de forma política, por isso esta pesquisa estipula o espaço entre os anos de 1929 até 1937. Justamente o período que antecede a criação do DIP e o que se encontra nos clássicos sobre o período e a Era Vargas.

A *Revista do Globo*, não é responsável por cristalizar uma imagem de Getúlio Vargas no imaginário dos brasileiros, mas pelo menos ensaia uma representação deste político em suas páginas em âmbito mais restrito, no caso o público leitor majoritariamente da Porto Alegre urbana, ora como homem forte regional, o “Gaúcho”, ora como um verdadeiro “Chefe da Nação”, como demonstraremos ao longo do trabalho. É interessante notar que a preocupação com a imprensa e a opinião pública toma lugar na política de Getúlio Vargas antes deste se tornar Presidente da República, muitos anos antes de sua imagem ser explorada pela propaganda do Estado Novo.

4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De 1929 a 1937 Getúlio Vargas é retratado de forma extensa nas páginas da *Revista do Globo*, um período que compreende importantes eventos políticos da história brasileira, como a “Revolução de 1930” e o início do Estado Novo, que tiveram este político como um dos seus principais protagonistas. Somam-se 157 imagens de Getúlio Vargas, além de 80 páginas com textos dos mais diversos assuntos entre editoriais e reportagens que fazem menção à figura deste político.

Do material foram selecionadas algumas imagens e textos, pontualmente as que mais evidenciam o processo de construção da representação de Getúlio Vargas, e que demonstram o caminho adotado através de eixos temáticos identificados a partir da pesquisa documental realizada. Neste capítulo serão apresentados os conteúdos dos eixos, posteriormente o material será explorado e analisado no capítulo seguinte, em que nos interessa desmontar como as imagens e textos nos proporcionam uma compreensão acerca das representações do homem político Getúlio Vargas.

Para fins de organização da pesquisa documental foi realizada uma indexação destas imagens e textos que foram estruturados a partir dos seguintes eixos temáticos: 1) “Líder regionalista”; 2) “Líder nacionalista”; e 3) “Vida social”. Estes três eixos foram definidos a partir de uma primeira análise do material em que ficou evidente o caminho percorrido pelas reportagens da revista na tentativa de construção da figura de Getúlio Vargas. Assim como as imagens que denotam uma crescente importância política e social a este personagem, que vai desde sua atuação no Estado do Rio Grande do Sul até sua ação política como chefe maior da Nação em um nível internacional. Sua vida social também ganha muita importância, pois o aproxima do homem comum e de costumes populares do Rio Grande do Sul, como festas, jantares e almoços regados a churrasco, por exemplo.

No eixo temático “Líder regionalista” cria-se uma “ideia-imagem” de Getúlio Vargas como o “Gaúcho”, aquele que mantém suas raízes enquanto participa de um movimento de renovação política e social a nível nacional. Apresenta um homem que tem em suas origens as qualidades necessárias que o futuro Chefe da Nação deveria ter. Para a revista, Getúlio Vargas é representado como um político que, apesar ter alcançado uma relevância na política nacional, não abandona os costumes simples do homem dos pampas,

do “gaúcho”, como se resolveu denominar o indivíduo nativo que vive nos campos do Rio Grande do Sul e que possui determinadas qualidades como bravura, honra, e coragem.

No eixo “Líder nacionalista”, a realização e a consagração de sua figura política alcançam o âmbito nacional e internacional, criando uma “ideia-imagem” de “Chefe da Nação”. Ocorre uma modernização no tratamento da figura de Vargas, que passa a ser retratado como um verdadeiro estadista. Os elementos regionalistas que marcam sua representação nos primeiros anos do periódico desaparecem dando lugar ao terno branco e ao sapato bicolor. Não que antes não tenha sido fotografado assim, mas agora os elementos regionais como a bombacha e o cavalo dão espaço a essa imagem mais austera e moderna do então Presidente da República.

Por fim, o eixo temático “Vida social”, cria uma “ideia-imagem” de um “Homem do povo”, que apesar de todos os acontecimentos e episódios políticos em que se envolve jamais abandona as coisas simples, os costumes simples e prazerosos, como jantares, festas, churrascos e passeios com a família e amigos. Humaniza a figura política de Getúlio Vargas frente ao público que lê o periódico.

Dito isto, os primeiros três anos da revista (de 1929 a 1931) concentram a maior quantidade de material publicado, foram 101 imagens e 72 páginas de textos. Sendo estes anos os mais intensos, desde a divulgação da campanha de Getúlio Vargas para a presidência até 1931, ano que antecede a Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo. Vale lembrar que grande parte do material deste período encontra-se no número especial dedicado à “Revolução de 1930” (ver **Figura 11**).

Este especial reuniu em suas 486⁸ páginas uma retrospectiva do movimento revolucionário de 1930. Com o título de “Documentos para a História”, este especial refez todo o trajeto de Getúlio Vargas até o Rio de Janeiro. Material interessante e vasto, este número em dedicação à “Revolução de 1930” percorreu e entrevistou diversos municípios do Rio Grande do Sul e mostrou como se deu os episódios da revolução nestas localidades. Retratou também todos os Estados do Brasil que se envolveram de alguma maneira no processo revolucionário.

⁸Sobre a análise do material publicado pela *Revista do Globo* ver “*As Representações da Revolução de 1930 nas páginas da Revista do Globo (1929-1932)*” de Eduardo Barreto de Araújo. Monografia defendida em 2011 no curso de História da UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul).



Figura 11: Especial sobre a Revolução de 30.

O número que trouxe às bancas o especial sobre a “Revolução de 1930” possivelmente foi na época o mais rico empreendimento editorial sobre o assunto, reunindo diversas fotografias, artigos, opiniões, entrevistas e hinos relacionados ao tema. A procura foi tão intensa por este número especial que uma segunda impressão foi necessária,

demonstrando a grande aceitação pelo público leitor, e uma grande identificação com os acontecimentos publicados no período.

No espaço de tempo que vai de 1932 até o ano de 1933, a *Revista do Globo* praticamente não publica imagens e textos sobre Vargas, salvo em alguns momentos esporádicos. Trata-se de um período de maior modernização da revista e de maior cobertura de assuntos internacionais, como literatura estrangeira e política internacional. Os comportamentos, feminino e social, continuam sendo os grandes alvos da *Revista do Globo*. Um dos pontos altos do período é a comemoração do cinquentenário da *Livraria do Globo*, com uma reportagem em homenagem à livraria, em que ganha destaque seu fundador, Laudelino Pinheiro de Barcellos. O periódico é apresentado na reportagem como um dos maiores empreendimentos gráficos do Brasil e da América Latina, um breve histórico de sua produção é apresentado ao leitor.

Evidenciando o seu orgulho pela evolução tecnológica conquistada pela empresa, a revista nos apresenta o contexto minguido e enxuto do início da livraria, em que as máquinas não existiam e a tecnologia era precária. Não havia seções de fotografia, litografia, alto relevo entre outras tantas necessárias para um empreendimento moderno como o que se daria com a criação da *Revista do Globo*. O número de funcionários também havia praticamente quadruplicado entre estes anos todos.

Segundo a própria revista, no espaço da livraria, onde iria surgir a *Revista do Globo*, passavam os mais diversos intelectuais, políticos e militares. Conforme a reportagem:

A Livraria era então o ponto de reunião de figuras representativas, de todas as esferas sociais. Viam-se ali, principalmente á tarde, reunidas em franca palestra, comerciantes, políticos e militares. E foi desse passado modesto, porem esperançoso, que surgiu o monumento de hoje. A Livraria do Globo já pesa na comunhão brasileira. A renda que dá aos poderes públicos, anualmente, é considerável. [sic]. (REVISTA DO GLOBO, 1933, nº 127, p. 38).

Há um claro orgulho por parte dos editores pelo caminho trilhado até chegar ao estabelecimento da *Livraria do Globo* como um ícone nacional e regional. Obviamente que romantizado, mas que chama a atenção pela noção de grandiosidade do empreendimento e pela aproximação com os “poderes públicos”, sempre citados com um ar de amizade e confraternização.

A única imagem de Getúlio Vargas que aparece entre estes anos na revista foi uma ilustração feita pelo desenhista Carlos da Cunha para o número 123 do periódico, em que Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt aparecem juntos. No título da ilustração encontra-se o seguinte texto: “*Os Ditadores Otimistas*”.

Logo em seguida a legenda esclarece que somente regimes com homens fortes prevalecem; onde há problemas estes tais “homens fortes” resolvem, e somente assim prevalece um governo forte. Enquanto um comanda no Norte, o outro comanda no Sul. Notem que a palavra “ditador” aqui é utilizada de forma positiva para demonstrar todas as qualidades presentes nas duas personagens políticas representadas na imagem (ver **Figura 12**).

Curiosa também são as reportagens sobre as paradas em comemoração ao dia 24 de outubro, data adotada como sinal da vitória da “Revolução de 1930”, convivendo ao mesmo tempo com reportagens da partida de futebol entre o Rio Grandense de Santa Maria e o Grêmio de Porto Alegre, em que o time da capital vence pelo placar de 3 a 0.

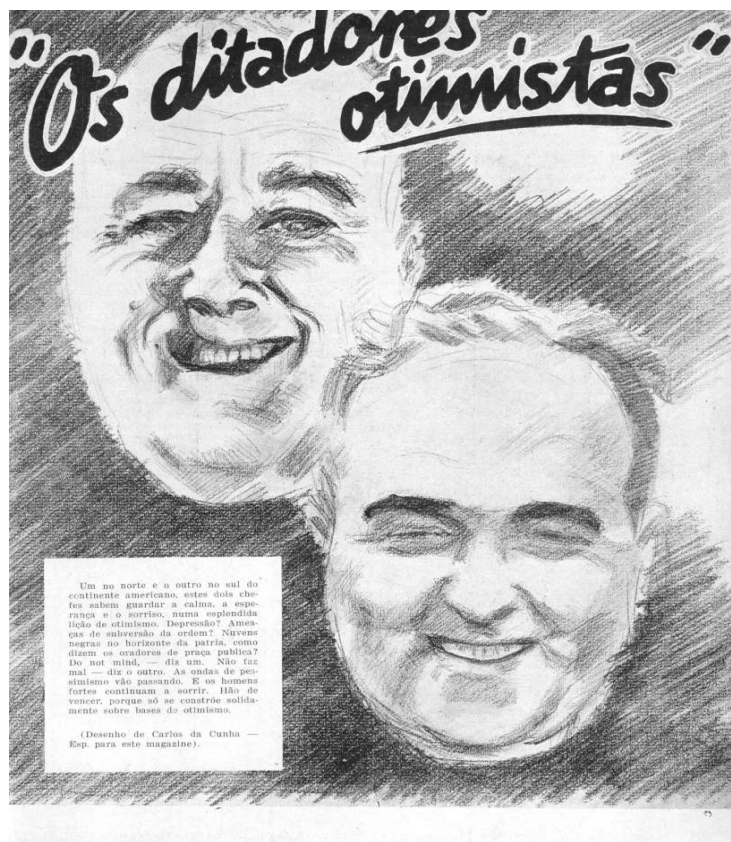


Figura 12: Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt.

Nos anos de 1934, ano da primeira Constituição desde que Vargas assumira o poder em 1930, e de 1935, ano que marca a chamada “Intentona Comunista”, a revista volta a publicar intensamente imagens e textos relacionados à figura de Vargas, em uma quantidade que quase se equipara aos três primeiros anos: foram 53 imagens e 07 páginas de textos, entre editoriais e reportagens que citam Getúlio Vargas e suas ações no governo. Porém, nota-se que a diferença quantitativa entre imagens e textos é evidente.

Neste período a *Revista do Globo* prefere um tratamento mais imagético do presidente Getúlio Vargas. Inaugura-se a partir de 1934 um período constitucional, então, uma ênfase positiva ao governo de Getúlio é vista com bons olhos aos redatores da *Revista do Globo*. Nos textos há uma maior ênfase aos atos políticos de Getúlio Vargas a frente da Presidência da República, enquanto que as imagens buscam representar Vargas como um político capaz de liderar o movimento de renovação política que estava sendo operado e, posteriormente, de dar um ar de modernidade ao Brasil. Guardadas as diferenças entre textos e imagens, a intenção que prevalece em ambos é a de representar uma imagem de Vargas como o político melhor preparado para assumir e cumprir o compromisso de modernizar o país. Imagem que também será trabalhada pela propaganda política do Estado Novo a partir de 1937.

De 1936 a 1937 foi publicada somente uma imagem de Getúlio Vargas. Curiosamente em um período em que a sociedade brasileira convive com a assombração do “fantasma comunista” e os desfechos para o início do Estado Novo. Esta única fotografia de Getúlio Vargas trata da visita do presidente dos Estados Unidos Franklin Roosevelt durante sua passagem pelo Rio de Janeiro. Uma fotografia em que ambos “os ditadores otimistas” aparecem sorridentes, enquanto que Roosevelt acena para o povo brasileiro no momento em que desfila de carro pela Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro.

A *Revista do Globo* neste período centra sua atenção em reportagens relacionadas ao cinema, literatura, esporte e moda. A ideia de ser um “magazine moderno” começa a tomar corpo e sedimentar-se na mentalidade dos editores e responsáveis pela revista. O público feminino também começa a ganhar mais espaço, concursos de beleza são acompanhados e expostos nas páginas do periódico, com análises e entrevistas de concorrentes. As capas já apresentam um ar mais artístico e mais moderno, porém o “feminino” domina este espaço. A ausência de Getúlio Vargas na *Revista do Globo* nos

anos próximos à institucionalização do Estado Novo pode ser explicada por esta nova direção tomada pelo periódico, que ao passar dos anos torna-se cada vez mais uma publicação destinada aos meios artísticos e literários, consagrando a ideia inicial dos criadores da revista. Por outro lado, a *Revista do Globo* já havia contribuído para a consolidação da imagem de Getúlio Vargas como “Chefe da Nação”.

Dividido pelos períodos apresentados acima, o corpus da pesquisa pode ser visualizado da seguinte maneira:

IMAGENS:

- **1929 a 1931:** Edição nº 5, p. 14; Edição nº 10, p. 25; Edição nº 13, p. 24; Edição nº 17, p. 25; Edição nº 18, p. 28 e 29; Edição nº 20, p. 45; Edição nº 23, p. 25; Edição nº 25, p. 42; Edição nº 39, p. 35; Edição nº 45, p. 32; Edição nº 46, p. 1, 35 e 36; Edição nº 48, p. 38; Edição nº 49, p. 2; Edição nº 61, p. 1; Edição nº 64, p. 1, 27, 273, 280, 291, 292 e 392; Edição nº 72, p. 7.
- **1932 a 1933:** Edição nº 123, p.9.
- **1934 a 1935:** Edição nº 150, p. 1, 5, 8 e 9; Edição nº 151, p. 37; Edição nº 163, p. 5; Edição nº 170, p. 25 e 39.
- **1936 a 1937:** Edição nº 196, p. 29.

TEXTOS:

- **1929 a 1931:** Edição nº 5, p. 14; Edição nº 18, p. 5; Edição nº 49, p. 2; Edição nº 72, p. 7.
- **1934 a 1935:** Edição nº 150, p. 5; Edição nº 151, p. 37.

Apresentado o corpus da pesquisa, é de extrema importância o esclarecimento de alguns pontos cruciais. Primeiro não foi possível analisar todo o material indexado, as fotografias e páginas dos mais diversos textos somam 157 exemplares e 80 páginas respectivamente. Não haveria tempo hábil para que cada uma das fotografias, por exemplo, fosse analisada em suas particularidades. Até mesmo porque algumas se repetem ao longo do período analisado. Outro aspecto é que alguns textos citam Getúlio Vargas, mas não

fazem parte daqueles que utilizam o imaginário do gaúcho e os elementos regionais para descrevê-lo. Alguns textos inclusive são dos tempos de governo estadual e são balanços de administração.

As fotografias e textos que serão analisados em suas particularidades foram selecionados a partir dos eixos temáticos, ou seja, são fotografias e reproduções da imagem de Vargas que contribuem para compreendermos os usos das “ideias-imagens” que foram identificadas como colaboradoras da construção do mito político. Os textos também fazem parte desta construção, contribuindo decisivamente para a compreensão das imagens e da ideologia presente no periódico estudado.

No próximo capítulo dedicamos a analisar como as “ideias-imagens” de “Gaúcho”, “Chefe da Nação” e “Homem do povo” são exploradas pela *Revista do Globo*, construindo um percurso para a consolidação da figura de Getúlio Vargas como a síntese do homem gaúcho moderno, o único capaz de guiar a nação brasileira. Mas antes de desenvolvermos este percurso se faz necessário algumas considerações acerca da nossa proposta de análise, tendo a relação texto/imagem como ponto de partida.

Na descrição do periódico houve um “caminho” trilhado por este homem regional até o posto de Chefe da Nação. Em que a amizade cultivada nos tempos da vida política no Rio Grande do Sul continuara viva e forte, ao ponto de ser consagrada a Getúlio Vargas a ideia de criar uma revista. E a *Revista do Globo* seria a síntese deste desejo da população, dos intelectuais e do Presidente do Estado do Rio Grande do Sul na época, Getúlio Vargas.

A primeira imagem deste homem e líder regional, com aspectos e elementos que representam a síntese gaúcha, aparece na edição de número 05 de 1929. Curiosamente o texto que acompanha esta imagem é de Assis Chateaubriand, jornalista paraibano e proprietário dos *Diários Associados*, que um ano antes havia lançado a revista *O Cruzeiro*, cuja estrutura interna e disposição dos textos e imagens em suas páginas haviam servido de inspiração para os criadores da *Revista do Globo*.

O conteúdo do texto é uma espécie de elogio à atuação de Vargas no Rio Grande do Sul. O que mais chama a atenção é o fato de que este mesmo texto faz alusão à fronteira e ao homem gaúcho. Todas as qualidades que o gaúcho possui, como coragem, honra e liderança, já aparecem sintetizadas na direção da figura de Vargas.

Uma espécie de apresentação em que Chateaubriand aponta que “A obra política do sucessor do sr. Borges de Medeiros atravessou, por muitos sentidos, o âmbito das

fronteiras gauchas para se impor à ação como uma das páginas mais nítidas e mais bellas que ilustram os annaes do regimen”[sic] (REVISTA DO GLOBO, 1929, nº 5, p. 14). Aqui Getúlio Vargas aparece como sucessor de Borges de Medeiros.

Felizmente já sentimos a necessidade de revelar o Rio Grande total, em todas as modalidades da sua existência. Sentimos a necessidade de ampliar a conceituação do gaúcho como synthese social, de maneira a incluirmos nella todo aquelle que se integrou na nossa vida pelo trabalho e collaborou no nosso progresso e concorreu para a nossa felicidade. Não procuramos matar em nós a flor vermelha e generosa do heroísmo. Absolutamente. O nosso desejo é derivar para o trabalho fecundo esses restos de contemplativismo bellicoso, essas reservas de energia ainda não utilizadas. [sic]. (REVISTA DO GLOBO, 1929, nº 15, p. 5).

No período de 1934 a 1935, o grande destaque fica para a visita do então Presidente da República, o senhor Getúlio Vargas, ao Rio Grande do Sul. O bravo líder regional, agora Chefe da Nação brasileira, retorna às suas origens, visita seu passado. Inclusive a *Revista do Globo* cria uma edição especial em comemoração à visita presidencial. Na capa, logo de chegada, o leitor vê Getúlio Vargas e Flores da Cunha, Presidente da República e Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, respectivamente. Homens que iniciam uma caminhada política juntos, participam ativamente da “Revolução de 1930”, mantêm certa proximidade e amizade. Mas em 1937 Flores da Cunha rompe com Getúlio Vargas e se exila no Uruguai, devido à divergências políticas.

Este número especial é dedicado a Getúlio Vargas, traz algumas fotos da Revolução de 1930, faz menção honrosa ao General Manoel do Nascimento Vargas, pai de Getúlio e figura importante para o cenário político-militar do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma edição dedicada, majoritariamente, a uma retrospectiva política de Getúlio Vargas, em que mais uma vez fica claro o percurso que transforma o homem e político regional no Presidente da República. O homem que usava vestimenta típica e farda militar em 1930, quatro anos depois veste seus impecáveis ternos e sapatos bicolores. Um homem não mais somente regional, seu alcance agora era o de uma figura nacional.

4.1 – Imagens e textos: proposta de análise

Intimamente ligada à memória, a fotografia assume caráter de verdade para o seu receptor. A fotografia funciona como uma espécie de “gatilho de memória” (HOFFMANN, 2012), em que elementos são trazidos de volta, de um tempo impossível de

ser acessado, assim a fotografia funciona como uma “mídia de memória” a partir de onde este mesmo passado inalcançável pode ser representado e ressignificado.

Boris Kossoy nos lembra da relação com o real que a fotografia possui quando diz que:

O vínculo com o real sustenta o *status* indicial da fotografia. No entanto, a imagem fotográfica resulta do processo de criação do fotógrafo: é sempre construída; e também plena de *códigos*. Não podemos perder de vista que os indícios que a imagem fotográfica apresenta relativamente ao tema, foram gravados por um sistema de representação visual. Se, por um instante, durante a gravação da imagem, houve uma conexão com o fato real, no instante seguinte, e para sempre, o que se tem é o assunto representado; o fato se diluiu no instante em que é registrado o fato é efêmero, sua memória, contudo, permanece – pela fotografia. (KOSSOY, 2007, p. 47).

As fotografias serão discutidas dentro do contexto em que se inserem, pois as mesmas foram utilizadas para sustentação de uma ideia, como próprios discursos políticos em si ou como uma espécie de ampliação ou potencialização do discurso político que perpassa não apenas o contexto, mas também a intenção quando da publicação destas imagens no periódico *Revista do Globo*.

Vale lembrar que diversos textos são utilizados em conjunto com as fotografias selecionadas, numa espécie de colaboração entre ambas, por diversas vezes os textos são de assuntos dos quais transbordam elementos e termos que remetem à fotografia que o acompanha, numa relação quase que de colaboração mútua entre as linguagens. Textos e fotografias fazem uma dupla inseparável nas páginas do periódico.

Trata-se aqui de desconstruir as imagens selecionadas e mostrá-las em seus significados e construções, não buscando uma análise semiótica da fotografia, mas sim de trabalhar esta fotografia dentro de seu contexto de criação e de utilização pelo periódico. Não deslocá-la de seu contexto e das possíveis intenções é de suma importância, visto que nas páginas da *Revista do Globo* as imagens assumem um papel determinante na ideia da reportagem onde a mesma se insere.

Nesta pesquisa a fotografia será tratada como um elemento que faz parte de um conjunto maior, de uma ideia que a revista quer transmitir a respeito da figura de Getúlio Vargas. Procuramos analisar a fotografia em um dos seus tantos aspectos, não somente técnico e estético, bem como de sua composição artística e pictográfica, mas sim de sua utilização como ferramenta política. Por serem possuidoras de um caráter informativo e instantâneo, as fotorreportagens veiculadas no periódico *Revista do Globo* assumem um

papel fundamental nas reportagens como um todo. As fotografias jamais estão desconectadas e perdidas, “soltas ao vento” nas páginas da revista. Muito pelo contrário, têm um papel decisivo na compreensão do acontecimento pelo leitor.

Foram selecionadas fotografias, artigos e editoriais que demonstram como a *Revista do Globo* projetou uma representação de Getúlio Vargas entre os anos de 1929 a 1937, utilizando-se da fotografia como um elemento de formação de uma memória que, no momento em que se fazia tal operação, ainda não era uma memória coletiva e individual, mas que contribuiu para que durante os anos que se seguiram a figura carismática de Getúlio Vargas fosse uma imagem "viva" e presente na memória coletiva do povo brasileiro, fenômeno do qual ainda em pleno século XXI encontramos vestígios deste mito político.

Desmistificar a fotografia e relacioná-la com suas intenções e objetivos, em sua disposição nas páginas da revista para o olhar do leitor, é desmontar o objeto, mas não limitando as análises ao fragmento isolado. Desmistificar é desmontar para compor uma interpretação a respeito do objeto analisado. Tratar a imagem como uma fonte dotada de significados e intenções é reconhecer que, se muitas das intenções que levaram a imagem a ser imortalizada já não podem mais serem alcançadas e analisadas, seu relacionamento com a memória continua acessível, que os seus significados e mensagens continuam ao alcance do historiador, sendo necessário criar ferramentas próprias para a análise das imagens, desvelando seus usos políticos.

De certa maneira, o diálogo entre fotografia e realidade é presente naquele que observa a imagem, em que a representação do real pode assumir contorno de uma verdade absoluta. O imaginário individual e coletivo pode sofrer influências quando do contato com representações do mundo real, uma espécie de diálogo é estabelecido entre o objeto, a imagem (no caso a fotografia) e aquele que a recebe e a consome. Nestes termos, para Dulcilia Schroeder Buitoni:

Pensar em imagem significa trabalhar com aspectos da percepção, do real e do imaginário. A percepção é entendida como uma atuação física, corporal e como uma elaboração que envolve elementos subjetivos e sociais, relacionados à memória de cada um. A categoria do real engloba o entorno concreto e as condições que possibilitam a percepção do mundo. O imaginário é feito de representações construídas a partir de memórias, fantasias, concepções individuais e coletivas (BUIIONI, 2011, p. 13).

O imaginário coletivo e individual é recordado e representado nas fotografias em que Getúlio Vargas é o protagonista da cena. Se este imaginário ainda não se encontra completo, se a memória ainda suporta mais elementos do que os habituais já utilizados nos artigos da revista, as fotografias exercem papel excepcional no ajuste e no aprimoramento de uma imagem de Getúlio Vargas como um verdadeiro líder, respeitado e carismático.

5 – DE GAÚCHO A CHEFE DA NAÇÃO: AS BASES PARA A CONSTRUÇÃO DO MITO POLÍTICO DE GETÚLIO VARGAS

Os primeiros anos da *Revista do Globo* caracterizam uma representação de Getúlio Vargas de um líder regional, evocando elementos do imaginário coletivo gaúcho como o líder bravo, militarmente capaz de conduzir uma ação bélica, determinado e com um ideal claro e objetivo. Alguns elementos novos de representação também fazem parte do conjunto de imagens que caracterizam os primeiros anos do periódico e da abordagem acerca de Getúlio Vargas. O carisma e o apelo popular são elementos constantes em muitas das fotografias do eixo temático que nesta pesquisa denominamos como “Líder regionalista”, em que apresenta ao público leitor a “ideia-imagem” de “gaúcho” à figura de Getúlio Vargas.

O ano de 1929 marca de forma aberta e direta a campanha de Getúlio Vargas à presidência da República. Seus comícios, seus compromissos de campanha, seus artigos, e os artigos assinados pelos mais diversos intelectuais do momento, são publicados em número expressivo nas páginas da *Revista do Globo*.

A edição de número 5, em sua página 14, traz a primeira imagem de Getúlio Vargas publicada no periódico. Trata-se de uma fotografia que já foi mencionada no capítulo anterior, que ilustra o artigo intitulado “*O gaúcho em marcha*”, assinado por Assis Chateaubriand. O que nos chama a atenção reside no fato de que Getúlio Vargas fora fotografado em cima de um cavalo, devidamente preparado para a “lida” no campo, com todos os elementos que residem no imaginário coletivo acerca daquele que vive e trabalha nos espaços pastoris do Rio Grande do Sul.

Homem de São Borja, fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina, Getúlio Vargas desde cedo esteve em contato com a vida do campo e com estes elementos quase que naturais de um homem em sua posição de estancieiro: o gado, o campo, o cavalo e a liberdade que cerca tal vida. Como o próprio título do artigo sugere, o gaúcho está em marcha; podemos dizer até que novamente está em marcha, seja contra a situação política do país, seja contra o *status quo* brasileiro que marcou as primeiras décadas da República⁹.

⁹ A expressão “*em marcha*” é utilizada ao longo de várias edições da *Revista do Globo*. Geralmente associada à ideia dos gaúchos e a Revolução Farroupilha (1835-1845). Segundo as utilizações do termo, os autores dos artigos publicados na revista, bem como os editoriais de autoria da própria *Revista do Globo*

O que chama a atenção na fotografia é que este gaúcho não mais se trata daquele “farrapo” de outrora. A julgar pela composição do homem a cavalo, a sela com estampa de onça, os arreios com detalhes em ouro, as botas devidamente limpas e sem sinais de barro, o terno vestido, diríamos que se trata de um estancieiro, de um proprietário que representa a nova mentalidade do homem do campo sul-rio-grandense. Getúlio Vargas conhece o campo, conhece a vida de fronteira, nasceu, criou-se e formou-se com estes elementos, mas também representa o novo, o moderno.

Na fotografia Getúlio Vargas representa o passado, o presente e o futuro de uma nação que precisa firmar-se. Representa a glória de seus antepassados guerreiros e o futuro de seus aliados políticos, assim como representa os anseios dos proprietários de terras e a necessidade dos industriais em crescimento. A julgar pelo seu olhar distante retratado na imagem, Getúlio Vargas vislumbra o futuro, montado em seu cavalo seria o único “gaúcho” capaz de representar o povo do Rio Grande do Sul na busca pela moderna nação brasileira, tão necessária aos tempos que surgiam.

Esta fotografia que inaugura as representações de Getúlio Vargas na *Revista do Globo* será utilizada novamente em outras reportagens do periódico, e em forma de desenho na capa da edição de nº 43 de 1930. Nesta capa, inclusive colorida, alguns elementos são modificados em relação à fotografia que serve de base para a ilustração. O olhar mais elevado buscando o horizonte, o lenço identificando sua filiação partidária, o cavalo maior do que o original com um ar de imponência, e o ângulo de baixo para cima dando uma sensação de grandiosidade que não faz parte dos originais fotográficos. São interferências no significante que agregam outros valores (significados) para a figura do político, dando indícios do trabalho que a *Revista do Globo* começava em 1929 a operar em relação à imagem de Getúlio Vargas. (ver **Figuras 13 e 14**).

relacionam os eventos da revolta imperial em solo do Rio Grande do Sul com os eventos que levaram à “Revolução de 1930”.

O
GAÚCHO
EM
MARCHA



por

ASSIS CHATEAUBRIAND

O presidente do Rio Grande do Sul é, dentro das malocas partidárias do Brasil, um modelo de homem civilizado. Elle é da mesma linhagem moral e espiritual do Andrada illustre, que preside Minas, e porque um e outro têm na alma essa flor esquisita da civilização, que é a tolerância, ambos vão acertando e attrahindo para si as correntes irresistíveis da opinião nacional.

Do sr. Washington Luis se pôde affirmar sem injustiça que faz, no Cattete, uma rispida presidência municipal. Do sr. Julio Prestes é possível dizer, sem molestar o illustre chefe de Estado paulista, que elle conseguiu, em pouco mais de anno e meio de governo, construir um exemplo unico de administração districtal. As visadas do sr. Prestes rolam sobre o Tramandatehy e não lhe ultrapassam as margens. E' um moço ener-

gico, que daria um robusto e efficientissimo inspector de quarteirão.

O sr. Getulio Vargas logrou, em 12 mezes, fazer na sua terra uma presidência nacional, em que todo o povo brasileiro tem os olhos em fito, como se dali viesse uma das nossas raras estrellas guiadoras. A obra politica do successor do sr. Borges de Medeiros atravessou, por muitos sentidos, o ambito das fronteiras gauchas para se impor á acção como uma das paginas mais nitidas e mais bellas que illustram os annaes do regimen.

Engana-se quem pensar que o esforço incomparavel que o sr. Getulio Vargas tem desenvolvido seja a expressão da vontade de um individuo, por mais puras, por mais desinteressadas que sejam as suas intenções de governo. Na realidade, o que o sr. Getulio Vargas realiza neste momento é a tarefa de um

totalizador dos valores gauchos. Elle é o symbolo da propria alma cavalheresca, sonhadora do homem a quem a vida autonoma do pampa esmaltou das virtudes heroicas do soldado e do santo.

Através do apostolado civico do presidente Vargas se traduz a alma do gaucho. Em cada gesto de bondade, ou de dever, do chefe de Estado do Rio Grande viceja a sensibilidade do homem da sua terra; ha como um pedaço do sorriso meigo e da suave ternura do lutador, que mata e estrangula na peleja, e que perdôa e esquece, na victoria.

Do Rio Grande cae sobre o Brasil uma luz branca, a qual inunda o coração de um leader que pode fazer-se, nesta hora, grande e adorado porque soube criar-se á imagem do seu povo.

O presidente Getulio Vargas é o gaucho em marcha, servindo aos ideaes profundos da sua gente.

Figura 13: "O gaucho em marcha".



Figura 14: Ilustração do “Líder”.

Nota-se claramente a mudança em alguns aspectos da ilustração em relação à fotografia original. O olhar de Getúlio Vargas foi corrigido e ficara mais altivo, buscando o horizonte. O cavalo que, por sua vez, na foto original dava contornos de ser magro, agora ganhara força e ficara mais robusto, mais imponente. Percebe-se também o lenço branco, adotado por Getúlio Vargas e adotado inicialmente por Borges de Medeiros, representando

a facção política da qual Vargas filiava-se. Este mesmo lenço será substituído quando de sua passagem pelo Paraná durante a “Revolução de 1930”. Sobre este jogo de cena e olhar dos candidatos políticos, Roland Barthes é enfático ao afirmar que:

Aliás, a própria convenção fotográfica também está repleta de signos. A pose de frente acentua o realismo do candidato, sobretudo se tiver óculos perscrutadores. Nela, tudo exprime a penetração, a gravidade, a franqueza: o futuro deputado fixa o inimigo, o obstáculo, o "problema". A pose de quase todo o corpo do candidato, mais frequente, sugere a tirania de um ideal: o olhar se perde nobremente no futuro, não afronta, domina e fecunda um além respeitosa e indefinido. A maioria das fotos de quase todo o corpo se eleva, o rosto aparece erguido em direção a uma luz sobrenatural que o aspira e o transporta até as regiões de uma humanidade distinta; o candidato atinge o olimpo dos sentimentos elevados, no qual toda a contradição política se resolve: paz e guerra argelina, progresso social e regalias patronais, ensino "livre" e subsídios para beterrabas, a direita e a esquerda (oposição sempre "ultrapassada"!); tudo isto coexiste pacificamente nesse olhar pensativo nobremente fixado nos interesses ocultos da Ordem (BARTHES, 2009, p. 164 – 165).

Ressaltando os elementos que podemos observar nas duas representações, bem como esta preocupação na ilustração de serem corrigidos possíveis desvios de postura do candidato, bem como o estabelecimento de um olhar em direção ao futuro. Novamente saltam aos olhos os elementos regionais, como campo, cavalo, gado, e o gaúcho, não na figura mitológica, mas na figura de um estancieiro, representando o “gaúcho em marcha”.

5.1 – Sorriso, carisma e poder

As primeiras reportagens em que a imagem de Getúlio Vargas aparece na *Revista do Globo* tratam de sua campanha para a eleição da presidência da República do Brasil. A partir do primeiro ano de sua existência, 1929, o periódico dedica boa parte de seu espaço entre a publicidade, tão importante e salientada aqui em capítulo anterior para a sustentação financeira da empresa jornalística, e a campanha eleitoral de Vargas e sua chapa. Artigos e fotografias inundam as páginas do periódico. As primeiras fotografias dão ênfase ao apoio popular à candidatura do então presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas.

A edição de número 17 traz a parada cívica de 7 de setembro nas ruas de Porto Alegre e mostra Getúlio em local de destaque na composição fotográfica que ilustra a página da reportagem. Quatro fotografias são publicadas nesta edição e a disposição das mesmas coloca Vargas em um local de referência, mesclando sua foto com a multidão que acompanhara os discursos e o desfile cívico. Somado à legenda que sustenta a ideia de que

a “multidão” acompanhou efusivamente Getúlio Vargas, constrói-se uma sensação de união entre o povo e o presidente estadual, uma harmonia entre “líder e liderados”. (ver **Figura 15**).

Elementos como os que caracterizam o gaúcho, personagem típico do Rio Grande do Sul, também se encontram nesta fotografia. Há elementos e montagens nas fotografias, na disposição como se encontram na página, que acompanhará boa parte das reportagens que se seguiram entre os anos em que o periódico representa Getúlio Vargas como líder regionalista, reforçando o caráter regional e de aproximação com elementos presentes na cultura e na memória coletiva e individual do cidadão sul-rio-grandense. Os cavalos, animais tão presentes na construção da história do Rio Grande do Sul e tão valorizados em manifestações literárias e musicais estão presentes. O gaúcho ao lado da imagem de Getúlio Vargas está devidamente trajado com as roupas que caracterizam o homem do campo no Rio Grande do Sul.

A *Revista do Globo*, na primeira fase, representa Getúlio Vargas como líder regionalista em que a figura do gaúcho e o discurso acerca dos acontecimentos da Revolução Farroupilha continuam presentes, mesmo se tratando de um projeto de Brasil moderno, de modernização da política nacional, como era destacado inclusive pelo discurso da chapa Getúlio Vargas/João Pessoa. Nas palavras dos líderes da chapa e organizadores do Comitê Central da campanha:

O Comitê Central Pró-Getulio Vargas e João Pessôa confia e espera que nenhum nucleo da população do Estado deixe de se associar a essas demonstrações, que terão um duplo character de hypotheca de apoio collectivo á causa da Alliança Liberal e de condigna commemoração da Republica de 35. Para sellarmos o pacto de nossa união na hora presente, celebrado no memorável Congresso das Municipalidades, nenhuma data é mais apropriada que a de Vinte de Setembro e nenhum meio mais eloquente que o espectáculo de uma sincera e profunda communhão cívica geral. [sic]. (REVISTA DO GLOBO, 1929, nº 17, p. 1).

E como se não bastasse a convocação do comitê em prol desta união conjunta entre os políticos Getúlio Vargas e João Pessoa, o Congresso das Municipalidades, é retratado como um evento grandioso e de união, como é destacado no editorial assinado pelo Comitê Central da campanha da seguinte maneira:

Riograndenses unidos! Com a vossa comparencia e quaesquer reuniões collectivas adequadas – sessões, comícios, cortejos civicos, missas campaes e outras cerimônias semelhantes – ratificae no dia 20 a escolha, consagrae num verdadeiro plebiscito, elevae antecipada e moralmente os candidatos Getulio

Vargas e João Pessôa á presidencia e vice-presidencia da Republica. [sic].
(REVISTA DO GLOBO, 1929, nº 17, p. 1).

O discurso pacificador e conciliador em torno da figura de Getúlio Vargas mais uma vez se mostra presente. No Rio Grande do Sul dos anos 1929-30 não há mais espaços para disputas e desavenças políticas. Há um novo momento, tendo Getúlio Vargas como representante máximo deste momento político.

Assim como esta parada de 20 de setembro, onde o corpo da Brigada Militar desfila em função da data comemorativa, a multidão acompanha não apenas um ato cívico, mas acompanha uma figura que representa toda a síntese desta luta, que volta e meia retorna aos idos da primeira metade do século XIX, onde farrapos haveria de ter iniciado o projeto de Brasil que Vargas viria a concluir.



Figura 15: Parada cívica de 1929.

Logo em seguida, a edição de número 17 também traz uma reportagem de fôlego a respeito da recepção por parte do público aos candidatos, no caso a chapa que concorria à

presidência da república representada pela figura de Getúlio Vargas, em um discurso a céu aberto na cidade de Porto Alegre em dezembro de 1929.

O editorial que faz a apresentação desta edição, cujo título é “*Regionalismo, Ambição e Desordem*”, assinado por Oswaldo Aranha, é ácido e incisivo quanto à posição de desconforto por parte dos políticos que representam a Aliança Liberal. Tratando de assuntos que dizem respeito à candidatura de Getúlio Vargas e da aproximação ou não do Rio Grande do Sul com o restante do Brasil, este editorial representa muito bem o espírito que emana do momento político que permeia as ações dos candidatos. De espírito inflamado e invocando feitos de um passado glorioso, o editorial lembra o papel do Rio Grande do Sul na formação da fronteira brasileira, quando questiona:

Somos regionalistas? A epopeia das fronteiras, a legenda das lutas cisplatinas, a Republica dos Farrapos – a mais brasileira de todas as republicas, - a paz com Caxias, a recusa ao auxilio estrangeiro, a guerra com o Paraguay, a subordinação invariável á pátria, não podem deixar duvidas sobre o nosso civismo e a nossa brasilidade. Até o direito de sermos brasileiros nos querem negar, esquecendo-se que para escrever a historia do Brasil é necessário molhar a penna no sangue do Rio Grande do Sul. [sic]. (REVISTA DO GLOBO, 1929, nº 17, p. 5).

Pois bem, mesmo tratando de assuntos nacionais, os elementos regionais da figura heróica do gaúcho, do antepassado glorioso do homem guerreiro do Rio Grande do Sul aparecem. Discursos como o da fronteira brasileira formada com a colaboração do Sul e afirmações de que a história nacional deverá ser escrita com a pena banhada no sangue sul-rio-grandense são demonstrações de que há uma necessidade em evocar constantemente memórias coletivas, como os episódios bélicos em que o Rio Grande do Sul participou em “defesa” da nação brasileira; ou quando “o gaúcho”, nas palavras de Oswaldo Aranha, foi mais brasileiro do que todos os outros, ao lembrar os feitos heróicos da Revolução Farroupilha. Getúlio Vargas é a síntese deste “gaúcho”.

As fotografias que dão destaque à reportagem fazem jus e são fiéis ao resto do editorial de abertura da edição, quando este diz que Getúlio Vargas é o “altruísmo cívico no qual se resume o Rio Grande”. Ou seria o contrário? Seriam as fotografias o tema central, o eixo norteador da reportagem, o grande objetivo da revista? Teriam os artigos e, principalmente, o editorial assinado por Oswaldo Aranha sido produzidos para reforçar as expressivas fotografias que retratam Getúlio Vargas “nos braços do povo porto-alegrense”?

Provavelmente o editorial e os artigos que compõem a reportagem foram influenciados pelo evento e não teriam o mesmo impacto se não estivessem ancorados e

apoiados pelas impactantes fotografias de apelo popular, acompanhadas das fotografias e das legendas que demonstram Getúlio Vargas como um líder carismático. A reportagem destaca que na ocasião do discurso proferido por Vargas havia 30 mil pessoas presentes. (ver **Figura 16**).

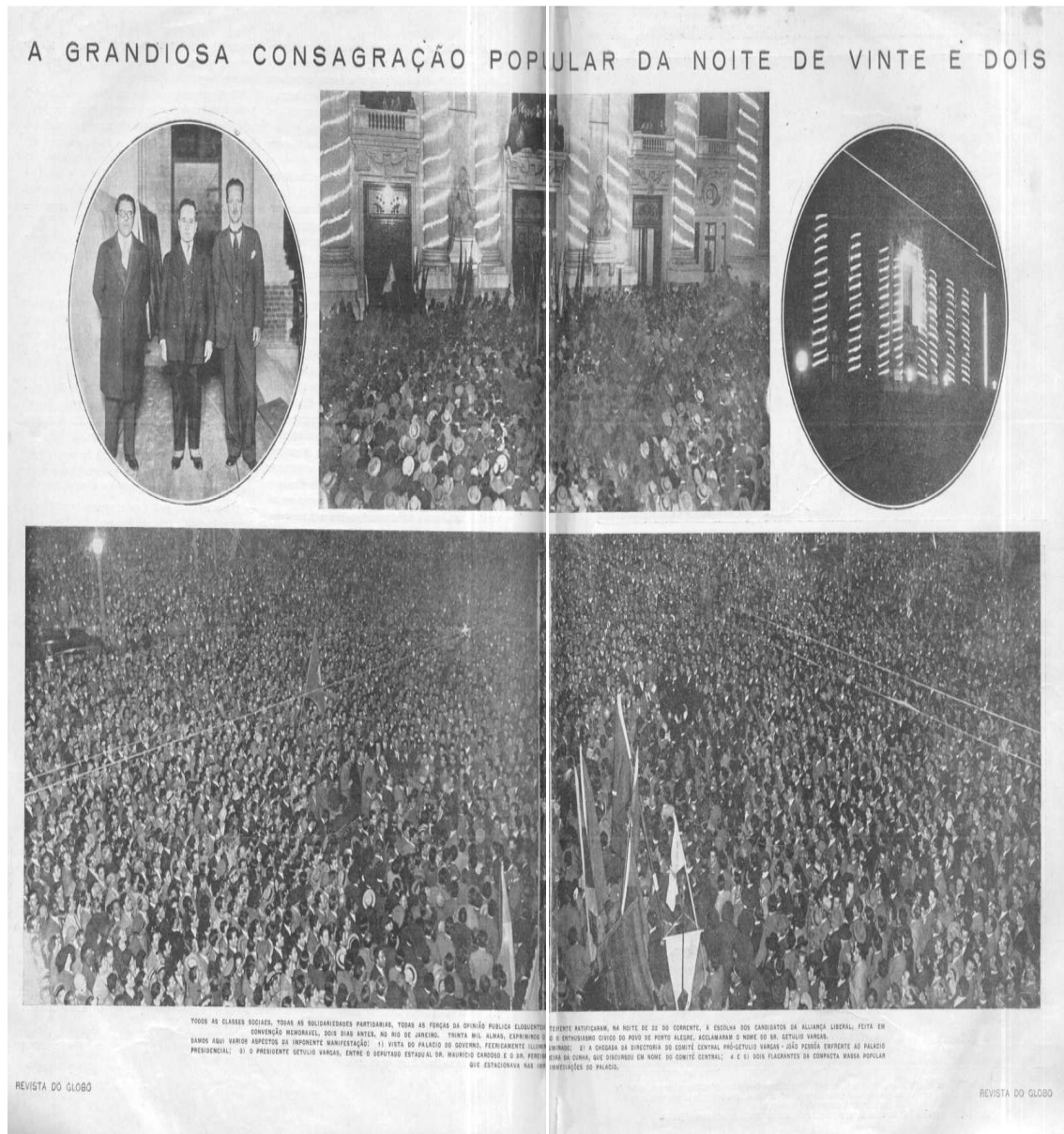


Figura 16: Discurso de Getúlio Vargas em Porto Alegre.

Como demonstra bem a fotografia principal da reportagem, publicada em duas páginas, a saudação é enorme ao candidato da Aliança Liberal, destacando seu carisma popular. O discurso de Getúlio Vargas, publicado em conjunto com as fotografias expostas

acima, demonstra de forma objetiva a ideia que permeia as ações políticas do momento. Saudando a população como uma massa de povo de tão intensa variedade social e que apresenta uma ideia política tão homogênea. Nas palavras do próprio Getúlio Vargas:

Jamais contemplei tão grande massa de povo, em que, a uma intensa variedade social, correspondesse tão completa homogeneidade de objectivos. Acham-se aqui reunidas, grupadas pela mesma Idea, todas as classes, todas as profissões, todas as actividades uteis do corpo social: operarios e industriaes, empregados e commerciantes, mocidade das escolas e professores, funcionarios, soldados, artistas e mestres das profissões liberaes; clubs e associações varias; os representantes politicos e a opinião publica acima dos partidos; Porto Alegre, a linda capital, coração e o cerebro do Estado, o Rio Grande do Sul, emfim, exaltado no milagre da sua união sagrada, ardendo na febre do seu patriotismo. E como remate do quadro, a grande voz, sonora e eloquente, de um dos maiores tribunos da terra gaucha. É a opinião publica integrada na sua consciencia collectiva, vitalizada nas suas energias ancestraes, marchando no sentido duma predestinação superior, para o futuro da Patria. [sic]. (REVISTA DO GLOBO, 1929, n° 18, p. 26).

Novamente o discurso de homogeneidade social e união sagrada aparecem. O elogio aos mais variados setores da sociedade e a busca em seu discurso de uma eliminação das vozes contrárias parece ser o prelúdio daquilo que seria a marca registrada de Getúlio Vargas, a partir de 1930 quando assume o poder nacional. Neste pequeno trecho, surgem as bases daquilo que seria muito comum em suas práticas políticas, principalmente a partir do Estado Novo. A palavra “predestinação” é simplesmente um indicativo do tom quase religioso de Getúlio Vargas quando se dirigindo à população em seus discursos. Ernest Cassirer em seu “Mito do Estado” trabalha muito estas questões da sacralização política.

O ano de 1930 traria pela primeira vez a oportunidade de, através de votação direta para a presidência da república, a população acabar com o sistema político que imperou no Brasil nas primeiras três décadas do século XX, a chamada política oligárquica, em que São Paulo e Minas Gerais se revezavam no poder nacional, excluindo os outros Estados brasileiros da possibilidade de governarem diretamente o país. Os candidatos da Aliança Liberal, Getúlio Vargas e João Pessoa, defendiam em seu programa político esta ideia. Para eles a nação brasileira estaria social e politicamente doente, estaria enferma, carente de uma liderança e, principalmente, de um futuro. O pleito, marcado para 1º de março de 1930, seria o marco inicial de uma reviravolta na política de alianças e no cenário político nacional. Getúlio Vargas, o homem que fora ministro no governo de Washington Luís, iniciaria o processo que derrubaria do posto máximo, o então presidente do Brasil.

Antes de sua partida para a fase final da campanha, Getúlio Vargas publicou uma nota na *Revista do Globo* em que indicava seu sucessor na presidência do Estado do Rio Grande do Sul, Oswaldo Aranha, e solicitava à população que respeitasse as eleições e o processo democrático que viria a ocorrer em março próximo. Segundo Getúlio Vargas, “[...] sejamos, para vencer, tão magnânimos e serenos quanto fomos e somos fortes para lutar [sic]”. O número 28, de 15 de fevereiro de 1930, da *Revista do Globo*, vinha com este texto em seu editorial assinado pelo próprio Getúlio Vargas.

Antes disso, a edição de número 25 trouxe uma reportagem sobre a passagem de Getúlio Vargas pelo Rio de Janeiro quando de sua campanha eleitoral e de seu discurso a céu aberto para a população carioca, na tentativa de expor seu plano de governo e as ideias de sua chapa. Nesta edição, sob o título de “A apoteóse dos candidatos liberaes, no Rio [sic]”, a reportagem traz seis fotografias que mostram Getúlio Vargas com o povo, enquanto as legendas vinculam a imagem do líder ao carisma popular e a uma aceitação por parte do eleitorado carioca. As imagens retratam Getúlio Vargas como um líder popular, uma técnica que consiste em fotografar Vargas junto à população e em um ambiente que favorece um nível considerável de grandiosidade, e que irá passar a ideia ao leitor da representação de um verdadeiro líder, alguém que representa a ânsia popular por mudanças. Cercado pelo povo em um verdadeiro “mar” de pessoas, Vargas aparece em local de destaque, do alto, proferindo discursos. Sua imponência e sua grandiosidade como líder emanam e afloram numa verdadeira “apoteose” em pleno Rio de Janeiro. (ver **Figura 17**).



Figura 17: Getúlio Vargas discursando no Rio de Janeiro.

Como pode se observar, um verdadeiro “mar” de pessoas acompanhava atenta e eufórica aos discursos do candidato da Aliança Liberal, muitas pessoas saúdam Getúlio Vargas que aparece sempre em local de destaque nas fotografias que compõem as duas páginas da revista. Imagens similares seriam utilizadas mais tarde em suas famosas concentrações nas comemorações ao Dia do Trabalho no Estádio de São Januário, como parte da propaganda política do Estado Novo. Segundo Cássio dos Santos Tomaim em seu “Janela da alma”: Cinejornal e Estado Novo – fragmentos de um discurso totalitário:

O Primeiro de Maio ressignificado por Vargas encontrava nas “Festas Cívicas” mais um elemento legitimador do Estado Novo. As multidões de trabalhadores reunidas nas arquibancadas ou em desfile pelas ruas do São Januário eram as imagens ideais para cristalizar e incorporar o “ideal totalitário” da Unidade Nacional, pois “a festa provoca emoção, trazendo consigo um sentimento de exaltação, de engrandecimento que leva à comunhão de todos. (TOMAIM, 2004, p. 214).

Nas páginas que seguem a reportagem narrando seu retorno a Porto Alegre, após sua passagem pelo Rio de Janeiro, também seriam marcadas por uma série de fotografias em que se destaca o carisma popular do candidato. As imagens mostram Vargas sendo recebido e aplaudido pelo povo, a aclamação popular acompanha o tom das fotografias. Intituladas de “O triunfal regresso do Sr. Getúlio Vargas”, as fotografias mostram o

candidato como o “futuro presidente do Brasil” e não deixam de salientar em suas legendas de que o cais estava “apinhado de povo” (REVISTA DO GLOBO, 1930, nº 25, p. 46).

Nota-se que a palavra apoteose aparece na descrição das fotografias numa menção à quantidade de pessoas que aparecem no plano das fotografias indicando que, por onde quer que vá, o “senhor Getúlio Vargas” conta com o apoio maciço do eleitor, seja em Porto Alegre ou Rio de Janeiro, na época a capital do país. Vale lembrar que a palavra apoteose em sua origem grega significa tornar-se deus, elevar alguém ao estatuto de divindade. Uma clara tentativa de associação de Vargas a uma figura divina, em que as fotografias selecionadas colocam o candidato ora em um plano privilegiado e de destaque em relação à multidão ora cercado pela mesma em um tom de elevação e aclamação de sua figura política.

As eleições ocorreram em março de 1930, os eleitores foram às urnas e votaram nos candidatos de sua preferência. Como de costume, o candidato Júlio Prestes, apoiado pela situação e pelo então presidente Washington Luís, vencera Getúlio Vargas e seu vice João Pessoa. Não cabe aqui explanar e explorar os acontecimentos que se seguiram após as eleições de 1930. Os ânimos da Aliança Liberal sofreram dura queda, suas intenções foram refreadas. Tudo indicava que novamente o coronelismo, o clientelismo e a dominação paulista na política nacional iriam continuar exercendo seu poder. Tudo isto mudaria após o episódio do assassinato do candidato a vice-presidente João Pessoa. Os eventos que viriam a seguir ficariam marcados como a “Revolução de 1930”, em que os políticos envolvidos na Aliança Liberal iniciariam um movimento, com apoio de setores revoltosos do Exército, e tomariam o poder pela força das armas. Uma mudança radical no panorama do Brasil da época.

A *Revista do Globo* inicia uma cobertura gigantesca destes acontecimentos, suas edições inundariam as páginas com artigos a respeito dos episódios de 1930 e fotografias dos políticos envolvidos, com um destaque especial para as imagens de Getúlio Vargas. Antecedendo em quase 10 anos o que o DIP faria a partir de 1939. A *Revista do Globo* trouxe às suas páginas fotografias que se tornariam ícones do mito que hoje envolve Getúlio Vargas, potencializando seu carisma, sua liderança e seu apelo popular. Teria início aqui uma ampla cobertura da vida política do “criador do Brasil moderno”, “do chefe supremo”, nas palavras da própria revista.

O número 43 da *Revista do Globo*, datado de 1930, traz uma imagem que impressiona, trata-se de uma montagem em que aparece o “triângulo” político que sustentava o espírito de união política que pairava no Rio Grande do Sul, na época. Sob o título de “Paladinos da causa liberal”, a montagem fotográfica traz, em lugar de destaque, no alto, a imagem de Getúlio Vargas e, logo abaixo, lado a lado, as imagens de Borges de Medeiros e de Assis Brasil, outrora inimigos e que agora, no plano da imagem, são (re)apresentados pelo periódico como aliados políticos e ideológicos. Como em uma espécie de síntese das correntes políticas e ideológicas do Estado gaúcho, Getúlio Vargas ganha destaque acima destas figuras históricas da política regional, sua imagem impera e lidera, em local de destaque, ao simbolizar a liderança e a autoridade deste grupo político.

A “Revolução de 1930” rendeu à *Revista do Globo* inúmeras reportagens, a cobertura do acontecido proporcionou ao periódico reunir uma quantidade significativa de material fotográfico. São imagens que ficaram para a memória popular, são imagens que fazem parte do imaginário político e que figuram entre os mais emblemáticos registros dos eventos de 1930. Iremos mostrar aqui algumas fotografias selecionadas dentre o vasto material citado. Não seria possível descrever todas elas e nem mesmo publicá-las ao longo do texto, por isso foram selecionadas as fotografias que mais traduzem a “ideia-imagem” que a revista procurou transmitir de Getúlio Vargas aos seus leitores, um homem nascido no Rio Grande do Sul, possuidor das características do homem guerreiro da fronteira sul do Brasil, e um líder político sem igual na história nacional.

A capa do número 45 traz duas fotografias que aqui já foram mencionadas anteriormente. Trata-se do famoso episódio onde os “gaúchos amarram seus cavalos no obelisco” na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro. São duas fotografias que mostram cavaleiros vestidos com trajes militares e lenços no pescoço. Em sua legenda lê-se o seguinte: “No famoso obelisco da Avenida Rio Branco, durante tanto tempo convertido pelos reaccionarios em pelourinho do pundonor do Rio Grande, os gaúchos amarram afinal os cavallos, na manhã de 1º de novembro de 1930 [sic]”. A mesma edição traz uma fotografia em que Getúlio Vargas aparece centralizado, em seu papel de liderança, juntos com personalidades militares que figurariam em outros tantos episódios da história nacional nos anos que se seguiriam. Figuras como os generais João de Deus Menna Barreto e Augusto Tasso Fragoso, membros da junta que compunha o governo provisório que iria depor Washington Luís e assumir o poder. Abaixo da mesma fotografia encontra-

se outra em que o povo aparece mais uma vez aclamando seu líder, uma multidão se aglomera. Com uma legenda que indica que o “povo carioca ouve e aplaude o sensacional discurso proferido pelo Dr. Getúlio Vargas”. A fotografia impressiona pelo volume de cidadãos presentes na recepção a Getúlio Vargas (ver **Figura 18**).

Uma página com uma montagem em que aparecem duas fotografias que apresentam os mesmos elementos anteriormente citados é publicada na edição de número 46. Aqui Getúlio Vargas é representado a frente de seu movimento, com uniforme militar, ladeado por seus generais e logo abaixo o clamor do povo.

Desta vez as fotografias dizem respeito à passagem dos “revolucionários” pelo Estado do Paraná. As fotografias são da recepção do comboio na cidade de Curitiba, onde Getúlio Vargas e seus revolucionários tiveram uma calorosa acolhida, como bem demonstram as fotografias (ver **Figura 19**).



Figura 18: Getúlio Vargas e seus generais.

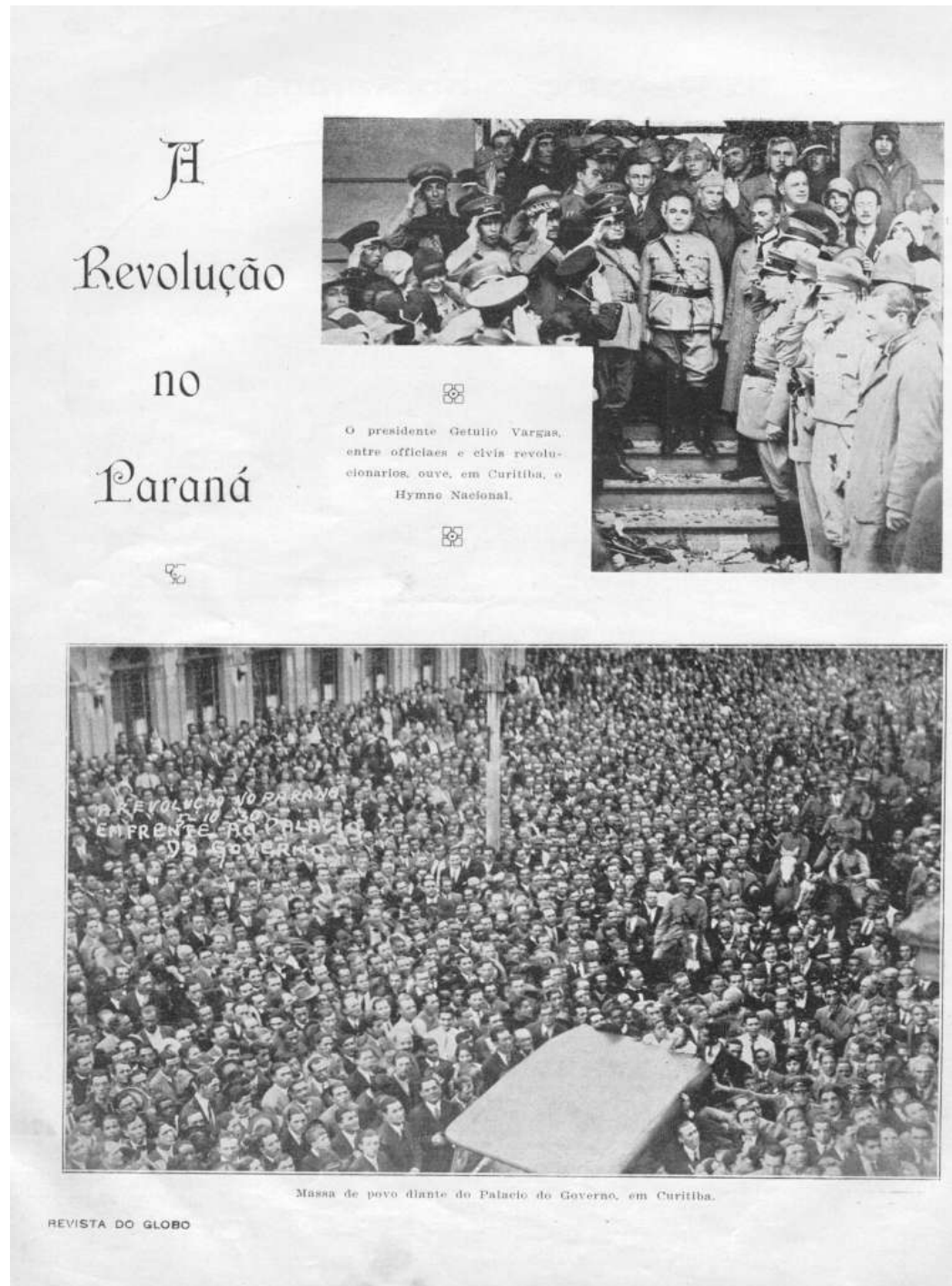


Figura 19: Revolucionários em Curitiba – PR.

Esta fase da *Revista do Globo* apresenta um tratamento mais militarizado da imagem de Vargas, além de explorar o apelo popular ao líder. As imagens em planos gerais das multidões sempre estão lá acompanhando a figura do líder revolucionário. Uma forma inclusive de justificar, por meio das imagens, o golpe de Estado que caracterizou o

movimento de 1930. Nestas fotografias os elementos militares são constantes nas representações de sua figura, nas fotografias Getúlio sempre aparece de uniforme militar, com o apoio de seus generais e aclamado pela população. Porém, os elementos regionais que em 1929 caracterizam as primeiras imagens do político no periódico também são evocados para traduzir a “Revolução de 1930”. A capa da edição de número 46 da *Revista do Globo* traz uma ilustração assinada por Francis Pelichek¹⁰ em que cavaleiros gaúchos fazem uma carga de cavalaria rumo a alguma batalha que se aproxima.

Ostentando flâmulas com a bandeira do Rio Grande do Sul os cavaleiros são protegidos pelo espectro dos antigos farroupilhas ao fundo, onde também se vê claramente o vulto gigante de Bento Gonçalves. Em cima à esquerda observa-se um jogo com as datas 1835-1930, indicando que a luta iniciada pelos farroupilhas na primeira metade do século XIX chegara ao fim, vitoriosa pelas mãos dos revolucionários de 1930. Com a legenda “Renovando e ampliando a epopéia farroupilha, os gaúchos marcham sobre o Rio de Janeiro [sic]”, a capa é um ícone da cobertura da *Revista do Globo* sobre a “Revolução de 1930” (ver **Figura 20**).

Apesar da abordagem militar predominar nas representações de Getúlio Vargas nesta fase da *Revista do Globo*, nota-se que ao lado das imagens das multidões, que reforçam a ideia de apoio popular, a imagem de líder carismático também é explorada amplamente pelo periódico. Seu carisma transmitido pelo sorriso marcante ficaria immortalizado nas páginas da revista em 1930. A fotografia publicada na edição de número 47, quando de sua passagem pelo Paraná, demonstra bem este aspecto (ver **Figura 21**).

¹⁰ Nascido em Praga na antiga Tchecoslováquia (hoje atual República Tcheca), Francis Pelichek foi professor de pintura no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre. Amigo de nomes importantes que figuraram nas páginas da *Revista do Globo* em especial Érico Veríssimo que seria editor do periódico. Contribuiu para a revista com ilustrações com temáticas regionais. Em 1929, a edição de número 2 da *Revista do Globo* traz uma reportagem especial sobre a pintura no Rio Grande do Sul traz pequenas biografias dos mais promissores e famosos pintores que atuam no Estado, entre eles está Francis Pelichek, que na reportagem é chamado de “Francisco”. Nesta pequena biografia é ressaltado seu valor como artista e sua contribuição para as artes do Estado do Rio Grande do Sul.



Pelichek - Renovando e ampliando a epopéia farroupilha, os gaúchos marcham sobre o Rio de Janeiro

REVISTA DO GLOBO

ANNO II

PREÇO 2\$000

Nº. 22

Figura 20: Pelichek e sua “epopéia farroupilha”.



Figura 21: Getúlio Vargas e sua passagem no Paraná.

Vale também lembrar que o lenço utilizado por Getúlio Vargas nesta fotografia é um ícone que representa seus adversários políticos no Rio Grande do Sul. Em solo gaúcho, a questão da coloração do lenço utilizado determinava qual grupo político fazia parte o usuário. No caso de Getúlio Vargas, herdeiro político de Borges de Medeiros, o lenço branco representava sua aliança política. Esta imagem mesmo em preto e branco demonstra que o lenço utilizado no desfile não se trata do branco tradicional de sua posição política regional.

Podemos ressaltar também outro aspecto importantíssimo nesta fotografia. O sorriso que o caracterizaria para o resto de sua vida está presente. Seu carisma transborda no sorriso rasgado em que se apresenta na imagem. Sua confiança e o ar de cumplicidade com a população que possivelmente o saúda, também reforça sua figura de líder carismático. Notadamente esta foto representa muito dos elementos que mais tarde seriam explorados no Estado Novo (1937-1945). O sorriso, a cumplicidade com a população e a confiança em um líder marcam esta fotografia.

5.2 – A *Fotografia* como “documento para a História”: a imagem de Getúlio Vargas no especial da *Revista do Globo*

Com 486 páginas a edição especial de nº 64, de 1931, representa a mais farta cobertura e reunião de documentos sobre os episódios da “Revolução de 1930”. Com a ideia de que o material selecionado tratava-se de “*documentos para a História*”¹¹, o especial da *Revista do Globo* conseguiu reunir em suas páginas fotografias dos acontecimentos nas mais variadas cidades do Rio Grande do Sul e em diversos Estados do Brasil.

Publicado em 1931, este especial representa uma espécie de síntese do estilo de cobertura que se aplica a Getúlio Vargas. Os primeiros anos da *Revista do Globo* se inserem numa abordagem cujas representações de Vargas assumem um caráter de liderança frente aos eventos eleitorais e revolucionários, ocorridos no país entre os anos de 1929 e 1930. Esta edição especial chegou a ter uma segunda reimpressão tamanha foi a procura junto aos assinantes e não assinantes do periódico.

¹¹ Esta expressão “*documentos para a História*” inaugura a compilação de fotografias sobre a “Revolução de 1930” e a cobertura sobre as ações de Getúlio Vargas durante o processo revolucionário e sua passagem pelas mais diversas cidades dos Estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, bem como a cobertura dos eventos que ocorreram nos outros Estados do Brasil.

Mas antes de avançarmos em uma análise das imagens desta edição especial, é importante destacar que na edição anterior, a de número 61, a revista traz em sua capa uma ilustração onde a figura de um gaúcho, bebendo um chimarrão contempla atentamente seus campos, os animais que ali pastam, e ao fundo podemos observar elementos da nascente moderna nação brasileira, presente em tantos discursos de Getúlio Vargas e de seus aliados políticos. A assinatura do artista responsável pela ilustração encontra-se no lado esquerdo inferior, porém é de difícil identificação. Trajando a roupa típica do homem do campo, o gaúcho da ilustração bebe sua mistura de erva-mate e água quente, nota-se a temperatura da água através de uma rápida observação na chaleira que aquece no fogo de chão. E por falar em “fogo de chão”, este é outro elemento importante que caracteriza o homem que vive da “lida de campo”. De mate em punho, este gaúcho observa seu gado pastando no campo, enquanto outros descansam. Ao fundo, vislumbra-se a modernidade, os elementos de um país que caminha para a elevação de sua indústria e, conseqüentemente, para a efetivação de sua economia, tão abalada devido à crise de 1929, iniciada em Nova York nos Estados Unidos da América e que afetara diversas regiões do mundo. Nota-se nesta ilustração o encontro entre o passado e o presente, a passagem de uma política puramente regional agora alçava vãos nacionais, muito mais amplos na figura de Getúlio Vargas. O passado e o futuro que estiveram tão fortemente representados nas imagens de Getúlio Vargas também se encontram presentes na composição desta capa (ver **Figura 22**).

Acompanhando os mais diversos episódios que ocorreram na “Revolução de 30”, a edição especial da *Revista do Globo* traz inúmeras fotografias de Getúlio Vargas, algumas já publicadas em edições anteriores e outras tantas que aqui já foram trabalhadas. Cabe apresentarmos algumas que demonstram a construção da “ideia-imagem” de gaúcho, que se encontra naquilo que em nossa indexação denominamos como “Líder regionalista” dentro dos três eixos temáticos estabelecidos no início da pesquisa.



REVISTA DO GLOBO

ANNO III

PREÇO 1\$500

Nº 13

Figura 22: Gaúcho vislumbrando o futuro.

A primeira fotografia de Getúlio Vargas na edição especial se encontra na página 27. Apresentado como “O candidato”, se trata não de uma fotografia, mas de uma ilustração em que na legenda se lê: “O dr. Getúlio Dornelles Vargas cujo governo honesto e fecundo no Rio Grande do Sul fe-lo lembrado pela Alliança Liberal para candidato ao posto supremo de presidente da Republica [sic]”. De terno e olhar altivo, a ilustração de Getúlio inaugura uma retrospectiva dos anos de 1929 e 1930, bem como apresenta sua biografia política (ver **Figura 23**). As fotografias que se seguem nesta edição trazem uma abordagem que dá ênfase ao carisma popular de Getúlio Vargas e o representam como líder regional e militar da “Revolução de 1930”.



Figura 23: “O candidato” Getúlio Vargas.

Junto ao povo ou aos seus companheiros na empreitada revolucionária, Getúlio Vargas é representado com todos os elementos que o caracterizariam como um verdadeiro líder popular, adjetivo que o acompanharia mesmo após sua morte. De trem rumo ao Rio de Janeiro, ou nos Estados por onde passou até chegar a capital nacional, descansando na longa viagem, conversando com os representantes da igreja Católica no Brasil e tramando alianças, Getúlio Vargas é o tema central do especial, com lugar de destaque nas páginas da revista. O líder regional cumprira seu papel na liderança do povo gaúcho, apresentara suas características ao chamado da Aliança Liberal, e agora estava pronto para tornar-se um verdadeiro chefe da nação. Era o que predestinava a *Revista do Globo*.

Com estas fotografias nas suas mais de 400 páginas, o especial cumpre um papel importante na divulgação e veiculação da imagem de Getúlio Vargas junto ao seu público leitor. Percebe-se que em uma das fotografias Getúlio Vargas recebe das mãos de uma senhora de Curitiba o lenço vermelho, que é atado ao seu pescoço. Poderíamos novamente trazer aqui a questão da coloração dos lenços, uma simbologia forte e que representa a “união sagrada” de que tantos artigos advertiram quando da candidatura de Getúlio Vargas para a presidência da República. Nada mais simbólico do que um representante dos republicanos tradicionais da vertente castilhistas incorporar o vermelho dos adversários tradicionais (ver **Figuras 24 e 26**).

Já em sua partida de trem rumo ao Rio de Janeiro percebe-se, além da multidão que o saúda efusivamente de chapéus ao alto, acenando ao líder, certa preocupação de Getúlio Vargas em procurar o fotógrafo. De todas as pessoas da cena, além de ser o alvo da fotografia, Getúlio Vargas também parece que se preocupa em acertar o foco, seu olhar é direcionado para o responsável por capturar o momento. Obra do acaso ou não, vale também destacar que a legenda da fotografia indica que a população está ao “delírio” com Getúlio (ver **Figura 25**).

Justificando-se de quaisquer dúvidas e opiniões divergentes que poderiam surgir após a análise da compilação de seu material especial, a *Revista do Globo* também publica uma nota ao final da edição, dizendo que o especial é uma:

Obra de caracter historico, o nosso trabalho não podia fugir aos riscos que este delicado genero literario offerece. Frisamos mais uma vez: Ao organizar este volume não tivemos intenção de exaltar nem deslustrar a acção de personalidades ou de partidos políticos. [sic]. (REVISTA DO GLOBO, 1931, nº 64, p. 483).

Por uma questão óbvia a *Revista do Globo* realiza mesmo uma obra de caráter histórico. E aqui se fazem necessárias algumas questões. Qual a concepção de História e de “caráter histórico” que a revista possui? A revista tinha a real noção de que os documentos reunidos tinham importância para a história nacional? Tinham os editores a noção de documentos que os historiadores possuem? Provavelmente jamais teremos respostas para as seguintes questões. Seja pela questão temporal ou pela falta de uma real posição e opinião quanto às disposições e a iniciativa dos editores na compilação e seleção do material. No entanto, o que fica evidente é que, mesmo que houvesse um discurso da revista de não exaltar a ação de nenhum personagem, de nenhuma personalidade política, o periódico cede amplo espaço para o embrião de um projeto político de nação que iremos acompanhar a partir de 1930, tendo na figura de Getúlio Vargas a sua síntese.

Em suas páginas ficariam marcadas as representações de Vargas como o “líder supremo da nação”, o “chefe do exército revolucionário” ou o “chefe supremo da nação”. Suas fotografias representam o que viemos denominando como “ideia-imagem” de “Líder regionalista”. Sejam pelos elementos regionais presentes nas fotografias ou pelos artigos assinados por intelectuais que escreviam para o periódico.

São imagens que reforçam os discursos de que Vargas é ao mesmo tempo o representante típico do político gaúcho que, apesar de moderno, não abandona os aspectos que marcam tradicionalmente o homem típico do Rio Grande do Sul, ou seja, a figura do homem do pampa. Se ele não representa mais o gaúcho do século XIX, é porque para o periódico, e o projeto político que ele traduz em suas páginas, o gaúcho (ou o político gaúcho) se modernizou, mas preservando em sua identidade os mesmos aspectos de valentia, liderança e coragem que marcariam a descrição deste “personagem dos pampas”.

A questão do lenço, da aclamação popular, e em grande parte o tom bélico que muitas fotografias adotam, estabelecem o fato de que a imagem de Getúlio Vargas nas páginas do periódico são uma espécie de reforço simbólico do passado farroupilha dos gaúchos. Em muitas capas esta temática aparece, assim como muitos textos e artigos fazem menção a este passado considerado heróico por aqueles que assinam os textos publicados.

Nas fotografias que cercam a cobertura dos episódios da “Revolução de 1930” o tom bélico sugere que novamente o Rio Grande do Sul se lançava em armas. No entanto, há uma intenção em demonstrar que não se trata de uma revolta com cunho separatista,

mas sim de um ato heróico de um povo que tem em o objetivo de realizar uma espécie de “união sagrada” entre os Estados brasileiros, tendo na figura de Getúlio Vargas a síntese destes séculos de luta, a síntese do passado heróico do Rio Grande do Sul.



Figura 24: Getúlio Vargas e o povo.

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

291

De Porto Alegre ao Rio de Janeiro com o Sr. Getúlio Vargas



O dia da partida do presidente Getúlio Vargas e seu E-Maior para a frente de batalha. A população em delírio o aclama na estação da V. F. R. G. S.

por Vargas Neto

Figura 25: Partindo de trem.

DE PORTO ALEGRE AO RIO DE JANEIRO COM O SR. GETULIO VARGAS

Antes da partida

Quando, a 5 de Outubro, levantou-se em armas todo Paraná, e o General Plínio Tourinho, que assumira a chefia desse movimento, comunicou ao Presidente Getulio que as forças Paranaenses estavam a seu dispor, ficou resolvido que o Presidente Getulio Vargas, com o seu Estado Maior, estabelecesse o seu Quartel General numa cidade paranaense próxima ao "front"...

Iniciaram-se os preparativos para a marcha!

Todos queriam seguir o com-

mandante em chefe das forças nacionais. Era uma luta de pedidos e recusas. A cada um chegará a vez, — era a resposta!

Ficou fixada a comitiva presidencial.

A composição organizada não tinha lugar para mais ninguém.

Era necessário partir imediatamente para o campo de operações. A luta em poucos dias se havia deslocaado completamente para as fronteiras de Paraná com S. Paulo. O Rio Grande do Sul em peso com a Revolução, Santa Catharina em nosso poder com toda a linha ferroviaria, restando, apenas, ao inimigo,

a ilha de Florianopolis, completamente isolada do continente pelas nossas forças.

Marcharíamos á hora que o Presidente ordenasse. Estava em sigilo o dia da partida, porque o sr. Getulio Vargas queria partir sem que o povo presentisse, para evitar aglomerações na gare, que sempre difficultam as providencias de embarque.

Transferiu-se um dia ou dois a partida.

No dia da marcha, 11 de Outubro, deveriamos sahir ás 17 horas;



S. Excia. o Presidente Getulio Vargas, com o seu imperturbavel sorriso, recebe o aplauso das multidões.

transferiu-se para ás 22, porque todo o povo de P. Alegre queria se despedir de seu Presidente, e era tal a massa popular que as immediações da estação da Viação Ferrea ficaram intransitaveis...

O sr. Getulio Vargas resolveu partir á meia noite, para diminuir a aglomeração, mas foi debalde a tardança...

A PARTIDA — Eram 11 horas e $\frac{3}{4}$ quando nos dirigimos a estação. Que difficultade para chegarmos ao trem! Eu tive a impressão que ficaria esmagado entre o povo, e não poderia embarcar.

Figura 26: Reportagem sobre a viagem de Getúlio Vargas.

5.3 – Mesmo personagem, uma nova abordagem: a representação do líder nacionalista

A partir de 1932 a *Revista do Globo* abandona a representação de Getúlio Vargas nos moldes de um líder regionalista, para alçá-lo à condição de personagem nacional, de alcance macro dentro da política brasileira. Aos poucos nascia aquele que ficaria no imaginário popular como o presidente carismático e enigmático da História da República do Brasil.

Em 1932 ocorreu a chamada “Revolução Constitucionalista de 1932”, liderada pelo Estado de São Paulo contra o governo provisório chefiado por Getúlio Vargas. Curiosamente, a *Revista do Globo* não apresenta nenhuma reportagem e nenhuma fotografia do presidente provisório. É somente em 1933 que Getúlio Vargas seria alvo da *Revista do Globo* e de suas reportagens, dando destaque à visita do então presidente norte-americano Franklin Roosevelt e sua passagem pelo Rio de Janeiro. Uma única ilustração de Roosevelt e Vargas aparece no número 123 da revista sob o título de “Os ditadores otimistas”. Ilustração já trabalhada em capítulo anterior e explorada em seus elementos constitutivos. (ver **Figura 27**). A palavra “ditadores” aqui assume um aspecto diferente do que estamos acostumados. Não se trata de algum termo pernicioso e descritivo de governos que maltratam a população e suprimem os direitos políticos e civis, características estas que marcam os governos ditatoriais dos quais temos registros ao longo do século XX e que foram abundantes nos mais diversos continentes. Pelo contrário, o termo sugere uma conotação positiva ao apresentar os políticos sorrindo na ilustração.

Já em 1934 a *Revista do Globo* voltaria a publicar imagens de Vargas em número mais expressivo do que o anterior. Reportagens sobre o governo e as atividades presidenciais voltariam a figurar entre as páginas do periódico. A edição de número 150 traz em seu editorial uma carta da revista dirigida ao agora “S. Excia. Presidente”. De caráter nostálgico lembra os primeiros anos da revista e o período que antecedeu sua criação, bem como a colaboração de Getúlio Vargas no incentivo de sua criação e na maneira como o então presidente estabeleceu laços e amizades com os editores e com o periódico nascido nas ruas de Porto Alegre, fruto dos encontros do grupo do “Café Colombo”, do qual Vargas fazia parte.

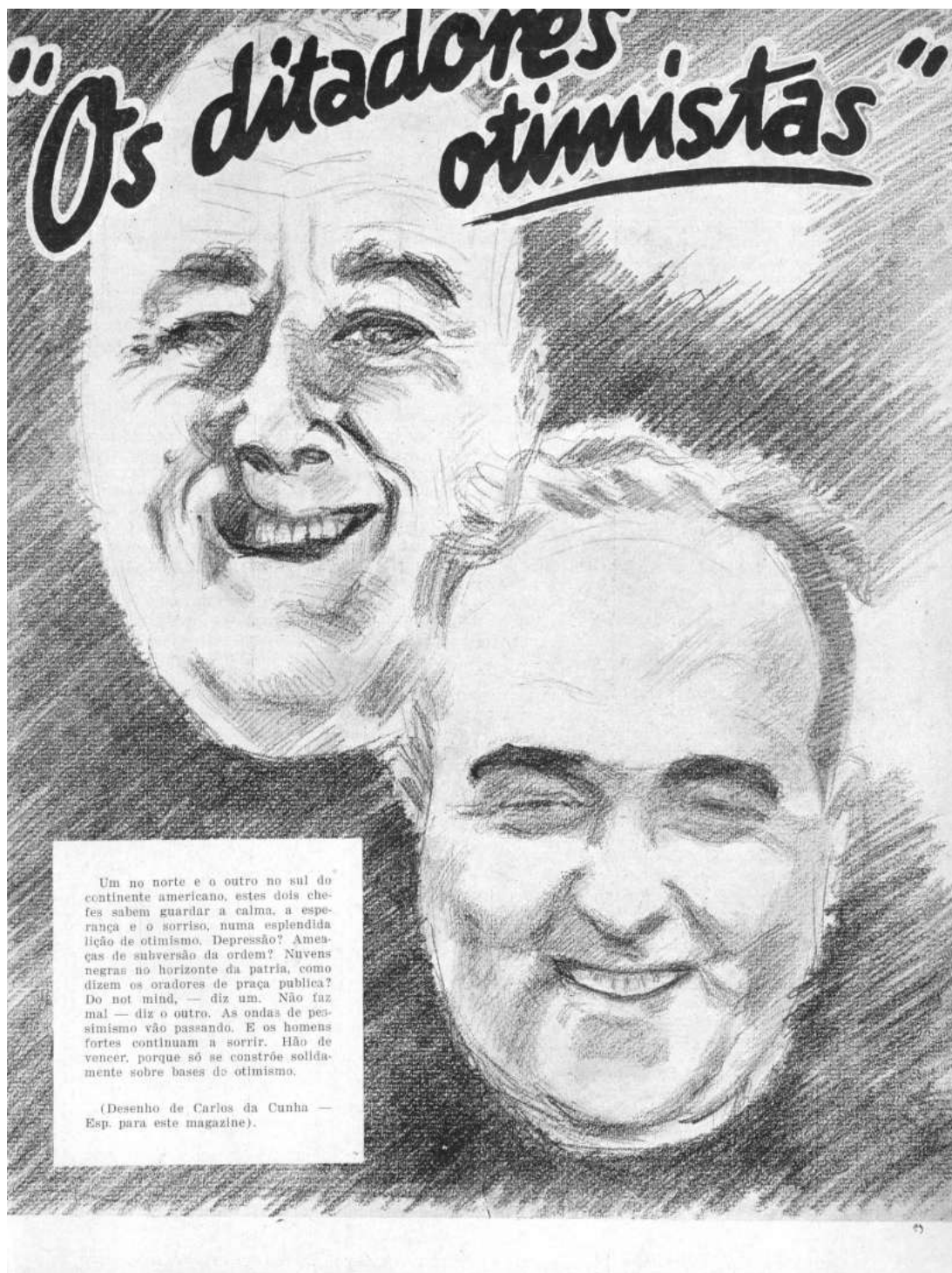


Figura 27: "E os homens fortes continuam a sorrir".

O editorial também faz questão de recordar o leitor que a *Revista do Globo* acompanha há muitos anos a vida política deste que agora deixava de ser apenas um político regional. Não mais apenas presidente do Estado do Rio Grande do Sul, a revista agora tratava Vargas como o “Sr. presidente da República do Brasil”.

Curiosamente este editorial receberia uma resposta. Publicada na edição seguinte, de número 151, através de uma carta assinada e escrita a punho pelo próprio Getúlio Vargas, em que o mesmo reitera o estreito laço de amizade que este possuía com os criadores e editores da revista, bem como agradece os trabalhos que a *Revista do Globo* tem prestado à cultura do Rio Grande do Sul, além de ser uma incentivadora das artes no Estado.

A revista exibiu com orgulho a cópia fiel da carta escrita pelo agora “Sr. Chefe da Nação Getúlio Vargas”, escrita em seu descanso na sua cidade natal de São Borja, e assinada em 4 de dezembro de 1934. Estes dois editoriais demonstram mais uma vez que a revista sempre teve apreço pela figura de Getúlio e que a recíproca era verdadeira. Vargas em sua carta garante e renova a amizade que lhe tanto rendeu frutos quando das publicações de sua campanha para presidente nas eleições de 1930, como destaca o serviço iconográfico grandioso do periódico quando da cobertura da “Revolução de 1930”.

A capa do número 150 da *Revista do Globo* traduz em partes a nova abordagem e o novo contexto de representação de Getúlio Vargas. Visitando o Estado do Rio Grande do Sul, Vargas aparece na capa ao lado do então presidente do Estado, Flores da Cunha. Os detalhes da fotografia ficam pelo sorriso característico que marcaria Getúlio ao longo de seus anos no poder nacional. De terno, o então senhor presidente da nação agora é tratado pela revista como um Chefe de Estado, um político nacional de altíssima importância. (ver **Figura 28**).

Inicia-se, então, a partir de 1934, uma série de reportagens que adotariam as atividades nacionais e internacionais do presidente Getúlio Vargas como eixo central de sua representação Estratégia que perduraria no periódico até 1937, quando da instituição do Estado Novo no Brasil. A página de número 8 deste mesmo número de 1934 demonstra como a abordagem da *Revista do Globo* muda o foco e o tratamento em relação à Getúlio Vargas. Trata-se de uma figura emblemática que antecede o tipo ou padrão de representação das imagens e ilustrações que marcariam o nacionalismo característico da propaganda política da Era Vargas. (ver **Figura 29**).



Figura 28: Getúlio Vargas e o governador estadual Flores da Cunha.



Figura 29: Getúlio Vargas e a bandeira nacional.

A imagem de Getúlio Vargas aparece em primeiro plano sobre um fundo que tem a bandeira nacional como destaque. De olhar altivo, a ilustração representa Vargas em pleno poder nacional. Aquele projeto de nação chega ao seu ápice, Vargas e o Brasil passam a serem apenas um. Nota-se também que a bandeira nacional fica em segundo plano em relação à Vargas. Sua roupa clássica representa a modernidade do candidato e sua evolução política, deixando de ser um político de liderança regional para se tornar uma referência nacional. A própria legenda indica que Vargas agora não é o “gaúcho em marcha”, mas o “Chefe da Nação brasileira”. Em nada lembram as representações bélicas que remetiam ao passado militarizado do Rio Grande do Sul que outrora marcaram as fotografias e ilustrações nos primeiros anos da *Revista do Globo*, fazendo alusão ao imaginário farroupilha para a construção da “ideia-imagem” do “Líder Regionalista. Em 1934, não há mais espaço para esta “ideia-imagem”, que foi substituída por outra, a de “Chefe da Nação”

Neste período de representação de Getúlio Vargas nas páginas da *Revista do Globo*, há uma nova abordagem em suas imagens e fotografias. Seu governo agora cresce em destaque internacional e Getúlio se vê em compromissos internacionais. A farda militar dá lugar aos ternos, mas o sorriso que marca a representação carismática do líder político moderno permanece nesta segunda fase do periódico. A “ideia-imagem” de “Chefe da Nação” traduz para o leitor da revista um Getúlio Vargas estadista, livre da imagem de homem regional, por outro lado, longe dos elementos que o aproximaram dos leitores de Porto Alegre nos primeiros anos do periódico.

Assuntos internacionais e visitas internacionais. Os assuntos do Brasil estão em representação. Sua visita ao Uruguai e a Argentina, bem como a recepção por parte dos governos vizinhos demonstram muito bem que não se trata mais apenas de um político regional. Getúlio Vargas crescera em importância e alcançara lugar de destaque na América do Sul, e o periódico faz questão de publicizar. Na foto em destaque, em que Getúlio Vargas aparece ao lado de Gabriel Terra, presidente do Uruguai, a *Revista do Globo* não deixa de indicar na legenda a capacidade de “atrair a paz” do senhor presidente Vargas, 1 ao visitar os vizinhos, estreitando amizades do Brasil com o Uruguai e a Argentina, que segunda a revista ocorre por “fortes e velhos laços de amizade e simpatia” entre estes países (ver **Figura 30**).

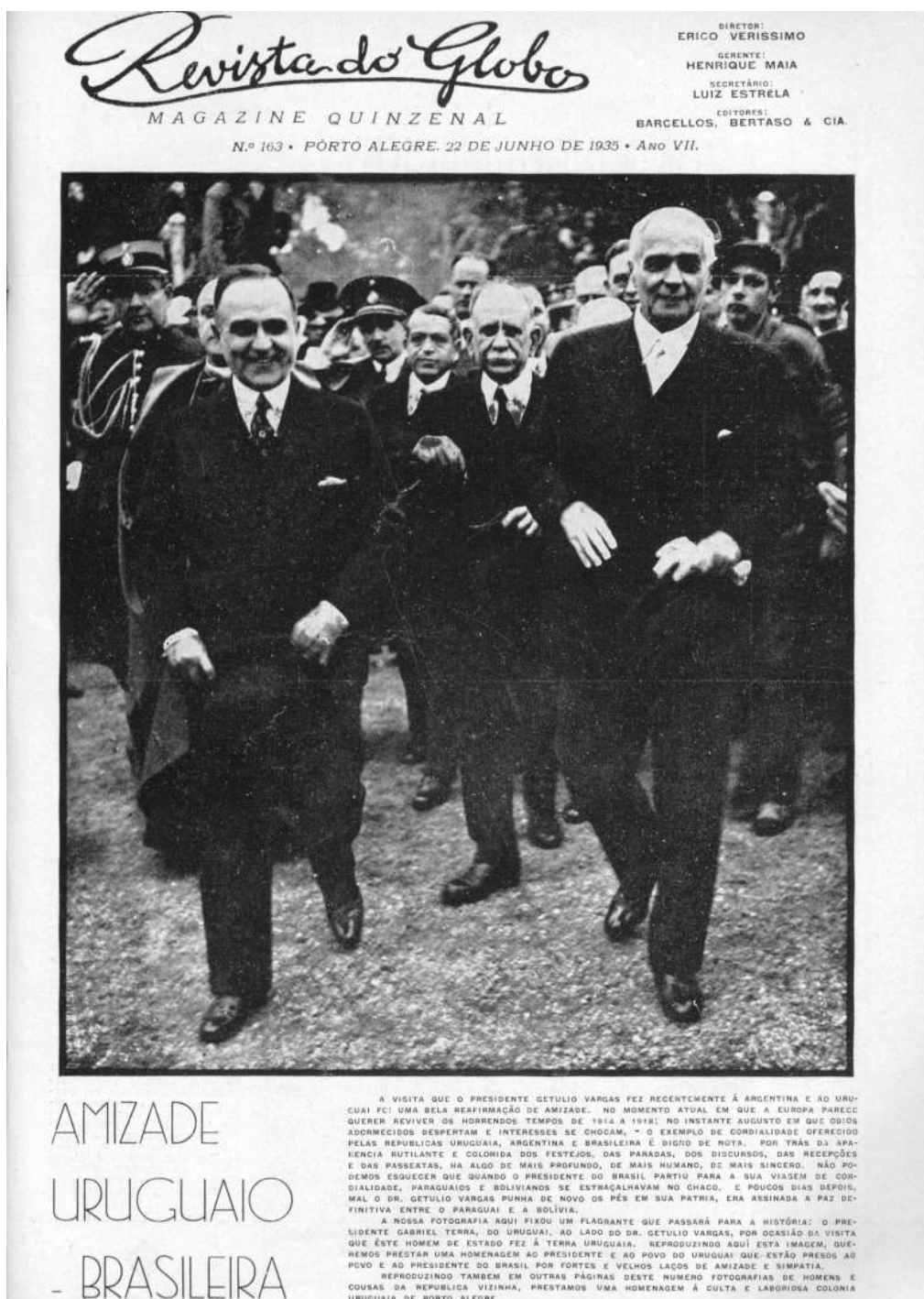


Figura 30: Getúlio Vargas e o presidente Gabriel Terra do Uruguai.

Mais duas fotografias demonstram esta fase diferente de representação de Getúlio Vargas nas páginas da *Revista do Globo*. Seus compromissos nacionais também recebem um tratamento de luxo. Percebe-se na primeira fotografia (ver **Figura 31**) um lugar de destaque no plano da imagem para Getúlio Vargas, que representado com seu terno assume

o visual do estadista que está conectado à moda em voga. Terno impecável e alinhado, a boa forma do presidente indica o vigor e a força com que representaria esta fase de seu governo. Logo abaixo ganha destaque o evento de gala em que Vargas participa.



Figura 31: Eventos militares e acadêmicos com a participação de Getúlio Vargas.

No segundo jogo de fotografias, o periódico mostra um Getúlio Vargas mais descontraído e receptivo. Em uma comemoração, Vargas saboreia possivelmente um

champagne e ouve atento seus aliados políticos. Mais uma vez, o sorriso é parte principal das montagens, o aspecto de diversão e carisma do presidente ganham destaque nas páginas da *Revista do Globo*. (ver **Figura 32**).



Figura 32: Getúlio e o carisma que o caracterizaria na memória do povo.

5.4 – Aspectos da vida social

Outro aspecto importante da revista foi representar Getúlio Vargas em sua vida cotidiana, aproximando-o mais do seu público leitor. Em diversos momentos o presidente foi apresentado em reportagens em suas férias ou em momentos de lazer com a família e amigos. Denominamos este eixo temático de “vida social”, em que se cria uma “ideia-imagem” de “Homem do Povo”, apresentando o então “Chefe da Nação” em seu cotidiano e em seus compromissos familiares. Mesmo sendo um chefe, um líder político, a necessidade de localizá-lo no campo da vida social é extremamente importante para o periódico, que procura mostrar o lado simples do político, tratando de humanizá-lo.

Seja em um piquenique, churrasco, descansando com a família ou em uma tarde de turfe, Getúlio Vargas foi representado como um líder que manteve sua sociabilidade intacta, indo a vários eventos como casamentos e festas (ver **Figuras 33, 34 e 35**). Seu carisma e sua habilidade política foram lapidados ao longo dos anos, e seu sorriso marcaria a política nacional. Popular e populista soube como ninguém utilizar isso a seu favor. Tão distante e tão perto do povo ao mesmo tempo, Getúlio Vargas representou o homem gaúcho que virou Chefe da Nação e galgou seu lugar nos anais da História do Brasil.

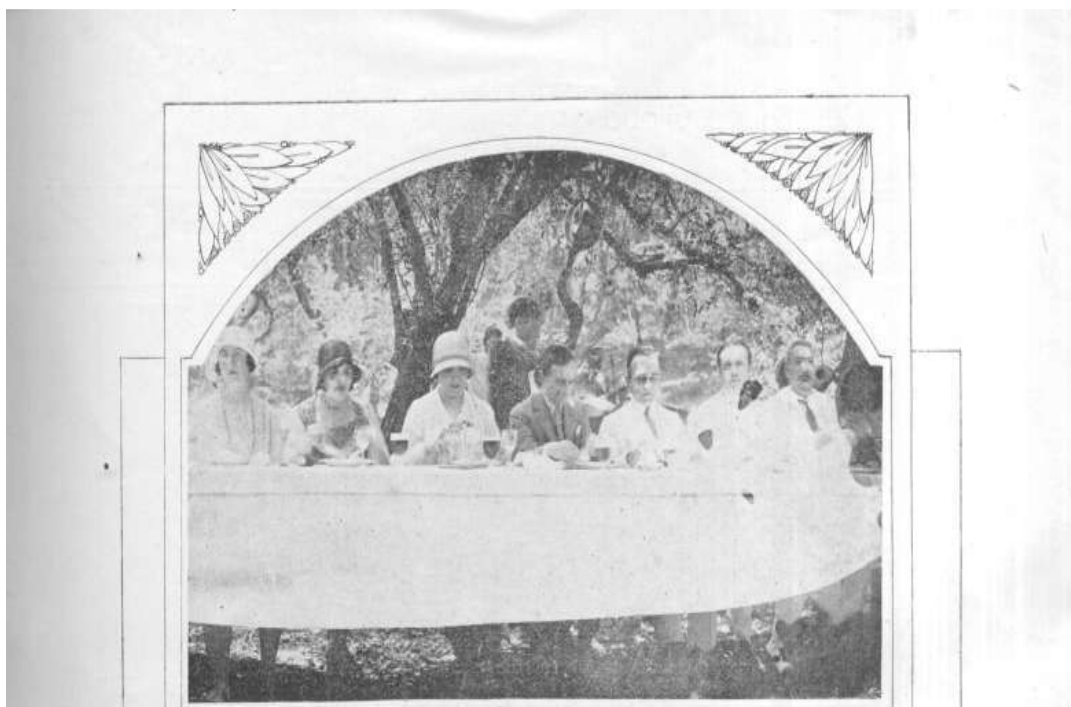


Figura 33: Getúlio Vargas em almoço.



Figura 34: Getúlio Vargas com esposa e Miss Rio Grande do Sul no turfê.



Figura 35: Getúlio Vargas em momento de descanso com a família.

Ao mostrar o líder em seu ambiente cotidiano, descansando com a família ou em eventos sociais, as imagens de Getúlio Vargas publicadas na *Revista do Globo* têm um papel decisivo em demonstrar que, mesmo se tratando Chefe da Nação, Vargas não abandonou sua ligação com a população, com o povo gaúcho. O político gaúcho se modernizara, ocupara o principal cargo representativo da Nação, mas seus costumes continuavam inalterados.

Vargas seria famoso também por suas atividades sociais. Sua vida social foi intensa e representada entre os anos de 1929 e 1937, período que compõe esta pesquisa, de forma a retratar o homem de sua época, e de seu *status* social. Elegante e bem vestido, Getúlio, famoso também pela vida boêmia e pela relação com mulheres fora do casamento, aparece nas fotografias abaixo em festas de gala. O “baile dos Estados” demonstra bem esta representação de Vargas. Em local de destaque e de terno, Getúlio aparece nos meios sociais onde a sociedade convive, e onde a sociedade define os rumos da vida política do país (ver **Figuras 36 e 37**).



Figura 36: Baile dos Estados na Sociedade Philosophia.



Figura 37: As recepções organizadas por Getúlio e esposa.

Não se trata de um homem público que vai apenas a festas organizadas pelo governo. Getúlio convive e frequenta os espaços sociais onde antes de ser presidente também frequentava. É importante salientar esta convivência junto ao povo, mesmo que ali esteja representada uma parcela da sociedade brasileira, mais especificadamente a elite, e não aquela que representa o apoio popular que seria responsável por manter Getúlio Vargas no poder de 1937 a 1945. O importante aqui é salientar que ao representar Getúlio Vargas circulando nos meios sociais, a *Revista do Globo* cria uma “ideia-imagem” de “Homem Comum” que associa outros significados à figura do estadista.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns personagens políticos possuem lugar cativo na memória individual e coletiva do grupo social no qual agiram e influenciaram durante suas vidas. São nomes que perpetuam seus feitos e realizações para o bem e para o mal. Constantemente lembrados como parâmetros para uma eterna comparação com aqueles que os sucederam, estes personagens viverão eternamente de uma maneira ou outra.

Se não mais vivem fisicamente, seus espectros políticos ainda permanecem vivos e são alvo de estudos e constantes pesquisas. São determinantes para a estruturação da sociedade onde vivem. Como diz Bronislaw Baczko:

O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida colectiva. As referencias simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem a mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e as instituições sociais, etc. [cf. Gauchet 1977]. O imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controlo da vida colectiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder. [sic]. (BACZKO, 1985, p. 309-310).

Getúlio Vargas, político nascido em São Borja no Rio Grande do Sul, foi um destes personagens políticos que povoam o imaginário coletivo, neste caso do Brasil. Alvo constante de críticas e elogios, os anos em que esteve envolvido na política do Estado gaúcho e na política nacional ficaram marcados na História do Brasil como o período onde o “Brasil moderno” nasceu. Sua carreira política foi desenvolvida sob os argumentos do positivismo, forjado e modificado em solo gaúcho pelos representantes máximos do PRR, Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, e consolidada por meio de suas atuações como Deputado Estadual e Federal, e como Presidente do Estado do Rio Grande do Sul que o ajudaram a criar uma imagem que mais tarde seria trabalhada e moldada para conquistar a Nação. Sua imagem foi utilizada pela propaganda política do Estado Novo como instrumento de aproximação entre o Chefe da Nação e o povo brasileiro. O povo aprendeu a cultuar sua imagem atrelada às suas ações políticas, como reformas educacionais, criação de leis de proteção aos direitos dos trabalhadores, sua ação junto aos sindicatos, a permissão do voto às mulheres, bem como seus desfiles cívicos e de culto à sua imagem ajudaram na construção de seu mito político.

Por muitas vezes os mitos ultrapassam o campo físico e permanecem como presença constante. Getúlio Vargas inaugura o rol de políticos emblemáticos do século XX no Brasil. Muitos estudiosos e analistas políticos tentam encontrar os resquícios de Vargas

nas ações dos políticos do presente na clara ideia de que sua atuação política o tornou uma referência para a política nacional, mais uma vez, para o bem e para o mal.

Autores clássicos como Boris Fausto, Maria Celina D'Araujo e Thomas Skidmore pesquisaram a vida particular e política de Getúlio Vargas com grande êxito e com trabalhos de muito fôlego. Porém a historiografia tradicional do período sempre deu ênfase ao estabelecimento do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) como o grande marco decisivo na construção da imagem de Getúlio Vargas como um mito e símbolo político junto à população brasileira. Joseph Love também escreveu um clássico sobre a trajetória política de Vargas em seu âmbito regional e suas origens políticas e ideológicas.

Mas mesmo assim, a questão do culto de sua imagem sempre esteve associada ao DIP e ao Estado Novo. A partir de sua criação em 1939, este departamento ficou envolvido em elaborar planos e diretrizes para a propaganda e publicidade do governo de Getúlio, sempre associando seu governo à sua imagem, uma representação de um homem que extrapolava a imagem de político, fora transformado em um “pai” dos brasileiros.

Não coube a este trabalho sustentar a ideia de que a *Revista do Globo* influenciou o que viria a ser a propaganda política do Estado Novo, mas sim de lançar novos horizontes e novas possibilidades na interpretação do uso da imagem na construção de Getúlio Vargas como mito político. Mais do que amizade com os editores e donos da Editora e Livraria do Globo, Getúlio Vargas representou um papel importante nas páginas da *Revista do Globo*. Foi figura constante e um dos políticos mais representados nas páginas do periódico.

Espera-se que com esta pesquisa outras mais apareçam e contribuam para o avanço nos estudos sobre periódicos e seus possíveis usos políticos. Sobre a *Revista do Globo* e seus editoriais e artigos fica a dica e o desejo por uma pesquisa mais intensa e de mais fôlego. Cláudio de Sá Machado Júnior também alerta para este fato quando se refere aos artigos, às diversas seções, aos editoriais e do potencial deste periódico como fonte de pesquisa:

[...] vale destacar a importância das capas, das publicidades, das crônicas e demais gêneros literários de maior expressão, das charges e caricaturas carregadas de sátira e crítica social, dos espaços destinados às críticas de arte, de literatura e de cinema, assim como aqueles que trazem a imagem das próprias obras em questão. Os editoriais também são um caso à parte. Em sua maioria são riquíssimos para a análise histórica, pois ali se encontram de forma mais clara as intenções daqueles que dirigiram a revista ao longo de sua primeira década de existência...”. (JÚNIOR, 2009, p. 72).

Então, cria-se a partir desta pesquisa a possibilidade de também incentivar outras mais que possam cobrir lacunas e aprofundar temas que esta tenha suscitado sobre as representações de Getúlio Vargas. Trabalhar outros aspectos da *Revista do Globo* iriam contribuir para o avanço na pesquisa com imagens e periódicos do Rio Grande do Sul, visto que muitos outros periódicos encontram-se à espera de pesquisadores e de questionamentos. Mais do que os avanços nas técnicas e de marcos na História da imprensa do Estado do Rio Grande do Sul, os usos políticos dos periódicos ainda se encontram por serem pesquisados e problematizados.

Buscar novas interpretações para antigos problemas foi o desafio desta pesquisa, bem como colaborar para que o campo das imagens como fonte de pesquisa para a História sejam ampliados e debatidos. Buscou-se uma nova visão para a construção do mito político de Getúlio Vargas analisando o caso específico da *Revista do Globo*.

Ao tirar sua própria vida em 1954, Getúlio Vargas deixou para trás um legado e um desafio aos pesquisadores. Debruçar-se sobre a História daquele que foi e sempre será a maior referência da política nacional, torna-se um desafio ainda presente para a historiografia brasileira em pleno século XXI. Muitas outras lacunas ainda esperam serem preenchidas, muitas outras pesquisas continuam em andamento e irão colaborar para o crescimento da historiografia nacional acerca dos anos de Getúlio Vargas no poder, bem como da construção e representação de sua imagem.

No imaginário social é que Getúlio Vargas encontrou espaço de perpetuação, sua representação próxima ao povo, próxima aos “mortais” durante sua vida o auxiliou a entrar para a História como o presidente da República do Brasil mais lembrado de todos. Foi líder político regional, foi presidente do Estado do Rio Grande do Sul, revolucionário, presidente da República, ditador e representante em todas estas fases dos anseios populares. Vargas soube representar muito bem o papel de líder da Nação. Carismático e capaz de operar mobilizações populares utilizou-se de todos os meios possíveis para se perpetuar no poder, foi “pai dos pobres e mãe dos ricos”. Foi a representação mais fiel do populismo que percorreu a América Latina durante o século XX.

Percebeu-se uma clara representação de Getúlio Vargas entre os anos de 1929 onde sua imagem é associada aos elementos regionais e militares do homem do Rio Grande do Sul, sendo sua imagem constantemente associada ao passado guerreiro e fronteiriço do estado. Esta mesma imagem é representada de forma diferenciada após seu

estabelecimento como chefe do governo provisório, ao longo dos anos em que foi o chefe máximo da nação, Vargas foi representado como o legítimo Chefe da Nação brasileira, representante do projeto de modernização do país, abandonando assim as representações anteriores, voltadas aos elementos regionais como antes fora dito.

Esperamos ter contribuído com esta pesquisa para o avanço dos estudos em relação à imagem de Getúlio Vargas, bem como ter estabelecido uma alternativa ao que tradicionalmente se consagra na historiografia do estudo da imagem de Vargas como sendo somente a partir de 1939 e do estabelecimento do DIP que o uso político de sua imagem se faz. Obviamente é a partir de 1939 e do Departamento de Imprensa e Propaganda que a figura de Getúlio Vargas é alçada aos lares e escolas do Brasil como símbolo de seu governo e atrelada ao projeto de Brasil nação. Porém, tentamos demonstrar que a utilização e representação política de sua imagem se deram também de forma intensa em um periódico nascido no Rio Grande do Sul em 1929 e que esta prática antecede em exatos 10 anos a criação do DIP, bem como suas atividades.

Espera-se também que esta pesquisa contribua ainda mais no estudo daquele que ao findar a própria vida entrou para as páginas da História do Brasil. Mais uma vez é necessário dizer, para o bem e para o mal, Getúlio Vargas sempre será a sombra dos governos que virão ao longo da história deste país, sempre será alvo de críticas, positivas ou negativas, mas sempre será parâmetro de consulta e de análise.

5. REFERÊNCIAS

- ABREU, Luciano Aronne de. **Getúlio Vargas: a construção de um mito (1928-30)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- ALVIM, N. Pinheiro Machado. **Porto Alegre: IEL, 1991. 105 p. (Rio Grande Político)**.
- ARAÚJO, Eduardo Barreto. **As Representações da Revolução de 1930 nas páginas da Revista do Globo (1929-1932)**. UNISC, 2011.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. São Paulo, Editora Papirus, 7ª edição, 2002.
- BACZKO, Bronislaw. “**A imaginação social**”. In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da história**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, c2011. 4 v.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. Editora Difel, 4ª edição, 2009.
- BASTOS, Pedro Paulo Zahluth; FONSECA, Pedro Cezar Dutra (orgs.). **A Era Vargas: desenvolvimento, economia e sociedade**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- BECKER, Jean-Jacques. **A opinião pública**. In: **RÉMOND, René (org.)**. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ/ Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Pref. Jeanne-Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BONI, Paulo César. **Fotografia: usos, repercussões e reflexões**. Londrina: Midiograf, 2014.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand-Brasil, 1989. 314 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A Força da Representação**. In: **BOURDIEU, Pierre**. **Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- BOURNE, Richard. **Getúlio Vargas: a esfinge dos pampas**. São Paulo: Geração Editorial, 2012.
- BOUTIER, J.; JÚLIA, D. **Passados recompostos: campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998. 350 p.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem/ Dulcília Schroeder Buitoni Magaly Prado* (Organizadora da coleção). São Paulo: Saraiva, 2011.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1994.

BURKE, Peter. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1994. 354 p.

BURKE, Peter. **Sociologia e História**. Porto: Afrontamento, 1980.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 318 p.

CANABARRO, Ivo dos Santos. **Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações**. In: **Estudos Ibero-Americanos**. Vol. XXXI, n.º 2. Porto Alegre: PUCRS, dezembro 2005. Pp. 23-39.

CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e bordados: escritos de história e política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CASSIRER, Ernst. **O mito do estado**. São Paulo: Codex, 2003.

CASTRO, Maria Helena Steffens de. **A publicidade na *Revista do Globo*: intercorrência da literatura na construção do discurso publicitário sul-rio-grandense**. 227 f. Tese (Doutorado em Letras) -- Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2001.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 244 p.

CHARTIER, Roger. **A história hoje: dúvidas, desafios, propostas**. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, nº 13, 1994.

D'ARAUJO, Maria Celina. **A Era Vargas**. São Paulo: Moderna, 1997.

D'ARAUJO, Maria Celina. **Getúlio Vargas**. Brasília (DF): Centro de Documentação e Informação, 2011.

D'ARAUJO, Maria Celina. **O estado novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

D'ARAUJO, Maria Celina. **Getúlio Vargas**. Brasília Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

DALMÁZ, Mateus. **A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DOSSE, F. **A História à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo: UNESP, 2001. 321 p.

ETCHEVERRY, Carolina Martins. **Visões de Porto Alegre nas fotografias dos Irmãos Ferrari (c. 1888) e de Virgílio Calegari (c. 1912). 159 f.** Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) -- Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

FAUSTO, Bóris (Dir.). **O Brasil republicano**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. 4 v. (História Geral da Civilização Brasileira; 8-11).

FAUSTO, Bóris. **A revolução de 1930: historiografia e história**. 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FELIZARDO, José Joaquim. **História Nova da República Velha: Do manifesto de 1870 à revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

GERTZ, R. E. **O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 271 p.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 281 p.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. **De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso: um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)**. 1ª edição. Porto Alegre: Editoras Associadas, 2009.

HUNT, L. (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Coleção O Homem e a História).

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, Editora Papirus, 11ª edição, 2009.

JULLIARD, Jacques. **A política**. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (org.). **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

KERN, Maria Lúcia Bastos. **Tradição e modernidade: a imagem e a questão da representação.** Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, vol. XXXI, n. 2, p. 7-20, 2005.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual.** In: ArtCultura. Vol. 8, n.º 12. Uberlândia: UFU, janeiro-junho 2006. Pp. 97-115.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história.** 2ª edição. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo.** Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** 4ª edição. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

LOVE, Joseph L. **O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930.** São Paulo: Perspectiva, 1975.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Fotografias e códigos culturais: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista Careta (1919-1922).** 145 f. Dissertação (Mestrado em História) -- Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Imagens da sociedade porto-alegrense: vida pública e comportamento nas fotografias da Revista do Globo (década de 1930).** São Leopoldo: Oikos, 2009.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: Fotografia e História, Interfaces.** In: *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 73-98.

MAUAD, Ana Maria. **Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFF, 1990.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares.** In: *Revista Brasileira de História.* Vol. 23, n.º 45. São Paulo: ANPUH, 2003, p. 11-36.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico.** In: *Tempo.* Nº 14. Rio de Janeiro, 2002, p. 131 – 151.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio.** In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 323-350.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação.** Petrópolis: Vozes, 1992.

PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 332 p.

PESAVENTO, S. J. **A invenção da sociedade gaúcha.** In: Ensaios FEE. Porto Alegre, v.14, n.2, p.383-396, 1993.

PESAVENTO, S. J. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre.** Porto Alegre: UFRGS, 1999. 393 p.

PESAVENTO, S. J. **República Velha Gaúcha: charqueadas, frigoríficos e criadores.** Porto Alegre: Movimento/IEL, 1980. 305 p. (Coleção Documentos, 18)

PESAVENTO, S. J. **RS: a economia e o poder nos anos 30. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. 190 p.** (Série Documenta, 5)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Nação e região: diálogos do “mesmo” e do “outro”(Brasil e Rio Grande do Sul, século XIX).** In: PESAVENTO, Sandra et al (Orgs.). *História cultural: experiências de pesquisa.* Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003. p. 209-244.

PESAVENTO, Sandra Jatahy Pesavento. SANTOS, Nádya Maria Weber. ROSSINI, Miriam de Souza. **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural.** Porto Alegre, RS: Editora Asterisco, 2008.

PICCOLO, Helga. **“A Política Rio-Grandense no Império”.** In: RS: Economia & Política, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979, pp. 93-117.

RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política.** Rio de Janeiro: UFRJ/ Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo.** Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1993.

SILVA, C. Pinheiro Machado. **Brasília: Unb, 1982. 163 p.** (Coleção Temas Brasileiros, 23)

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: De Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930 – 1964).** 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOARES, Liziane do Espírito Santo. **Gênero e poder na *Revista do Globo*.** Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador, n. 25, p. 1-13, 2002. Disponível em <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/18696>>.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOSA, Derocina Alves Campos. **A História Política do Brasil (1930 – 1934) sob a ótica da imprensa gaúcha.** Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense, vol. 39. Rio Grande, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007.

SOULANGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência**. São Paulo: SENAC, 2010.

TOMAIM, Cássio dos Santos. **“Janela da Alma: Cinejornal e Estado Novo – fragmentos de um discurso totalitário**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UNESP, 2004.

TORRESINI, Elizabeth W. R. **Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40**. São Paulo: USP, 1999.

VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a Paróquia e a Corte: uma análise da elite política do Rio Grande do Sul (1868-1889)**. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História/ IFCH/ UFRGS, 2007.

WINTER, Jay. **A geração da memória: reflexões sobre o “boom da memória” nos estudos contemporâneos de história**. In: **Palavra e imagem: memória e escritura**. Seligmann-Silva, Márcio. Chapecó: Argos, 2006.

FONTE:

Revista do Globo. **Edição nº 1, 1929.**

_____ . **Edição nº 2, 1929.**

_____ . **Edição nº 3, 1929.**

_____ . **Edição nº 4, 1929.**

_____ . **Edição nº 5, 1929.**

_____ . **Edição nº 6, 1929.**

_____ . **Edição nº 10, 1929.**

_____ . **Edição nº 13, 1929.**

_____ . **Edição nº 14, 1929.**

_____ . **Edição nº 15, 1929.**

_____ . **Edição nº 16, 1929.**

_____ . **Edição nº 17, 1929.**

_____ . **Edição nº 18, 1929.**

_____ . **Edição nº 19, 1929.**

- _____ . Edição n° 20, 1929.
- _____ . Edição n° 22, 1929.
- _____ . Edição n° 23, 1929.
- _____ . Edição n° 24, 1929.
- _____ . Edição n° 25, 1930.
- _____ . Edição n° 27, 1930.
- _____ . Edição n° 28, 1930.
- _____ . Edição n° 29, 1930.
- _____ . Edição n° 31, 1930.
- _____ . Edição n° 35, 1930.
- _____ . Edição n° 36, 1930.
- _____ . Edição n° 37, 1930.
- _____ . Edição n° 38, 1930.
- _____ . Edição n° 39, 1930.
- _____ . Edição n° 40, 1930.
- _____ . Edição n° 42, 1930.
- _____ . Edição n° 43, 1930.
- _____ . Edição n° 44, 1930.
- _____ . Edição n° 45, 1930.
- _____ . Edição n° 46, 1930.
- _____ . Edição n° 47, 1930.
- _____ . Edição n° 48, 1930.
- _____ . Edição n° 49, 1931.
- _____ . Edição n° 50, 1931.

- _____ . Edição n° 52, 1931.
- _____ . Edição n° 61, 1931.
- _____ . Edição n° 62, 1931.
- _____ . Edição n° 64, 1931.
- _____ . Edição n° 67, 1931.
- _____ . Edição n° 69, 1931.
- _____ . Edição n° 72, 1931.
- _____ . Edição n° 73, 1931.
- _____ . Edição n° 74, 1931.
- _____ . Edição n° 76, 1931.
- _____ . Edição n° 82, 1932.
- _____ . Edição n° 85, 1932.
- _____ . Edição n° 95, 1932.
- _____ . Edição n° 97, 1932.
- _____ . Edição n° 101, 1932.
- _____ . Edição n° 102, 1932.
- _____ . Edição n° 116, 1933.
- _____ . Edição n° 123, 1933.
- _____ . Edição n° 127, 1933.
- _____ . Edição n° 144, 1934.
- _____ . Edição n° 150, 1934.
- _____ . Edição n° 151, 1934.
- _____ . Edição n° 152, 1935.
- _____ . Edição n° 163, 1935.

_____ . Edição n° 169, 1935.

_____ . Edição n° 170, 1935.

_____ . Edição n° 196, 1936.